

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DE MARINGÁ
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTES
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS (MESTRADO)**

MARIA DANIELLE MENDES

**OS SENTIDOS DE FAMÍLIA NO *FANTÁSTICO*:
DESTACABILIDADE E AFORIZAÇÃO**

MARINGÁ
2010

MARIA DANIELLE MENDES

**OS SENTIDOS DE FAMÍLIA NO *FANTÁSTICO*:
DESTACABILIDADE E AFORIZAÇÃO**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras, Área de Concentração: Estudos Linguísticos, Linha de Pesquisa: Estudo do Texto e do Discurso, da Universidade Estadual de Maringá, como requisitos para a obtenção do título de Mestre em Letras.

Orientadora: Prof^ª. Dr^ª. Sônia Aparecida
Lopes Benites

MARINGÁ
2010

MARIA DANIELLE MENDES

**OS SENTIDOS DE FAMÍLIA NO *FANTÁSTICO*:
DESTACABILIDADE E AFORIZAÇÃO**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras, Área de Concentração: Estudos Linguísticos, Linha de Pesquisa: Estudo do Texto e do Discurso, da Universidade Estadual de Maringá, como requisitos para a obtenção do título de Mestre em Letras.

Aprovada em _____.

BANCA EXAMINADORA

Prof^a. Dr^a. Sônia Aparecida Lopes Benites
Universidade Estadual de Maringá - UEM
Presidente

Prof. Dr. Pedro Luis Navarro Barbosa
Universidade Estadual de Maringá - UEM
Membro Titular

Prof. Dr. Sírio Possenti
Universidade Estadual de Campinas - UNICAMP
Membro Titular Externo

“Família, um sonho ter uma família.
Família, um sonho de todo dia.
Família é quem você escolhe pra viver.
Família é quem você escolhe pra você.
Não precisa ter conta sanguínea.
É preciso ter sempre um pouco mais de sintonia.”

O Rappa

AGRADECIMENTOS

Com certeza, este é um dos momentos mais especiais e gratificantes do mestrado, por alguns motivos:

É o momento que me sinto mais tranqüila, na frente do computador. Posso escrever sem precisar pensar muito, só com o coração! Parece que estou até respirando diferente.

É o momento de agradecer muito a Deus, pelo fim de mais uma etapa. Concluir o mestrado é mais que a realização de um sonho; é uma prova de que “dei conta do recado”, apesar de todos os desafios. Conquistar um título de mestre na UEM é motivo de muito orgulho!

É o momento de lembrar que não foi fácil acordar tantas madrugadas, fazer tantas leituras, desvendar conceitos teóricos, me desdobrar para dar conta do trabalho e dos estudos. Mas, é também o momento de recordar as alegrias: tirei “A” em todas as disciplinas; consegui defender a dissertação antes do tempo previsto e tive o prazer de apresentar parte do meu trabalho para o ilustre Dominique Maingueneau, autor que serviu de base para esta dissertação.

E tudo isso só foi possível graças ao carinho e o incentivo das pessoas que me amam e compartilharam comigo esses anos de vida acadêmica. Algumas com palavras, outras com gestos. Agradeço:

Ao meu marido Octávio Henrique, que também merece o título de “mestre” - mestre do incentivo, mestre do apoio, mestre da dedicação. Em todas as madrugadas que acordei para estudar, foi ele que sempre colocou o relógio para despertar. Depois daquele barulhinho chato, a fala carinhosa: “Amor, você precisa de alguma coisa? Se precisar, é só me chamar. Força na peruca! Falta pouco! Te amo!”

Aos meus pais, Luiza e Julio. Minha mãe, sempre preocupada, sofreu junto comigo desde a primeira prova para aluna especial, fez novenas e nunca deixou de me incentivar. Meu pai nunca teve muita noção do que significa o mestrado, mas sempre dizia: “É isso aí filha, tem que estudar mesmo! A “Nega” só me dá orgulho”.

À melhor irmã do mundo, Ana Paula, que mesmo de longe, nunca deixou de me animar com palavras de apoio. “Dani, você é batalhadora, sempre conseguiu tudo que quis e vai conseguir mais esta!” Sentimos, simultaneamente, a pressão de fazer o mestrado e a alegria de ser o orgulho da família! Duas mestres em 2010!

Aos meus sogros, Cida e Luiz, que torceram por mim e compreenderam a minha ausência em vários momentos. Obrigada pelo carinho!

O mestrado também me trouxe algumas lições:

“Dani, você não está apostando corrida com ninguém!”. Vou carregar sempre essa frase da minha querida orientadora Sonia, principalmente para minha vida pessoal. Sutilmente, ela mostrou que preciso ser menos ansiosa. Nossas orientações nunca foram simples orientações. Nós nos tornamos confidentes, trocamos experiências, rimos, conversávamos sobre o mestrado, e, acima de tudo, sobre a casa, a família, as dificuldades, as alegrias... Agradeço imensamente a Deus por existir a terceira opção de orientador no mestrado. Professora, obrigada por tudo! Você só me fez o bem e tornou-se um exemplo para mim! É a melhor orientadora que poderia cruzar o meu caminho.

Conquistei duas amigas queridas no mestrado: Valquíria e Adriana. São duas pessoas que valem ouro. Foi muito bom compartilhar trabalhos, angústias e alegria! Encontro vocês no doutorado!

A todos meus familiares e amigos que, de uma forma ou de outra, me apoiaram nesta longa caminhada, em especial, à minha amiga de longos anos, Michele Tomimori, pelas leituras do meu trabalho e pelas palavras sempre iluminadoras.

Ao meu chefe, Fernando Miranda, que sempre me liberou para as aulas e para as viagens para participar dos congressos. Sem isso, nada seria possível.

Enfim, com muita alegria encerro mais uma etapa na minha vida. Uma etapa repleta de sentidos:

Não sei... Se a vida é curta ou longa demais pra nós,
Mas sei que nada do que vivemos tem sentido, se não tocamos o coração das pessoas.

Muitas vezes basta ser:

Colo que acolhe, Braço que envolve,
Palavra que conforta, Silêncio que respeita,
Alegria que contagia, Lágrima que corre,
Olhar que acaricia, Desejo que sacia,
Amor que promove. E isso não é coisa de outro mundo,
É o que dá sentido à vida.
É o que faz com que ela
Não seja nem curta,
Nem longa demais,
Mas que seja intensa,
Verdadeira, pura... Enquanto durar

Cora Coralina

RESUMO

Em meio a significativas mudanças culturais, políticas, econômicas e tecnológicas ocorridas nas últimas décadas, a instituição familiar continua sendo tomada como referência social, agora com constituições e comportamentos da pós-modernidade. Ao lado das famílias tradicionais, que mantêm valores como a oficialização do casamento, a co-habitação de casais heterossexuais sob o mesmo teto, convivemos com modelos heterogêneos de família, que não admitem a necessidade de oficializar a união, nem sempre exigem a figura do pai ou a da mãe, admitem ser formados por casais homossexuais e por casais que optaram por não ter filhos. São manifestações das múltiplas facetas de uma instituição, que circulam por diferentes discursos e vêm contribuindo para a transformação do conceito de família. Com base nos pressupostos teóricos da Análise do Discurso de linha francesa, na perspectiva de Dominique Maingueneau (1995, 1996, 1997, 1998, 2005, 2008-c, 2008-d, 2008-e, 2008-f, 2010), nos propomos responder a seguinte questão: os enunciados destacados que ocorrem na revista eletrônica *Fantástico* contribuem para a constituição e circulação de sentidos sobre família? Nosso corpus é composto por uma série de cinco reportagens, veiculadas em agosto de 2008, mês em que o programa comemorou 35 anos. Cada uma dessas matérias baseia-se em uma cenografia que articula reportagem, entrevistas e dramatizações, num misto de informação e entretenimento. Para responder nossa pergunta de pesquisa, mobilizamos as noções de *ethos* discursivo, cena enunciativa, heterogeneidade constitutiva dos discursos e, especialmente, destacabilidade (MAINGUENEAU, 2008-d), aforização pessoal e sentenciosa, que possibilitam relacionar o conjunto de frases destacadas no *Fantástico* a formas de ser e de dizer cristalizadas na sociedade. Uma vez que o reconhecimento dos fatos discursivos vincula-se ao reconhecimento do real histórico e social, a análise desses enunciados é, simultaneamente, uma análise de parte da vida privada no Brasil contemporâneo. Pode ser vista também como uma parte da história da televisão brasileira e de um programa, em especial. Concluímos que esses enunciados destacados no discurso do *Fantástico* promovem a articulação das novas concepções de família com a concepção tradicional e contribuem para o *ethos* do programa. Dessa forma, por mais inovador que pareça o discurso sobre a família, ele guarda resquícios do campo discursivo a que se filia o conceito tradicional de família. A relevância da pesquisa consiste em analisar essa “nova” maneira de veicular a constituição e as relações familiares, bem como aprofundar a discussão teórica sobre o conceito de destacabilidade e suas interfaces.

Palavras-Chave: Análise do Discurso; destacabilidade; aforização; citação; revista eletrônica *Fantástico*; família.

ABSTRACT

In the middle of the significant changes in culture, politics, economy and technology during the last decades, the family institution is still considered a social reference, now constituted and behavior-based accordingly with post-modernity. Besides traditional families, which maintain values as official marriage and the presence of a male and a female genitor, we cohabit with heterogenic models of families, which do not have the need to civil or religious marriage, do not have necessarily the mother or the father figure, and admits being formed by homosexual or childless couples. These are manifestations of the multiple facets of the same institution which moves into different discourses and contributes to the transformation in the concept of family. Based on theoretical conjectures of the French Discourse Analysis in Dominique Maingueneau's perspective (1995, 1996, 1997, 1998, 2005, 2008-c, 2008-d, 2008-e, 2008-f, 2010), we propose to answer the following question: in which way highlight enunciations at *Fantástico* electronic magazine contribute to the constitution and circulation of the concept of family? The present work is composed by a series of five special packages broadcasted in August 2008, when the program celebrated its 35th anniversary. Each one of the packages is based on a scenario that links news, interviews, and dramatization. In order to answer our research question, we worked with the notion of discursive ethos, enunciated scene, constituted heterogeneity of discourse and especially highlights, (MAINGUENEAU, 2008-d), personal and sententious aphorism, which enables to relate the group of emphasized phrases in *Fantástico* to the way of being and saying that is crystallized into the society. Once the acknowledgement of the discursive facts links to the real historic and social recognition, the analysis of the series is simultaneously the analysis of the private life on contemporary Brazil. We conclude that the highlights inside *Fantástico's* discourse promote relations between the new conception of family with the traditional one, and contributes to the *ethos* of the program. In this way, however innovative the discourse about family may seem, it keeps traces of the discursive speech connected to the traditional concept of family. The relevancy of this research consists in analyzing this new way of broadcasting the constitution of family and its relations, as well as deepening the theoretical discussion on the concept of the highlight enunciation.

Keywords: Discourse Analysis; highlights; aphorizing enunciation; *Fantástico* electronic magazine; family.

LISTA DE QUADROS

Quadro 01: Cenografia da primeira reportagem do <i>Fantástico</i>	60
Quadro 02: Cenografia da segunda reportagem do <i>Fantástico</i>	60
Quadro 03: Cenografia da terceira reportagem do <i>Fantástico</i>	61
Quadro 04: Cenografia da quarta reportagem do <i>Fantástico</i>	62
Quadro 05: Cenografia da quinta reportagem do <i>Fantástico</i>	62
Quadro 06: Citações destacadas que remetem a aforizações sentenciosas.....	67
Quadro 07: Aforizações.....	69
Quadro 08: Classificação dos enunciados destacados conforme o eixo temático	72
Quadro 09: O conceito de família no passado e no presente.....	96

SUMÁRIO

CONSIDERAÇÕES INICIAIS	12
CAPÍTULO 1	
1. FAMÍLIA : DA TRADIÇÃO À PÓS-MODERNIDADE	17
1.1 O PERCURSO DAS MUDANÇAS NA FAMÍLIA	18
1.2 A EMERGÊNCIA DE NOVOS CONCEITOS	19
CAPÍTULO 2	
2. ANÁLISE DO DISCURSO: NOVOS OLHARES	27
2.1 CONCEITOS DE DOMINIQUE MAINGUENEAU	28
2.1.1 <i>Ethos</i> discursivo	30
2.1.2 Cena enunciativa: englobante, genérica e cenografia	33
2.1.3 Heterogeneidade constitutiva dos discursos	35
2.1.4 Citação e destacabilidade	37
2.1.5 Aforizações sentenciosas e pessoais	39
CAPÍTULO 3	
3. REVISTA ELETRÔNICA <i>FANTÁSTICO</i>.....	43
3.1 LINGUAGEM E FORMATO	43
3.2 O <i>ETHOS</i> DO PROGRAMA.....	47
CAPÍTULO 4	
4. CENA ENUNCIATIVA DA REVISTA ELETRÔNICA <i>FANTÁSTICO</i>	52
4.1 CENOGRAFIA DA SÉRIE DE REPORTAGENS.....	52
4.1.1 Primeira reportagem	54
4.1.2 Segunda reportagem	55
4.1.3 Terceira reportagem	56
4.1.4 Quarta reportagem	57
4.1.5 Quinta reportagem	58
CAPÍTULO 5	
5. OS SENTIDOS DE FAMÍLIA NA REVISTA ELETRÔNICA <i>FANTÁSTICO</i>...	64
5.1 ENUNCIADOS DESTACADOS QUE REMETEM À HOMONEGEIDADE FAMILIAR	75
5.1.1 Do namoro	76
5.1.2 Do casamento	78
5.1.3 Da constituição familiar	80
5.1.4 Do papel da mulher	81
5.2 ENUNCIADOS DESTACADOS REFERENTES À HETEROGENEIDADE FAMILIAR	82
5.2.1 Do casamento	83
5.2.2 Da constituição familiar	86
5.2.3 Do papel da mulher	88
5.2.4 Dos valores	91
5.3 ENUNCIADOS DESTACADOS QUE REMETEM À HOMOGENEIDADE NA HETEROGENEIDADE	94

CONSIDERAÇÕES FINAIS	98
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	102
ANEXOS	107
ANEXOS DIGITALIZADOS EM DVD – acompanham o trabalho	

CONSIDERAÇÕES INICIAIS

A família é uma instituição social que assume configurações e sentidos novos, de acordo com o momento histórico. Teoricamente, o exame da literatura corrente, permite-nos conceituá-la como núcleo de pessoas que se relacionam e trocam experiências, apoiam-se mutuamente e constroem valores, vivem momentos de bem-estar e de conflito. A multiplicidade de acepções de família que atende à heterogeneidade social se mostra em sua forma de constituição e em sua dinâmica interior. Por isso, Boarini (2003, p. 1) considera família um conceito muito velho e, paradoxalmente, muito novo:

É um conceito velho se considerarmos que o homem, invariavelmente, em seus primeiros anos de vida, vai necessitar dos cuidados alheios, e qualquer que seja o vínculo (de consanguinidade, de filantropia, etc.) que o prenda aos adultos circundantes, deve contar com alguém ou com um grupo de pessoas que lhe ofereça os cuidados necessários para sua sobrevivência. É um conceito permanentemente novo, à medida que a família vai se transformando e remodelando-se de acordo com os contornos da sociedade na qual está inserida.

Dentre os diversos campos discursivos que discutem a família (religioso, educacional, jurídico, psicológico, entre outros) destaca-se a mídia, que, cotidianamente, aborda acontecimentos referentes a essa instituição milenar. Os meios de comunicação são, portanto, espaços de constituição de sentidos por onde circulam numerosos discursos sobre família.

No meio televisivo, isso é bastante visível. A televisão aborda, em seus programas jornalísticos, de entrevista, de humor e nas telenovelas, os conflitos e as necessidades das famílias, assim como o que vivenciam em seu dia a dia. Paralelamente, a sociedade¹ tem seu comportamento influenciado pela televisão, num processo de retroalimentação. A família influencia a programação televisiva e é, simultaneamente, influenciada por ela.

Hoje, torna-se difícil pensar a socialização do indivíduo, a formação do *habitus*, cuja primeira instância se dá em nível de família, sem uma atenção especial ao fato de que o espaço específico e privilegiado desta família, sua casa, seu lar, é compartilhado nas 24 horas do dia pelos programas de televisão, com outros pais, outras mães, outros irmãos, outros valores. (ALVES, 1997, p. 28).

¹ Referimo-nos à maioria da população brasileira, que possui opções de lazer limitadas, dentre as quais se destaca a programação da televisão aberta.

Dados da última Pesquisa Nacional por Amostragem de Domicílios (PNAD) revelam que a presença da televisão nos domicílios do Brasil aumentou de 93% em 2006 para 95,7% em 2009. A frequência do aparelho nos lares brasileiros só perde para a do fogão, existente em 97,7% das residências. Os números mostram que a TV é o meio de comunicação mais presente e mais acessível aos brasileiros, sendo para muitos a única fonte de informação e entretenimento.

Essa preferência deve-se ao fato de, além de ser uma forma acessível de lazer, a televisão se beneficiar dos avanços tecnológicos que provocam efeitos de comprovação, ao aliar som e imagem. Contudo, a imensa variedade de assuntos que cobre é uma das causas da superficialidade de sua abordagem. Bahia (1990, p. 149) lembra, porém, que, no estágio de informação que a TV atingiu “já não tem sentido procurar saber qual o veículo mais eficaz. A notícia se move em circuito que passa do jornal para a revista, de um ou de outro para a televisão, desta para o rádio, deste para a televisão, desta para o jornal e a revista etc.”.

A constatação de que o tempo de que dispomos é fundamental para a leitura de um jornal levou a imprensa a atribuir importância especial ao jornal de domingo. Como evidências dessa importância, Bahia (1990) enumera: a tiragem, quase o dobro dos dias úteis; as receitas de publicidade; a função de pauta que exerce para o rádio e a TV. De acordo com o autor,

o jornal dominical como é conhecido hoje tem o peso de um livro e no seu conteúdo associa o jornal propriamente dito e a revista. É o jornal revistizado, uma técnica de veiculação que será absorvida pelo rádio e pela televisão com suas programações diferenciadas – shows, entrevistas, esportes, lazer – aos domingos, semelhantes ao critério de seleção por variedade de atrações. (BAHIA, 1990, p. 235).

Esse contexto justifica nosso interesse pela programação televisiva dominical, bem como a escolha por um dos programas de maior audiência da televisão aberta. Pretendemos focalizar os sentidos de família recentemente postos em circulação, pelo programa *Fantástico*, da Rede Globo de Televisão. São fatores importantes na seleção do programa: o fato de ser um programa tradicional da televisão brasileira, com quase quatro décadas de história, exibido nas noites de domingo; suas características de revista eletrônica², com uma edição variada e

² Utilizamos a expressão revista eletrônica para nos referir a programas televisivos, como o *Fantástico*, que, diferentemente dos telejornais, se constituem em programas de variedades, apresentam certo aprofundamento nos temas e enfatizam reportagens.

preparada com antecedência, no decorrer da semana; o alcance popular do programa, que aborda temas dirigidos a diferentes faixas etárias e sociais.

No horário de exibição do programa, é comum que famílias inteiras se reúnam frente ao aparelho de TV para acompanhar notícias factuais, reportagens de denúncias e comportamentos, quadros humorísticos e comentários de pretensos especialistas sobre assuntos como saúde, profissão e moda. A tradição, o formato, a linguagem diferente da utilizada no jornalismo diário, a variedade enquadrada em um padrão podem ser considerados fatores relevantes na opção popular pelo programa, constatada pelos institutos de opinião pública.

Assim como no jornal e nas revistas dominicais impressas, a revista eletrônica *Fantástico* tem na reportagem seu gênero preferido. Isso porque, diferentemente da notícia, que trata do novo, esse gênero aborda assuntos que estão sempre disponíveis e podem ou não ser atualizados por um acontecimento (LAGE, 1985). Em outras palavras, a reportagem reaviva assuntos, atualizando-os; por isso prende a atenção do leitor/telespectador.

Nosso *corpus* de análise é composto por uma série de cinco grandes reportagens sobre a família brasileira, apresentadas no *Fantástico* durante os cinco domingos de agosto de 2008, mês em que o programa comemorou 35 anos. A opção por uma série, e não por matérias isoladas ou mesmo de veículos diferentes, justifica-se por esse *corpus* concentrar, em um período relativamente curto, um mês, discursos variados referentes à família, o que possibilita uma melhor compreensão da constituição dos sentidos do programa sobre a temática em questão: a família brasileira na pós-modernidade. Cada reportagem tem uma duração média de 9 minutos, o que totaliza quase uma hora de gravação analisada.

A repórter Renata Ceribelli, junto a uma equipe de jornalistas, foi a responsável pela produção e edição das matérias. Devido ao caráter de show do programa, as reportagens também tiveram o apoio da Central Globo de Produção (CGP)³, que coordenou as dramatizações, forma encontrada pela revista para abordar situações e temas conflituosos do cotidiano, como a gravidez antes do casamento e o divórcio. A relação entre esses textos e o cotidiano provoca reflexão, a despeito da aparência de brincadeira.

Segundo o programa, a série de reportagens teve o propósito de fazer uma retomada da instituição familiar durante as últimas décadas, no Brasil, e contemplar sua trajetória até as novas configurações.

3 A Central Globo de Produção (CGP) é o departamento da Rede Globo responsável pela produção dos programas de entretenimento e humor, que tem uma parceria com o departamento de jornalismo do *Fantástico* para a elaboração de séries, quadros e esquetes de teatro.

O Fantástico comemora este mês 35 anos. Já pensou o que é isso? Mais de 1,8 mil domingos no ar? O que mudou na sua vida? Na vida da gente nesses anos todos? Começa agora uma série de reportagens especiais sobre as mudanças que aconteceram nas famílias brasileiras. [...] Afinal, o que é ser uma família? As transformações, os novos formatos, e o futuro da família no Brasil você acompanha com a gente a partir deste domingo no Fantástico. (<http://fantastico.globo.com/Jornalismo/FANT/0,,MUL710541-15605,00.html>)

A primeira grande reportagem trata genericamente das mudanças ocorridas na família brasileira, nos últimos anos, em relação ao casamento e à sua dissolução. Na segunda, o tema divórcio ganha mais destaque, sob o enfoque da legalização, que revolucionou as configurações familiares no Brasil. A matéria mostra por que e como o divórcio beneficiou homens e mulheres e as formas encontradas por muitos casais para administrar, ao mesmo tempo, as novas e as velhas famílias.

Aprofundando o retrato dos novos modelos de família, a terceira reportagem aborda a oficialização do casamento, questionando se e quanto isto ainda é importante nos dias atuais, uma vez que a legalização da união estável proporciona aos parceiros não casados os mesmos direitos dos oficialmente casados.

A quarta reportagem da série utiliza dados oficiais para demonstrar que existem hoje no Brasil mais de 59 milhões de famílias com as mais diversas formações. O que é relativamente novo são os homens querendo se tornar pais solteiros. Segundo os dados oficiais, há mais de um milhão e duzentos mil lares formados apenas por pais com filhos, sem mãe. A reportagem mostra como vivem mães e pais solteiros e entrevista o primeiro casal homossexual brasileiro a adotar uma criança. Na última reportagem, o tema é a presença dos filhos. Ceribelli analisa as razões da diminuição das famílias brasileiras, mostra que muitos casais vêm adiando a chegada dos filhos e outros nem desejam tê-los.

Embora essa série de reportagens constitua um material rico em imagens, optamos por focalizar mais atentamente o funcionamento discursivo do texto. Nossa questão de pesquisa é: os enunciados destacados que ocorrem na revista eletrônica *Fantástico* contribuem para a constituição e a circulação de sentidos sobre família? Para cumprir esse objetivo, organizamos a dissertação em cinco capítulos.

O primeiro capítulo “Família: da tradição à pós-modernidade” apresenta os conceitos de família, no tempo. Sem a pretensão de apontar exaustivamente definições históricas sobre o tema, relacionamos as concepções de família presentes nas reportagens em análise a fatores históricos, sociais, políticos, econômicos e religiosos.

No segundo capítulo, intitulado “Análise do Discurso: novos olhares”, percorremos o caminho teórico-metodológico proposto por Dominique Maingueneau. Ancorados nos pressupostos da Análise do Discurso dessa vertente francesa, abordamos o quadro conceitual que sustenta o desenvolvimento da dissertação: as noções de *ethos* discursivo, de cena enunciativa, com ênfase na cenografia, e de heterogeneidade constitutiva, também discutido por Mikhail Bakhtin (1981-a, 1981-b) e Authier-Revuz (1982, 1990). Nas duas últimas seções, expomos os conceitos de citação e destacabilidade, aforização sentenciosa e pessoal.

O terceiro capítulo recebe o título “Revista eletrônica *Fantástico*” e faz uma apresentação do programa. Na primeira seção, descrevemos a linguagem, o formato e os gêneros discursivos utilizados pelo *Fantástico* que o caracterizam como revista eletrônica. Num segundo momento, tratamos especificamente do *ethos* discursivo do programa.

A partir do quarto capítulo, intitulado “Cena enunciativa da revista eletrônica *Fantástico*”, estabelecemos um diálogo entre a teoria discutida e a materialidade discursiva selecionada para a análise. Estudamos a estrutura da cena enunciativa do programa e, em seguida, descrevemos a cenografia de cada uma das cinco reportagens que compõem nosso *corpus*.

Reservamos o último capítulo, “Os sentidos de família na revista eletrônica *Fantástico*”, para a análise, procurando responder à questão de pesquisa e refletir sobre a forma como os enunciados destacados no discurso do *Fantástico* que lidam com a representação da família tornam-se constitutivos do discurso do programa. Para tanto, primeiramente classificamos os enunciados destacados em citações e aforizações, conforme os postulados de Maingueneau. A seguir, analisamos esses enunciados considerando dois eixos temáticos: o conceito homogêneo (tradicional) e o conceito heterogêneo (moderno) da família.

Por fim, nas Considerações Finais, retomamos os objetivos norteadores da pesquisa e refletimos sobre os resultados de nossa análise. Não temos a intenção de obter respostas definitivas. Não pretendemos pontificar sobre a televisão ou a família. Ao voltarmos nosso olhar investigativo sobre a forma como um determinado programa de televisão põe em circulação discursos a respeito da família, pode ser que nos deparemos com maiores informações sobre um do que sobre o outro aspecto.

CAPÍTULO 1

FAMÍLIA: DA TRADIÇÃO À PÓS-MODERNIDADE

A família é uma instituição social, dinâmica, exposta a transformações sociais e históricas. No Brasil, foram diversos os acontecimentos nos séculos XIX e XX que ocasionaram mudanças no comportamento da sociedade, renovando os conceitos de família e instituindo o surgimento de novas configurações familiares.

No campo econômico, a urbanização possibilitou o crescimento de vários setores da sociedade, influenciando diferentes organizações das famílias. O mesmo se pode afirmar da entrada da mulher no mercado de trabalho e da crescente escolarização. No âmbito cultural, os movimentos feministas proporcionaram, entre outros, o direito à cidadania e à sexualidade das mulheres; a decadência de um modelo familiar patriarcal-autoritário, no qual o homem tinha todos os poderes, e uma maior aceitação do divórcio também foram responsáveis pela renovação da dinâmica familiar.

Neste contexto de transformações, desempenhou papel relevante a evolução da medicina e a descoberta da pílula anticoncepcional, o que propiciou às famílias melhores condições de saúde, taxas menores de fecundidade e de mortalidade, e, conseqüentemente, maior expectativa de vida. Tais acontecimentos influenciaram as formas de estruturação das famílias.

Hoje, as fotografias de família precisam de legendas diferenciadas, visto que em nada se parecem com os tradicionais álbuns fotográficos, em que imperava a estrutura formada por pai, mãe e filhos, todos do mesmo casamento e residindo sob um mesmo teto. Convivemos com famílias que oficializam o casamento e com outras que se formam por meio de uniões informais; famílias em que faltam o pai, a mãe ou os filhos; famílias constituídas por casais do mesmo sexo; famílias com ou sem filhos. Por fim, há ainda as famílias que são constituídas por casais que residem em casas separadas.

Esse novo desenho familiar é abordado por diversos campos do saber, como por exemplo, o religioso, o político, o educacional e o jurídico. Também a mídia dá um contínuo destaque a essas discussões, apresentando reportagens e debates sobre o papel e o comportamento da família na sociedade contemporânea. Os assuntos tratados vão desde os direitos e deveres dos membros familiares, as formas de relacionamento, a sexualidade, o divórcio, a educação dos filhos, a adoção, o aborto, até os casos de violência familiar, tão comuns em nossos dias.

O material analisado mostra aspectos dessas questões que são abordados pelas reportagens da revista eletrônica *Fantástico*. Por isso, consideramos importante neste primeiro momento, confrontar o modelo tradicional de família com a diversidade de configurações dos dias atuais. Sem a pretensão de fazer um aprofundamento histórico sobre o tema, procuramos definir as concepções em relação ao casamento; à constituição familiar; aos papéis masculino e feminino; aos valores dos indivíduos, estabelecendo as principais diferenças entre tradição e modernidade.

1.1 O PERCURSO DAS MUDANÇAS NA FAMÍLIA

Iniciamos nosso retrato da família brasileira no Brasil colonial, quando essa instituição, considerada o núcleo social básico, caracterizava-se como uma célula patriarcal, econômica, produtiva e determinada por princípios religiosos. A procriação, a transmissão dos bens e a posse de terras eram os valores essenciais de família, transmitidos de geração a geração. Gilberto Freyre em sua obra “Casa grande e senzala” (1978) faz uma descrição da família patriarcal colonial brasileira como unidade política, econômica e social que ocupava o lugar empreendedor e diretor do Estado.

Nessa fase, a relação de poder, própria do escravismo, estendeu-se às relações entre homens e mulheres. A divisão de papéis era bem demarcada: a mulher era a guardiã do lar, encarregada da vida doméstica e das crianças; o homem era o provedor econômico. A organização familiar era baseada no exercício da autoridade. O homem tinha todos os direitos sobre a mulher e os filhos, até mesmo o de vida e de morte. Ao tratar dessa relação, Centa e Elsen (1999, p.16) afirmam que:

o domínio do homem sobre a mulher tinha como finalidade principal a procriação de herdeiros, que um dia tomariam posse dos bens do pai. Nesta época, exigia-se que a mulher guardasse castidade, mantivesse fidelidade conjugal rigorosa e tolerasse a infidelidade do marido; para ele, ela não passava de mãe de seus filhos legítimos e herdeiros; era aquela que governava a casa e vigiava as escravas, as quais ele, o homem, podia transformar em concubinas.

Roudinesco (2003) relembra que, nesse meio, a afetividade não era a prioridade. Particularmente nas classes sociais mais privilegiadas, o casamento se caracterizava como um ato político, arranjado pelos próprios pais, ligado aos negócios e previsto para durar a vida toda.

O Brasil passou de uma estrutura econômica de base agrária, latifundiária e escravocrata, nos séculos XVIII e XIX, para um século XX marcado por uma estrutura de base industrial, urbana e uma nova forma de organização da sociedade, com outras relações de poder e trabalho. Essa fase deixa para trás o modelo de família numerosa, patriarcal, hierarquizada, limitada aos interesses econômicos e procriacionais, para eclodir uma família idealizada sob a ótica de valorização dos laços afetivos, do sentimento e do direito de liberdade. É o começo do reconhecimento da família nuclear, composta por pai, mãe e filhos, compartilhando a mesma casa.

A partir dessa época, ocorre uma paulatina ruptura no modelo anterior de relação entre homens e mulheres. Com a migração das famílias do campo para as cidades, as mulheres vão aos poucos deixando de tratar exclusivamente das tarefas domésticas e adentrando o mercado de trabalho, até então exclusivamente masculino. O homem passa a não ter mais um poder exclusivo de patriarca, de responsável pelo sustento financeiro da família. Há, portanto, uma reorganização de papéis do masculino e feminino, dentro e fora do espaço doméstico. No entanto, deve-se ressaltar que a mulher permaneceu submissa ao marido, os filhos sujeitos a obedecerem aos pais e a única forma de constituição do grupo familiar prevista ainda era o casamento.

Outros três fatores são fundamentais na transformação da família no Brasil: o surgimento da pílula anticoncepcional, na década de 1960; a legalização do divórcio no país, em 28 de dezembro de 1977, e, mais recentemente, na década de 80, a mudança na legislação brasileira no que se refere ao direito de família.

1.2 A EMERGÊNCIA DE NOVOS CONCEITOS

A pílula anticoncepcional mudou o comportamento feminino, possibilitando que as mulheres optassem entre engravidar ou não e pudessem escolher o momento adequado de fazê-lo. Assim, as relações sexuais deixaram de ser vistas apenas como forma de “perpetuação da espécie” e a possibilidade do prazer foi estendida às mulheres. Dessa maneira, elas se tornaram responsáveis por sua sexualidade, agora desvinculada da maternidade, e seu papel social passou a extrapolar o destino de mãe que lhes cabia.

Antes voltadas para os desejos dos outros – um dos pilares da subjetividade feminina –, para a satisfação daqueles à sua volta, elas se voltam agora para

seu crescimento e desenvolvimento pessoais, começando a produzir sua própria palavra e a consolidar progressivamente práticas sociais transformadoras, ainda que, algumas vezes, a um elevado custo, tanto social quanto subjetivo. (BARBOSA; ROCHA-COUTINHO, 2007, p. 164).

Com a legalização do divórcio no Brasil, os indivíduos puderam reconstruir a vida segundo o próprio desejo, quantas vezes quisessem, em vez de se prenderem a alguém, até a morte. Dados divulgados recentemente mostram que em 2008, houve um divórcio para cada cinco casamentos – 13% a mais do que em 2007 (MARTHE, 2010, p. 101). Segundo Wagner (2002) o número de pessoas que voltam a investir em uma nova relação conjugal cresceu muito a partir dessa legalização, revolucionando as formas de estar ou ser casado, e proporcionando o aparecimento de novos arranjos familiares. Em relação aos homens e mulheres que se separam, Garbar e Theodore (2000, p. 29) comentam que:

Geralmente eles não ficam sozinhos; acabam formando um novo casal, seja por meio do casamento ou não. Em certos casos, só um desses cônjuges tem filhos. Em outros, os dois têm. Formam então uma grande família, que chamamos família recomposta, família gaveteiro, família mosaico... Ela compreende um homem, uma mulher, os filhos de um, os filhos do outro e, muitas vezes, o filho ou filha dos dois. (GARBAR; THEODORE, 2000, p. 29).

Segundo dados de 2008, no Brasil, 17% das uniões envolveram ao menos um cônjuge que já vinha de um divórcio. Isso significa que quase um em cada cinco casamentos era formado por um homem ou uma mulher que já haviam passado pela separação (MARTHE, 2010). É o nascimento da família pós-moderna, no século XXI, como resultado da revolução de mentalidades e atitudes. Há, ao mesmo tempo, um desmembramento do que antes era uma única unidade familiar e a aceitação de novos formatos de família.

Atualmente as famílias são formadas por diversas estruturas: por exemplo, há mães solteiras com seus filhos; pais com filhos adotivos; famílias formadas por casais que já tiveram outros casamentos com filhos e decidiram ter outros filhos dessa união; temos ainda famílias formadas por um casal e um 'animal de estimação' e, também, se questiona se podemos considerar família o solteiro adulto que vive sozinho. (NASCIMENTO, 2006, p.11).

Holanda (2006) também afirma que o modelo nuclear de família, formado por pais, mães e filhos, está em decurso de mudança. Ele enfatiza a inexistência da família dita

“normal”, que permeia o imaginário do senso comum, até porque essa aparente “normalidade”, ditada por padrões patriarcais, pode revestir insatisfações dos membros que a compõem, ao passo que em uma família “diferente”, os membros possuem mais autonomia e individualidade para fazer as escolhas. De forma semelhante, Prado (1981) distingue quatro tipos de famílias, na contemporaneidade, com valores e atitudes influenciados pela estrutura social e cultural:

a) A família criada em torno a um casamento dito “de participação” – trata-se aí de ultrapassar os papéis sexuais tradicionais. b) O casamento dito “experimental” – que consiste na coabitação durante algum tempo, só legalizando essa situação após o nascimento do primeiro filho. c) Outra forma de família seria aquela baseada na “união livre”. d) A família homossexual, quando duas pessoas de mesmo sexo vivem juntas, com crianças adotivas ou resultantes de uniões anteriores, ou, no caso de duas mulheres, com filhos por inseminação artificial. (PRADO, 1981, p. 19-22).

Segundo a visão do antropólogo Bruschini (1989), a família é realmente uma instituição mutável, que assume configurações diversificadas em torno da sociedade, do momento histórico e da atividade de reprodução social. Desse modo, analisar essa instituição implica considerar que houve mudanças na família, embora ela continue sendo referência na organização da vida social.

A legislação brasileira passou a retratar essas mudanças, modificando conceitos relacionados à estrutura familiar, ao casamento, à igualdade dos sexos e à guarda dos filhos. Dessa forma, a partir da Constituição da República Federativa do Brasil de 1988, as definições ficaram assim:

a) Família: Para o novo Código Civil a definição de família abrange a unidade formada por casamento, união estável ou comunidade de qualquer genitor e descendente. No Código de 1916, “família legítima” era definida apenas pelo casamento oficial. b) Casamento: O casamento passou a ser a “comunhão plena de vida, com base na igualdade de direitos e deveres dos cônjuges”. É apenas uma das formas para constituir família. O novo texto reconhece ainda a união estável. c) Filhos: Filhos adotados e concebidos fora do casamento têm direitos idênticos aos dos nascidos dentro do matrimônio. Eliminou-se a pejorativa distinção entre “legítimos” e “ilegítimos” para designar os descendentes. d) Igualdade dos sexos: A palavra “pessoa” substitui “homem”. O “pátrio poder”, que o pai exercia sobre os filhos, passa a ser “poder familiar” e é atribuído também à mãe. A família é dirigida pelo casal, e não mais apenas pelo homem. e) Guarda dos filhos: A lei do divórcio de 1977 atribuía a guarda dos filhos ao cônjuge que não tivesse provocado a separação ou, não havendo acordo, à mãe. Hoje, é concedida a “quem revelar melhores condições para exercê-la”. (PEREIRA, 2003, p. 86).

Dentre os pontos principais dessa “nova” legislação, constatamos que o casamento passou a ser visto apenas como uma das formas para constituir família; filhos adotados e concebidos fora do casamento passaram a ter direitos idênticos aos dos nascidos dentro do matrimônio; a família passou a ser dirigida pelo casal, e não mais pelo homem, e a guarda dos filhos, concedida a quem tiver melhores condições para exercê-la.

Estudiosos como Simionato e Oliveira (2003) atribuem às mudanças nas relações entre os sexos e as gerações a responsabilidade pelo surgimento de novos modelos familiares. Seguindo a mesma linha de raciocínio, Negreiros e Féres-Carneiro (2004, p. 38-39) fazem a seguinte comparação:

No “modelo antigo”, os dois sexos são concebidos como “naturalmente” diferentes, tanto bio-psíquica como socialmente. As identidades masculina e feminina configuram-se demarcadas com precisão – o que cabe a um excluir o outro, quer em comportamentos, atitudes, sentimentos, inclinações ou interesses. [...] No “modelo novo” de família, as fronteiras de identidades entre os dois sexos são fluidas e permeáveis, com possibilidades plurais de representação: mulher oficial de forças armadas, homem dono-de-casa, mãe e pai solteiros, mulher chefe de família, casais homossexuais masculinos ou femininos, parceiros masculinos mais jovens, casal sem filhos por opção, produção independente, bebê de proveta e demais possibilidades que a evolução científica permite ou está em vãos de possibilitar, tal como a discutida clonagem humana.

Paralelamente a todos estes acontecimentos, a religião foi perdendo sua força, não conseguindo mais manter casamentos com relações insatisfatórias. Atualmente, o casamento como instituição é questionado, o que leva muitos casais a conviver e criar filhos sem se engajar em qualquer compromisso legal. Negreiros e Féres-Carneiro (2004, p. 39) fazem a distinção entre o casamento no modelo antigo e no modelo novo de família. Sintetizando as características do modelo novo, os autores afirmam que, nele,

a instituição casamento já traz, em si, o embrião da dissolução – desde a ligação informal e descomprometida até o divórcio, crescentemente observado. A sexualidade dos parceiros é desvinculada da reprodução ou de uma resposta feminina ao desejo masculino. No interior da relação é esperado que o homem seja, ao menos, um coadjuvante na criação dos filhos e nas lidas domésticas, e que a mulher exerça, no mínimo, um papel auxiliar quanto à economia da família. As peculiaridades de cada membro do casal – companheiros nas obrigações e prazeres – e as necessidades emergentes substituem a hierarquia por sexo ou faixa etária. Ou seja, deveres e privilégios são compartilhados, bem como é enfatizada a atenção e pretendido o apreço aos desejos, às ideias e aos projetos dos filhos – crianças ou adolescentes.

Essas mudanças no sentido de família, na atualidade, estão intimamente relacionadas à visão que os indivíduos têm de si. O indivíduo das gerações passadas tinha a família como o centro, como referência para tudo. As escolhas pessoais eram pautadas pelas escolhas da família, que oferecia uma posição estável e certa identidade. Era na família que os indivíduos acreditavam proteger sua individualidade, visto que eles nunca estariam sozinhos, mas sim integrados em uma unidade (SINGLY, 2007).

Nas sociedades atuais, o indivíduo original e autônomo passou a ser o centro da família, tendo a possibilidade de fazer suas próprias escolhas. Neste modelo, a família torna-se um espaço a serviço do indivíduo e não tem mais o grupo como elemento central e sim cada membro. Surge, então, o modelo de família que Singly (2000) denomina “individualista e relacional”. Esta família “corresponde à instauração de um compromisso entre as reivindicações dos indivíduos em se tornarem autônomos e seus desejos de continuar a viver, na esfera privada, com uma ou várias pessoas próximas” (SINGLY, 2000, p. 15).

A psicóloga Féres-Carneiro (1998, p. 382) descreve que o casal contemporâneo é confrontado por duas forças paradoxais: a individualidade e a conjugalidade.

Os ideais contemporâneos da relação conjugal enfatizam mais a autonomia e a satisfação de cada cônjuge do que os laços de dependência entre eles. Por outro lado, constituir um casal demanda a criação de uma zona comum de interação, de uma identidade conjugal. [...] Se por um lado, os ideais individualistas estimulam a autônoma dos cônjuges, enfatizando que o casal deve sustentar o crescimento e o desenvolvimento de cada um, por outro, surge a necessidade de vivenciar a conjugalidade, a realidade comum do casal, dos desejos e projetos conjugais.

Na visão da psicanalista Souza (2007), este comportamento dos casais está diretamente ligado ao fato de o casamento estar desacreditado, o que cria duas consequências paradoxais para as novas gerações:

Em primeiro lugar, há um medo de assumir compromisso, porque diminui a expectativa de que o casamento é para sempre. Por outro lado, isso pode criar uma precipitação em se casar, porque o casamento não é visto com tanta seriedade, ou até para tentar provar que aquela relação, sim, pode dar certo. (SOUZA, 2007, p.63).

Esse contexto acarreta outro aspecto da família nos tempos modernos. A estrutura familiar está progressivamente diminuindo de tamanho, de forma que, cada vez mais, convivemos com famílias que se reduzem ao casal. Fukui (1998) aponta três grandes

transformações que contribuíram para essa nova representação de família na sociedade brasileira. De acordo com a autora, primeiramente, ocorreu a separação da sexualidade e da reprodução, com o número de filhos passando a ser previsto ou planejado, num controle mais intenso da natalidade; em segundo lugar, a reprodução dissociou-se do casamento, uma vez que não há mais filhos ilegítimos; finalmente, a sexualidade dissociou-se do casamento, o que permitiu o reconhecimento do direito às uniões consensuais.

Os dados demográficos divulgados pelo Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento (PNUD), em maio de 2010, indicam que em 15 anos, entre 1992 e 2007, o número de casais com filhos, o estereótipo da família tradicional, caiu 11,2%. Muitos adiam filhos em função de projetos de carreira, enquanto outros preferem ter no casamento uma relação apenas de companheirismo, em vez de pensar na reprodução. (BILAC, 2007, p.56).

Um estudo do Datafolha realizado no Brasil em 2007 aponta que as famílias de maior escolaridade e poder aquisitivo são as que mais optam por não ter filhos por dois motivos principais: a violência e as despesas. “O custo de um filho na classe média é altíssimo, as pessoas não têm estabilidade e precisam qualificar-se a vida inteira para manter a empregabilidade. Por outro lado, há muito mais riscos em se criar uma criança nos dias de hoje” (BILAC, 2007, p. 57).

Convivemos, portanto, com um conjunto de mudanças históricas e transformações sociais que provocou uma maior flexibilidade nas estruturas e nas relações familiares. Para caracterizar essa fase atual, o sociólogo Bauman (2001) sugere a metáfora da "liquidez" ou “fluidez”. Segundo ele, assim como os fluidos que se movem facilmente, as estruturas sociais têm experimentado um estado de liquefação, de fragmentação, de instabilidade, perdendo sua solidez, tornando-se cada vez mais flexíveis, sem concretude. O autor associa essa mobilidade dos fluidos à idéia de “leveza”.

Essa liquidez tem entre suas causas principais a globalização e a emergência da sociedade de consumo, que possibilitam um número cada vez maior de mudanças nas instituições, nos estilos de vida, nas crenças e nas relações sociais, antes que estas tenham tempo de se solidificar em costumes, hábitos e verdades. “Chegou a vez da liquefação dos padrões de dependência e interação. Eles são agora maleáveis a um ponto que as gerações passadas não experimentaram e nem poderiam imaginar; mas, como todos os fluidos, eles não mantêm a forma por muito tempo. Dar-lhes forma é mais fácil que mantê-los nela” (BAUMAN, 2001, p.15).

Segundo Bauman (2004), a liquefação nas relações familiares existe porque a estrutura tradicional familiar antes estável, regida por laços do casamento sólido, pelo domínio patriarcal e pela extensa reprodutividade, experimenta na atualidade constantes modificações procedentes de vários acontecimentos já citados neste capítulo: divórcios, novas alternativas de relacionamentos afetivos e sexuais, controle de natalidade, o ingresso da mulher no mercado de trabalho, entre outros. O resultado desse processo são as relações familiares que não se mantêm por muito tempo; se tornam fluidas, instáveis, mais efêmeras e menos duradouras.

Pergunte-se o que é realmente uma família hoje em dia? O que significa? É claro que há crianças, meus filhos, nossos filhos, Mas, mesmo a paternidade e a maternidade, o núcleo da vida familiar, está começando a se desintegrar no divórcio... Avós e avôs são incluídos e excluídos sem meio de participar nas decisões de seus filhos e filhas. Do ponto de vista de seus netos, o significado das avós e dos avôs tem que ser determinado por decisões e escolhas individuais. (BECK, 1999, p. 40 apud BAUMAN, 2004, p. 13).

Ao final deste capítulo, gostaríamos de registrar que essas fragmentações e adaptações sociais não são pacíficas, mas polêmicas e conflituosas. Nem todos aceitam as novidades. Há duras controvérsias. Por exemplo, embora se fale com certa naturalidade em famílias constituídas por homossexuais, a homofobia está fortemente presente na sociedade, como o provam as agressões físicas e morais que vitimam grande número dos que fazem essa opção sexual. O mesmo se pode dizer das famílias constituídas apenas por mulheres.

Assim, apoiando-nos em Pêcheux (2006), podemos afirmar que a mudança no conceito de família é um acontecimento que aparece como “global”, remetendo a um conteúdo sócio-político que transparece nas cifras, nas tabelas, nos relatos factuais. Contudo, é, ao mesmo tempo, profundamente opaco. Enunciados como “Homens e mulheres têm direitos iguais”; “A maternidade é uma escolha, não uma obrigação”, “A mulher é livre para trabalhar ou não, casar ou não, limitar ou não o número de filhos”, entre outras, não constroem as mesmas significações e não são unanimemente aceitas. Isso porque, como sabemos, às tarefas domésticas somaram-se as tarefas que a mulher exerce fora de casa; a responsabilidade maior em relação aos filhos continua pertencendo à mãe; uma mulher que optasse por não se casar, não trabalhar e não limitar o número de filhos seria alvo de numerosos preconceitos.

A multiplicidade do conceito de família que circundará nossa pesquisa e a possibilidade de olhar criticamente os discursos que circulam na mídia televisiva a respeito da

família brasileira atual são aspectos que auxiliarão responder nossa questão de pesquisa: os enunciados destacados que ocorrem na revista eletrônica *Fantástico* contribuem para a constituição e a circulação de sentidos sobre família?

Para cumprir esse objetivo e organizar nossa metodologia de análise, traçamos no próximo capítulo um caminho teórico centrado na Análise do Discurso de linha francesa, na perspectiva de Dominique Maingueneau. A articulação desses conceitos nos fornecerá suporte para a análise dos discursos sobre a família no *Fantástico*.

CAPÍTULO 2

ANÁLISE DO DISCURSO: NOVOS OLHARES

Tomamos como norte para nossa pesquisa os fundamentos da Análise do Discurso na perspectiva de Dominique Maingueneau, autor que vem se empenhando em repensar essa teoria. Em um artigo de 1990, ao discutir os fundamentos da Análise do Discurso (AD), o autor problematiza sua filiação teórica, afirmando que a AD não se fundou sobre Freud e Marx, mas sobre as leituras de Lacan e de Althusser a respeito da psicanálise e do marxismo, respectivamente.

Para ele, a AD não poderia continuar ignorando as alterações ocorridas nas ciências humanas, desde o final dos anos 60. No referido artigo, Maingueneau afirma que a teoria se encontrava em uma encruzilhada na qual poderia tomar três caminhos: não se questionar, como se nada houvesse mudado; manter sua inscrição na conjuntura teórica de aliança entre marxismo e psicanálise; repensar seus fundamentos.

O caminho escolhido pelo autor é o terceiro. Ao considerar as mudanças ocorridas desde o surgimento da AD, na década de 60, Maingueneau (1990) propõe a revisão de alguns princípios da teoria, mas longe de uma mera modernização das referências teóricas da lingüística, do marxismo e da psicanálise. Para o autor:

Um outro procedimento, que teria no momento nossa preferência, consistiria em fazer a hipótese de que a Análise de Discurso ultrapassa seu enraizamento lacano-althusseriano, que esse enraizamento é ele mesmo apenas uma interpretação. É inegável que a Análise do Discurso se alimentou do althusserianismo mas isso não significa que ela se reduza a ele. Podemos muito bem conceber que a solidez dessa referência impede de ver um movimento de pensamento, na realidade, mais complexo. O próprio fato de que a Análise do Discurso tenha sobrevivido ao apagamento da conjuntura que a tornou possível, o fato de que ela tenha podido tocar públicos estranhos ao marxismo e à psicanálise parece indicar que isso que por longo tempo tomamos como uma ortodoxia talvez não o seja. (MAINGUENEAU, 1990, p. 73).

Essa posição é confirmada continuamente na obra do autor, que vem contribuindo para a evolução da teoria. Essa é a razão pela qual optamos pela teoria de Maingueneau, cujos conceitos explicitamos neste capítulo, para guiar nossa reflexão sobre os sentidos de família

na série de reportagens jornalísticas divulgadas pela revista eletrônica *Fantástico* da Rede Globo de Televisão, em agosto de 2008.

2.1 CONCEITOS DE DOMINIQUE MAINGUENEAU

Maingueneau (1995) considera ingênua a concepção de que haveria, por um lado, um texto, e por outro, disposto em torno dele, um contexto. O contexto é constitutivo do discurso/texto, uma vez que o exterior é constitutivo da linguagem. Conforme o autor, “o *dito* e o *dizer*, o texto e seu contexto são indissociáveis”. Em outras palavras, o discurso só se constitui constituindo seu contexto. Por isso, a comunicação integra, ao mesmo tempo, o autor, o público, o suporte material do texto; encara o gênero como parte da mensagem; não separa a vida do autor da condição social do escritor; não pensa a subjetividade criadora independentemente de sua atividade.

Comentando esse outro olhar sobre a AD, Possenti (2008-a) afirma que

considerar a materialidade à moda de Maingueneau significa, [...] poder dar conta – não necessariamente de resolver, mas pelo menos formular mais claramente – questões cruciais para a compreensão das questões ligadas tanto à formulação quanto à circulação e à eventual eficácia dos textos. Ele permite que fique claro que sua ordem interna não decorre de uma possível liberdade de sujeitos, mas também que ela é maior ou menor (que pode vir a ser exigida!!!) segundo os tipos de discurso. (POSSENTI, 2008-a, p. 212).

Segundo Maingueneau (1996, p. 65-66) “para a análise de discurso, o saber linguístico, ao invés de ser convocado apenas para dissipar as opacidades que podem se interpor entre o presente da leitura e a evidência da proferição primeira, deve tornar-se parte do processo interpretativo”. Contudo, seu procedimento de AD é centrado na “instituição discursiva”, a partir de uma semântica global, tentando compreender por que determinados textos circulam, na íntegra ou em fragmentos, em nossa sociedade. “À AD cabe não só justificar a produção de determinados enunciados em detrimento de outros, mas, igualmente, explicar como eles puderam mobilizar forças e investir em organizações sociais” (MAINGUENEAU, 1997, p. 50).

Percorrendo esse caminho, o autor considera que o discurso é sempre orientado, construído em função de uma finalidade, devendo, assim, dirigir-se para algum lugar. Além disso, o discurso é tratado como uma forma de ação sobre o outro e não apenas como uma

representação do mundo. Outros conceitos destacados pelo autor são: o discurso só é discurso quando é assumido por um sujeito; o discurso é marcado por uma interatividade constitutiva entre enunciadore; é regido por normas e só adquire sentido no interior de um universo de outros discursos (MAINGUENEAU, 2008-c).

Para o teórico, a unidade de análise pertinente não é o discurso por si mesmo, realidade simultaneamente linguística e histórica, “sistema de regras que define a especificidade de uma enunciação” (MAINGUENEAU, 2008-e, p. 19), mas o espaço de trocas entre vários discursos (ou posicionamentos) convenientemente escolhidos. Em outras palavras, o discurso, para ele, nasce de uma relação constitutivamente dialógica com seu “outro”. É o que ele analisa, considerando a hipótese do interdiscurso sobre o discurso, que amarra o mesmo do discurso e seu “outro”⁴.

Para melhor especificar o termo interdiscurso, Maingueneau (2008-c) define primeiramente três conceitos: *universo* do discurso - o conjunto de formações discursivas de todos os tipos que interagem numa conjuntura dada; *campo* discursivo - conjunto de formações discursivas que se encontram em concorrência, delimitando-se reciprocamente em uma região determinada do universo discursivo. Pode-se tratar do campo político, midiático, filosófico, dramaturgico, gramatical, entre outros; *espaço* discursivo - a dimensão do interdiscurso na qual se encontram posicionamentos discursivos que mantêm relações privilegiadas.

Outras noções apresentadas pelo autor afiguram-se particularmente relevantes para nossa análise. A primeira é “*ethos* discursivo”, uma vez que a revista eletrônica *Fantástico*, ao tratar em seus discursos dos valores, convicções, crenças e conflitos acerca da família, faz uma apresentação de si e constrói em seu discurso uma imagem do programa. Esse conceito de *ethos*, definido como a imagem de si, articula-se com outra importante noção da AD destacada por Maingueneau (2008-c), a de “cena da enunciação”. Por isso, num segundo momento, discorreremos sobre o quadro cênico, dando uma ênfase maior ao conceito de cenografia.

Na sequência, consideramos a proposta de análise de Maingueneau (2008-e) baseada na interdiscursividade constitutiva, na relação do discurso com seu “outro”. Para tanto, nos apoiamos também nas abordagens feitas por Mikhail Bakhtin (1981-a; 1981-b) e Authier-Revuz (1990). Completam nosso quadro teórico os conceitos de “destacabilidade” e

⁴ Sempre que usamos a expressão o “outro”, estamos nos referindo ao termo utilizado por Maingueneau (2008-e) que tem o significado do “não dizível” de um discurso. Cada discurso “introduz o Outro em seu fechamento, traduzindo seus enunciados nas categorias do Mesmo e, assim, sua relação com esse Outro se dá sempre sob a forma do ‘simulacro’ que dele constrói” (p. 22).

“aforização sentenciosa e pessoal”, que nos permitem analisar efetivamente a organização constitutiva do discurso da revista eletrônica *Fantástico* sobre família.

2.1.1 *Ethos* discursivo

Se “todo ato de tomar a palavra implica a construção de uma imagem de si” (AMOSSY, 2008, p. 9), podemos dizer que o discurso do *Fantástico* lança pistas sobre a imagem que seus responsáveis têm do programa e, ao mesmo tempo, permite que os telespectadores criem uma imagem do programa. A esse processo de construção da imagem de si no discurso convencionou-se chamar de *ethos*. “A maneira de dizer autoriza a construção de uma verdadeira imagem de si e, na medida em que o locutário se vê obrigado a apreendê-la a partir de diversos índices discursivos, ela contribui para o estabelecimento de uma inter-relação entre o locutor e seu parceiro” (AMOSSY, 2008-a, p. 16-17).

Ao abordar o *ethos* discursivo, Maingueneau (2008) reformula a noção de *ethos* elaborada pela tradição retórica, estendendo a análise das imagens criadas pelos enunciadores⁵ a todo e qualquer tipo de discurso. Na concepção de Aristóteles, o discurso é construído com base em três pilares: o *logos*, o *pathos* e o *ethos*. O *logos* refere-se à argumentação racional propriamente dita; o *pathos* diz respeito ao envolvimento e ao convencimento do interlocutor e o *ethos* refere-se ao aspecto ético ou moral que o enunciador deixa entrever em seu discurso. É neste sentido que, na retórica antiga, o *ethos* corresponde ao caráter do orador representado através do discurso e não necessariamente ao caráter real do orador. Em outras palavras, ele está ligado à capacidade de persuasão do orador, à confiança que ele gera no auditório (CHARAUDEAU; MAINGUENEAU, 2008).

A reflexão de Maingueneau (2008-a) segue outra direção. O autor retoma a idéia aristotélica de que o *ethos* é construído na instância do discurso. Para ele, o *ethos* tem relação direta com o ato da enunciação e não é explicitamente dito no enunciado. Nessa perspectiva, o *ethos* não é uma representação estática e bem delimitada, mas uma forma dinâmica, construída pelo destinatário, por meio da própria fala do enunciador. Trata-se de “algo completamente diferente de um dispositivo retórico pelo qual o outro escolheria o

⁵ Considerando que em toda a dissertação, trabalhamos com os termos enunciado, enunciadores e co-enunciadores, faz-se pertinente explicar o significado deles na perspectiva de Maingueneau (1998). Segundo o autor o enunciado tem o valor de frase inscrita num contexto particular; o enunciador seria aquele a quem se outorga no discurso uma posição institucional que marca sua relação com o saber, enquanto o co-enunciador é aquele a quem o enunciador dirige o seu discurso. Nessa relação, o co-enunciador não é entendido como uma figura passiva, mas como alguém que exerce um papel ativo no processo discursivo.

procedimento que estivesse mais de acordo com o que ele quer dizer” (MANGUENEAU, 2008-e, p. 98). Assim, para ele, as palavras devem conquistar um público que, por sua vez, tem o direito de aceitá-las, ignorá-las ou recusá-las.

Ainda nesse contexto, diferencia-se o *ethos* discursivo e o *ethos* pré-discursivo. Este último diz respeito à imagem que o público constrói do enunciador antes mesmo que ele fale. “De fato, mesmo que o co-enunciador não saiba nada previamente sobre o caráter do enunciador, o simples fato de que um texto pertence a um gênero de discurso ou a certo posicionamento ideológico induz expectativas em matéria de *ethos*” (MAINGUENEAU, 2008-b, p. 71).

Outro ponto crucial nesta discussão é o fato de que Maingueneau (2008-a) relaciona o *ethos* à noção de tom empregado nos discursos (e não à noção de voz). Do tom, por sua vez, o ouvinte pode depreender o caráter e uma corporalidade do enunciador.

Segundo Maingueneau (1997, p. 47), o caráter seria “o conjunto de traços psicológicos que o leitor-ouvinte atribui espontaneamente à figura do enunciador, em função de seu modo de dizer”, enquanto a corporalidade remeteria a “uma representação do corpo do enunciador, construído no processo discursivo”; esta envolveria também uma forma de vestir-se e de mover-se no espaço social.

O *ethos* implica assim um controle tácito do corpo, apreendido por meio de um comportamento global. Caráter e corporalidade do fiador apoiam-se, então, sobre um conjunto difuso de representações sociais valorizadas ou desvalorizadas, de estereótipos sobre os quais a enunciação se apoia e, por sua vez, contribui para reforçar ou transformar (MAINGUENEAU, 2008-b, p. 72).

O fiador, para Maingueneau (2008-b), é uma imagem construída pelo co-enunciador com base em indícios textuais de diversas ordens. Em termos práticos, podemos dizer que, no âmbito discursivo, é possível criar a imagem de um fiador calmo e tranquilo, mesmo que o enunciador não tenha essas características. Ou seja, a imagem do fiador vai depender das escolhas lexicais pelo enunciador e do tom em que o discurso é proferido.

O texto não é para ser contemplado, ele é enunciação voltada para um co-enunciador que é necessário mobilizar para fazê-lo aderir “fisicamente” a um certo universo de sentido. O poder de persuasão de um discurso decorre em boa medida do fato de que leva o leitor a identificar-se com a movimentação de um corpo investido de valores historicamente especificados. (...) É por

seu próprio enunciado que o fiador deve legitimar sua maneira de dizer. (MAINGUENEAU, 2008-b, p. 73).

Consequentemente, a adesão dos sujeitos aos discursos depende do que Maingueneau (2008-b, p. 72-73) trata como “incorporação”, maneira como o co-enunciador se apropria do *ethos*. Segundo o autor, a incorporação atua sobre três registros articulados da seguinte forma:

- A enunciação do texto confere um corporalidade ao fiador, ela lhe dá um corpo.
- O co-enunciador incorpora, assimila um conjunto de esquemas que correspondem à maneira específica de relacionar-se com o mundo, habitando seu próprio corpo.
- Essas duas primeiras incorporações permitem a constituição de um corpo, da comunidade imaginária dos que aderem a um mesmo discurso.

Sintetizando os princípios mínimos de *ethos*, podemos afirmar que, na visão de Maingueneau (2008-a, p.17),

- o *ethos* é uma noção discursiva. Ele se constrói através do discurso, não é uma “imagem” do locutor exterior a sua fala;
- o *ethos* é fundamentalmente um processo interativo de influência sobre o outro;
- é uma noção fundamentalmente híbrida (sócio-discursiva), um comportamento socialmente avaliado, que não pode ser apreendido fora de uma situação de comunicação precisa, integrada ela mesma numa determinada conjuntura sócio-histórica.

Portanto, na perspectiva discursiva, o *ethos* não é um simples meio de persuasão; ele é parte constitutiva da cena de enunciação, ou seja, da situação de enunciação que torna o discurso pertinente. Seguindo essas definições, “pode-se dizer que, de fato, além de um ‘conteúdo’, de uma ideologia ou de um posicionamento, a análise pode depreender dos textos um certo tom, que será uma espécie de reduplicação do posicionamento” (POSSENTI, 2008-b, p. 151).

Esse é justamente um dos aspectos que nos interessa investigar neste trabalho: os traços do enunciador *Fantástico* que nos auxiliarão a compreender o modo de dizer do programa, não apenas o que é dito explicitamente. Para cumprir esta missão, pontuamos na próxima seção aspectos da noção de cena de enunciação discutidos por Maingueneau (2008-d), intimamente articulada ao conceito de *ethos*, que nos ajudarão, posteriormente, na análise.

2.1.2 Cena enunciativa: englobante, genérica e cenografia

Considerando que os discursos ocorrem nas cenas de sua enunciação, historicamente construídas, preservadas ou transformadas, Maingueneau (2008-d) desenvolve o conceito de “cena enunciativa”, entendida como a cena que legitima os discursos e se constrói à medida que se enuncia. Trata-se do espaço em que o enunciado adquire sentido. Todo discurso “implica um enunciador e um co-enunciador, um lugar e um momento da enunciação que valida a própria instância que permite a sua existência” (MAINGUENEAU, 2008-d, p. 51).

Segundo o autor, são três as cenas que constituem a cena enunciativa: a cena englobante, a cena genérica e a cenografia. A cena englobante corresponde ao *tipo* de discurso a que o texto pertence. Pode ser religioso, publicitário, literário, filosófico, jornalístico, entre outros. Ao delimitar o tipo de discurso, o ouvinte, o leitor ou telespectador torna-se capaz de se situar e interpretar determinado enunciado, bem como definir de que forma ele é interpelado diante de tal material: se é como uma pessoa religiosa, como um cidadão ou como um consumidor, por exemplo.

A cena genérica diz respeito aos *gêneros* do discurso, aqueles que se relacionam às esferas nas quais os textos circulam e são produzidos. À esfera do jornalismo, por exemplo, associam-se gêneros como o editorial e a reportagem. À esfera do discurso publicitário, gêneros como o panfleto e o outdoor. À esfera do humor, gêneros, como a piada, a charge e a tirinha. Observamos, portanto, que os gêneros estão em boa medida associados às condições de produção dos discursos, ao tipo de conteúdo, à organização textual e ao modo de circulação e que nem todos os tipos de discurso podem se materializar em todos os gêneros.

O gênero de discurso implica um contexto específico: papéis, circunstâncias (em particular, um de inscrição no espaço e no tempo), um suporte material, uma finalidade etc. Cada gênero ou subgênero de discurso define o papel de seus participantes: num panfleto de campanha eleitoral, teremos um “candidato” dirigindo-se a “eleitores; num curso, teremos um professor dirigindo-se a alunos etc. (MAINGUENEAU, 2008-d, p. 116).

A cena genérica e a cena englobante integram aquilo que Maingueneau (2008-d) chama de quadro cênico de um discurso. Já a terceira cena, intitulada de cenografia, define a *situação* da enunciação; é o lugar onde o texto se torna único. Não é simplesmente um cenário, onde o discurso aparece inesperadamente no interior de um espaço já construído e

independente dele. É a enunciação que, ao se desenvolver, institui as condições do enunciador e do co-enunciador, e também o espaço (topografia) e o tempo (cronografia).

Chamaremos de cenografia essa situação de enunciação da obra, tomando o cuidado de relacionar o elemento – *grafia* não a uma oposição empírica entre suporte oral e suporte gráfico, mas a um processo fundador, à *inscrição* legitimante de um texto estabilizado. Ela define as condições do enunciador e de co-enunciador, mas também o espaço (topografia) e o tempo (cronografia) a partir dos quais se desenvolve a enunciação. (MAINGUENEAU, 1995, p. 123).

Nesse sentido, é por intermédio de sua própria enunciação que a cenografia é legitimada. Ela pertence à esfera do social e faz referência ao contexto, aos lugares institucionais, aos ritos da comunidade e daqueles que promovem a circulação dos discursos.

Desse modo, a cenografia é ao mesmo tempo a fonte do discurso e aquilo que ele engendra; ela legitima um enunciado que, por sua vez, deve legitimá-la, estabelecendo que essa cenografia onde nasce a fala é precisamente a cenografia exigida para enunciar como convém, segundo o caso, a política, a filosofia, a ciência, ou para promover certa mercadoria. (MAINGUENEAU, 2008-c, p. 87-88).

A cenografia é a cena com a qual o co-enunciador se depara em primeiro plano, já que as cenas englobante e genérica (o quadro cênico) são deslocadas para o segundo plano. Nem todos os discursos possuem as três cenas bem marcadas. Isso acontece, em geral com aqueles que visam a agir sobre o destinatário, modificando suas convicções.

Destacamos, ainda, um quarto elemento pertencente a cena enunciativa que é a chamada cena validada. Quando ocorre é um fato, um evento que a sociedade conhece e reconhece, ou seja, cenas construídas com base em informações e textos já arquivados e compartilhadas na memória coletiva, sejam modelos que se rejeitam ou valorizam: “[...] a cena validada não se caracteriza propriamente como discurso, mas como um estereótipo autonomizado, descontextualizado, disponível para reinvestimentos em outros textos” (MAINGUENEAU, 2008-c, p. 92).

Essa discussão sobre a cena enunciativa contribui para o entendimento do “dito” e da forma de “dizer” dos enunciados. Considerando que a forma de dizer do nosso objeto de estudo, a revista eletrônica *Fantástico*, se constitui a partir de uma relação de troca entre

discursos, fazemos na próxima seção uma incursão no trabalho de Maingueneau (2008-e) sobre a noção da heterogeneidade constitutiva, com apoio de Bakhtin (1981) e Authier-Revuz (1990).

2.1.3 Heterogeneidade constitutiva dos discursos

Para tratar do princípio da heterogeneidade constitutiva dos discursos, destacamos inicialmente as discussões de Mikhail Bakhtin (1981-a), que aborda a heterogeneidade textual por meio de dois termos: o dialogismo e a polifonia. Dialogismo aqui não se restringe ao sentido estrito de diálogo: a comunicação oral entre os indivíduos, a conversa face-a-face. Trata-se de uma das formas mais importantes de interação social, de cruzamento e também de confronto entre vozes sociais. Para o autor russo, o ser humano é inconcebível fora das relações que o ligam ao outro: “só me torno consciente de mim mesmo, revelando-me para o outro, através do outro e com a ajuda do outro” (BAKHTIN, 1981-a, p. 148). É nesse sentido, que podemos dizer que a preocupação de Bakhtin não é com a existência do diálogo em si, mas com o que ocorre com ele, com as relações dialógicas constituídas entre as diversas vozes.

E é no interior dessa concepção de dialogismo que nasce a noção de polifonia. Bakhtin usou esse termo do vocabulário da música, para tratar da nova forma de estruturar e narrar o romance, na obra “Problemas da poética de Dostoievski”, um romancista polifônico, na medida em que as vozes do autor e das personagens são representadas em sua autonomia ideológica dentro da mesma obra. “A essência da polifonia consiste justamente no fato de que as vozes, aqui, permanecem independentes e, como tais, combinam-se numa unidade de ordem superior à da homofonia. [...] Poder-se-ia dizer assim: a vontade artística da polifonia é a vontade de combinação de muitas vontades, a vontade do acontecimento” (BAKHTIN, 1981-b, p. 21).

Nas palavras de Barros (1999, p. 28) “o dialogismo interacional de Bakhtin desloca o conceito de sujeito, que perde o papel de centro a ser substituído por diferentes vozes sociais que fazem dele um sujeito histórico e ideológico”.

E é em torno desses conceitos que Bakhtin desenvolve sua concepção dialógica da linguagem. Para o autor, as palavras e o posicionamento do “outro” estão sempre presentes no processo comunicativo, na interação verbal. Portanto, na visão dele, a enunciação é sempre compreendida como um fazer coletivo, um discurso constante entre os vários discursos sociais:

[...] toda palavra comporta duas faces. Ela é determinada tanto pelo fato de que procede de alguém, como pelo fato de que se dirige para alguém. Ela constitui justamente o produto da interação do locutor e do ouvinte. Toda palavra serve de expressão a um em relação ao outro. Através da palavra, defino-me em relação ao outro, isto é, em última instância, em relação à coletividade. A palavra é uma espécie de ponte lançada entre mim e os outros. Se ela se apóia sobre mim numa extremidade, na outra se apóia sobre o meu interlocutor. A palavra é o território comum do locutor e do interlocutor. (BAKHTIN, 1981-a, p.113).

A forma como o “outro” se materializa no discurso também faz parte do trabalho de Authier-Revuz (1990) sobre a heterogeneidade enunciativa. É articulando a noção de dialogismo do Círculo de Bakhtin à teoria psicanalítica de descentramento do sujeito de Lacan, feita através da leitura de Freud, que a autora reconhece e determina o caráter heterogêneo do discurso. Tal heterogeneidade apresenta-se de duas formas: heterogeneidade constitutiva e heterogeneidade mostrada do sujeito e de seu discurso.

A heterogeneidade constitutiva é aquela que não revela o outro na superfície do texto porque é concebida no nível do interdiscurso e do inconsciente. Ou seja, diz respeito ao funcionamento real do discurso. Já a heterogeneidade mostrada refere-se à presença explícita do outro no discurso, que pode ser recuperada no nível enunciativo, a partir de marcas linguísticas que mostram concretamente a presença de outra voz na superfície do texto. “Chamo de formas de ‘heterogeneidade mostrada’ por inscreverem o outro na sequência do discurso – discurso direto, aspas, formas de retoque ou de glosa, discurso indireto livre, ironia” (AUTHIER-REVUZ, 1990, p. 25). É possível incluir ainda nesse grupo as paráfrases (que fazem parte das imitações) e as citações, tais como provérbios e as máximas.

Nesse contexto, podemos entender que, assim como Bakhtin, Authier-Revuz (1990) considera impossível analisar discursos sem pensar na heterogeneidade, sem pensar no “outro” constitutivo. Em outras palavras, nossos discursos estão sempre orientados por e para outro discurso. “Sob nossas palavras ‘outras palavras’ são ditas”. Isto significa que os textos são sempre heterogêneos à medida que o sujeito “não é uma entidade homogênea exterior à linguagem, mas o resultado de uma estrutura complexa, efeito da linguagem” (AUTHIER-REVUZ, 1990, p. 25).

Mainueneau também defende o caráter essencialmente dialógico de todo enunciado do discurso. Ele considera que toda enunciação retoma outros dizeres e que o *eu* sempre se constitui em relação ao *não-eu*, independente de qualquer marca presente no discurso. Nesse sentido, Charaudeau e Mainueneau (2008) afirmam que para interpretar o menor enunciado

que seja, é preciso colocá-lo em relação com todos os tipos de outros, que se comentam, parodiam, citam. Em verbete cuja definição é atribuída ao próprio Maingueneau, lemos:

Cada gênero de discurso tem sua maneira de gerar as multiplicidades das relações interdiscursivas: um manual de filosofia não cita da mesma maneira nem se apoia nas mesmas autoridades que um animador de promoções de vendas... O próprio fato de situar um discurso em um gênero (a conferência, o jornal televisando...) implica que ele é colocado em relação ao conjunto ilimitado de outros. (CHARAUDEAU; MAINGUENEAU, 2008, p. 172).

Uma das interfaces da heterogeneidade discursiva que nos interessa nesta pesquisa é o processo de citação. Conforme Bakhtin, a citação é o modo mais evidente de se representar o discurso do outro. Em sua visão, o discurso citado é “o discurso no discurso, a enunciação na enunciação”, e, “ao mesmo tempo, um discurso sobre o discurso, uma enunciação sobre a enunciação” (BAKHTIN, 1981-a, p. 144).

Segundo Maingueneau (1976, p. 125) a citação consiste em “retirar um material já significante de dentro de um discurso para fazê-lo funcionar dentro de um novo sistema significante.” Em outras palavras, o deslocamento transforma o mesmo material em outro material. O autor sublinha que essa estrutura imprime um grau de distanciamento variável entre o locutor citante e o locutor citado, que pode ir da anuência à discordância.

Em artigo publicado no livro “Cenas da Enunciação”, Maingueneau (2008-d) apresenta um dispositivo de análise do discurso que não se restringe à citação, embora possa envolvê-la. Trata-se da destacabilidade do discurso, de especial interesse para esta pesquisa. O autor propõe pensar o “destacamento” dos enunciados não só a partir da sequência “destacadas”, mas também considerando as condições que permitem que enunciados sejam “destacáveis.

2.1.4 Citação e destacabilidade

Segundo Maingueneau (2008-d), o fenômeno da destacabilidade diz respeito a certos enunciados que são colocados em circulação, independentemente de seus textos e de seus “contextos” de origem, em função de determinadas características formais e de sentido. Ele chama esses enunciados de fórmulas e os caracteriza como:

enunciados curtos, cujo significante e cujo significado são considerados no interior de uma organização pregnante (pela prosódia, rimas internas,

metáforas, antíteses....), o que explica que sejam facilmente memorizados. Algumas dessas fórmulas circulam no interior de uma comunidade mais ou menos restrita (uma seita, uma disciplina acadêmica...); outras são conhecidas por um grande número de locutores espalhados em vários setores do espaço social. [...] O rótulo bem impreciso de “citação célebre” convém a este tipo de fórmula (MAINGUENEAU, 2008-d, p. 75).

Assim, as fórmulas são, na verdade, citações que segundo Maingueneau (2008-d) se enquadram em dois tipos de funcionamento. Existem as fórmulas que funcionam como enunciados autônomos e as que se comportam como fórmulas citadas para marcar um posicionamento específico que se opõe implicitamente a outros. “A fórmula ‘autônoma’ é, regra geral, interpretada segundo seu sentido imediato numa interação entre locutores que não são especialistas no tipo de discurso de que provém essa fórmula” (MAINGUENEAU, 2008-d, p. 75).

Segundo Maingueneau (2008-d, p.77), os enunciados que funcionam como fórmulas se apresentam em dois planos – os que são destacados naturalmente de um texto e os que são passíveis de serem destacados. Os primeiros são caracterizados como fórmulas genéricas, metafóricas, curtas, bem estruturadas, facilmente memorizáveis e passíveis de serem reutilizadas em outras situações. Além disso, são textos pronunciados com o *ethos* enfático conveniente, caracterizado pela mudança de entonação típica da citação. Fazem parte desse grupo as máximas, os provérbios, os slogans e as frases feitas, resultantes da sabedoria popular representada por um hiperenunciador, que permite a retomada ilimitada desses textos. Resumidamente, o enunciado que se apresenta naturalmente destacável do seu co-texto deve ser percebido como inédito e imemorial; é um texto digno de ser consagrado, antigo de direito, novo de fato.

Já em relação às fórmulas passíveis de serem destacadas de um discurso, Maingueneau (2008-d) aponta as características que elas podem apresentar: a posição em que se encontram (final de um capítulo ou de uma obra, por exemplo); o sentido de definição ou generalização que lhe pode ser atribuído; a marca de uma operação meta-discursiva (algo como “em resumo”, “para concluir”,...); a forma sintética e inusitada.

Motta (2009, p. 120), ao tratar da destacabilidade, considera que este é um conceito capaz de abarcar tanto fenômenos típicos da heterogeneidade enunciativa, como a citação, quanto a enunciação proverbial (em sua forma cristalizada ou em suas paródias). E também põe em relevo um funcionamento enunciativo: as diversas formas com que um texto destaca alguns enunciados, o que possibilita uma análise não restrita ao que já é historicamente destacado.

Essa noção é fundamental para a compreensão do funcionamento discursivo da série de reportagens que nos serve de *corpus*. Para mostrar como a destacabilidade de alguns enunciados contribui para a constituição de alguns sentidos de família em detrimento de outros, lançamos mão do conceito de aforização, proposto por Maingueneau (2008-d).

2.1.5 Aforizações sentenciosas e pessoais

Ao discutir a destacabilidade dos enunciados, Maingueneau (2008-f) introduz o conceito de “enunciação aforizante”. Derivado da noção de aforisma, “frase de funcionamento sentencioso, que resume em algumas palavras uma verdade fundamental” (Grand Larousse de la langue française, em nota citada por Maingueneau, 2008-f, p.159), o enunciado aforizante institui uma cena de fala cujos protagonistas situam-se em planos diferentes, pois a instância responsável pela enunciação está distante.

A primeira vez que o autor aborda a aforização é no texto *Citação e destacabilidade*, publicado em 2006 na obra *Cenas da Enunciação*, junto ao conceito de *sobreasseveração*⁶. Em 2007, durante o V Congresso Internacional da Abralín, no texto *L'enonciation Aphorizante*, o conceito é aprofundado e publicado nos anais do evento (2008-f). Propondo-se descrever o funcionamento dos enunciados destacados, Maingueneau apresenta uma primeira distinção entre os enunciados que se encontram à parte de todo contexto original (o que é o caso de todas as formas sentenciosas, com ou sem autor identificado) e os destacamentos de um texto particular, quando há citações.

Como lembra Maingueneau (2008-f), o fenômeno da aforização ocorre em numerosas línguas, em marcas não relacionadas às enunciações. É o caso da frase nominal, de que trata Benveniste (1966), no capítulo 13 (pp. 163-182). De acordo este autor, a frase nominal: “serve sempre a asserções de caráter geral, na verdade, sentenciosas”. Após mencionar outros estudiosos⁷ que se debruçaram sobre o assunto, Benveniste afirma que “a frase nominal visa a convencer enunciando uma ‘verdade geral’ completa; supõe o discurso e o diálogo; não comunica um dado de fato, mas propõe uma relação intemporal e permanente, que age como um argumento de autoridade”. (BENVENISTE, 1966, p. 176). Maingueneau (2008-f, p. 160) pontua a conclusão de Benveniste sobre a frase nominal grega: é um enunciado não embreado e um enunciado de autoridade, cuja responsabilidade é atribuída a uma instância que não

⁶ A sobreasseveração diz respeito às situações em que uma figura de enunciador não apenas diz, mas “mostra que diz o que diz, e presume-se que o que ele diz condensa uma mensagem forte, induz a uma tomada de posição exemplar” (MAINGUENEAU, 2008-d, p. 91).

⁷ O autor menciona Meillet, M.S.L., XIV, p. 16, e Meillet-Vendryes, *Traité de gramm. Comp*, 2.ed., p. 595.

coincide com o produtor empírico do enunciado. É assim, um enunciado (provérbio, adágio, sentença...) que não se constitui propriamente em um texto.

Essa definição corresponde àquilo que Maingueneau (2008-f) denomina como aforizações sentenciosas, enunciações naturalmente autônomas e de valor generalizante; são basicamente polifônicas, pois seu locutor atribui a responsabilidade de seu dizer a uma instância anônima, um “hiperenunciador”.

No mesmo texto, o autor introduz o conceito de enunciação aforizante “pessoal”, aquela que é atribuída a indivíduos, indexados por nomes próprios. Tem em comum com a aforização sentenciosa o fato de instituir uma cena de fala cujos protagonistas não se situam em um mesmo plano. Da mesma forma que a aforização de tipo sentencioso, a pessoal convoca as palavras ditas em uma outra cena por locutores autorizados, cujo nome se destaca da comunidade e é colocado na esfera das pessoas “competentes”. Trata-se, neste último caso, das enunciações extraídas de um texto particular, na lógica mais tradicional de citação. O autor apresenta como exemplo de aforização pessoal a enunciação “Eu me acho linda”, atribuída pela revista *Veja* à cantora Preta Gil.

Conquanto não restem maiores questionamentos em relação ao reconhecimento das aforizações sentenciosas, o mesmo não ocorre em relação às aforizações pessoais, conceito pouco desenvolvido e exemplificado na bibliografia disponível. Considerando o exemplo dado, poderíamos questionar: 1) pode uma aforização ser embreada, isto é, portar marcas dêiticas? 2) qual a diferença entre uma aforização pessoal e uma citação? 3) uma aforização necessita ser generalizante?

A indicação de uma enunciação embreada (com marcas de primeira pessoa do singular, remetendo à cantora Preta Gil) para exemplificar o conceito leva-nos ao entendimento de que, ao contrário do que ocorre com a aforização sentenciosa, a ausência de embreagem não é uma característica imprescindível à aforização pessoal.

Quanto à diferença entre citações e aforizações, o próprio Maingueneau (2008-f, p. 156) nos responde que para que as citações sejam consideradas enunciações aforizantes, é preciso que sejam breves (normalmente se restringindo ao limite de uma frase), e se caracterizem como fórmulas, pensamentos, máximas, o que pressupõe um caráter generalizante. Entretanto, falta essa característica ao exemplo referente à fala de Preta Gil, que é bastante específico. Esse aparente desencontro pode ser interpretado como um indício de que a aforização pessoal é um aspecto da teoria que se encontra ainda em construção⁸.

⁸ Essa informação foi-nos gentilmente dada pelo próprio autor, durante a realização do Seminário do CIAD, realizado no Rio de Janeiro, em setembro de 2010.

O que podemos concluir é que as aforizações pessoais são frases de outrem que alguém enuncia com tom aforizante. Isso faz com que as peculiaridades de nosso corpus de análise limite a ocorrência de aforizações pessoais, pois coloca em um mesmo ambiente entrevistador e entrevistado, dando voz a ambos. Não se tem aí, portanto, aforizações pessoais, mas falas em discurso direto.

Não é a forma embreada ou a ausência do caráter generalizante que tira das referidas enunciações seu caráter de aforizações, mas o fato de serem pronunciadas pelo próprio falante. Porém, não se trata de enunciações comuns, mas de enunciações que possuem uma relação com aforizações sentenciosas. Dessa forma, várias delas são potencialmente repetíveis, uma vez que especificam ou remetem a verdades supostamente inquestionáveis, abonadas pela sabedoria popular (cf. capítulos 4 e 5).

Na obra *Doze conceitos de análise do discurso* (2010, p. 12), Maingueneau afirma que a enunciação aforizante corresponde ao regime de enunciação específico dos enunciados destacados. O autor explica que entre uma aforização e um texto não há uma diferença de dimensão, mas de ordem. Na enunciação aforizante,

não há posições correlativas, mas uma instância que fala a uma espécie de ‘auditório universal’, que não se reduz a um destinatário localmente especificado: a aforização institui uma cena de fala onde não há interação entre dois protagonistas colocados num mesmo plano. O locutor não é apreendido por tais ou tais facetas, mas em sua plenitude imaginária: não há ruptura entre uma instância fora da enunciação e uma instância que é um papel discursivo. É o próprio indivíduo que se exprime, além/aquém de todo papel, ‘ele mesmo’, de alguma forma. Fundamentalmente monologal, a aforização tem como efeito centrar a enunciação no locutor. (MAINGUENEAU, 2010, p. 13).

Na aforização, o enunciado tem como intenção exprimir o pensamento de seu locutor, um dito, uma tese, uma proposição e/ou uma afirmação que se supõe soberana, aquém de qualquer jogo de linguagem, característico do texto. Dito de outra forma, a enunciação aforizante tem “a pretensão pragmática” de ignorar a necessidade de ocorrer no interior de uma configuração textual. Ainda que não tenha existência fora de um texto, e, evidentemente, de um gênero, ela se vê como uma ilocução sem contexto.

Outro ponto importante para a compreensão da enunciação aforizante é a sua relação com a memória discursiva. De acordo com Maingueneau (2010, p.14), diferente da enunciação textualizante que resiste à apropriação por uma memória, a enunciação aforizante “implica a utopia de uma fala viva sempre disponível, que atualiza o “memorável”: enunciando e mostrando o que enuncia, ela se dá como parte de uma repetição constitutiva”.

Maingueneau afirma que o sujeito aforizador deve ser responsável pela fala, de pleno direto e não simplesmente locutor e enunciador.

Assim, através da aforização, é possível ao locutor vir para o lado de cá, ou ir para o de lá, da diversidade infinita das interações imediatas, dos gêneros do discurso e dos textos. O ‘aforizador’ assume o ethos do locutor que está no alto, do indivíduo autorizado, em contato com uma Fonte transcendente. Ele é considerado como aquele que enuncia sua verdade, que prescinde de negociação, que exprime uma totalidade vivida: seja uma doutrina ou uma concepção vaga da existência. (MAINGUENEAU, 2010, p. 14).

Em síntese, Maingueneau (2008-d, p. 92) afirma que “a aforização atribui um novo estatuto à citação. Não se trata mais de representar, mas de apresentar, de tornar presente, de fazer ouvir uma reserva de sentido na própria exibição de uma enunciação, de tornar enigmático um enunciado que manifesta e esconde tudo ao mesmo tempo, que apela para a interpretação”.

Após discorrer sobre os conceitos teórico-metodológicos que vão orientar nossa análise, apresentamos no próximo capítulo o nosso objeto de análise, a revista eletrônica *Fantástico*, caracterizando a linguagem e o formato desse veículo. No segundo momento, discutimos o *ethos* discursivo do programa.

CAPÍTULO 3

REVISTA ELETRÔNICA *FANTÁSTICO*

Considerando que as reportagens que servirão de *corpus* foram veiculadas no programa *Fantástico*, julgamos pertinente apresentar, neste capítulo, a linguagem e o formato dessa revista eletrônica televisiva.

Como explicitamos nas Considerações Iniciais, entendemos por revistas eletrônicas os programas de variedades, que apresentam discussões temáticas e privilegiam reportagens. No Brasil, em canal aberto, além do *Fantástico* e do *Domingo Espetacular*, da Rede Record, exibidos aos domingos à noite, esse gênero está concentrado no período matutino, com programação mais voltada para o público feminino.

Num segundo momento, abordamos o *ethos* discursivo do *Fantástico* com base nos conceitos propostos por Dominique Maingueneau (2008-a; 2008-b), discutidos na seção 1.1.2. Mostramos qual a imagem que o programa tem de si e como os responsáveis acreditam que o programa é visto. Ou seja, apontamos a personalidade do *Fantástico* revelada através de seus discursos, o que também contribuirá para as análises da série de reportagem em foco.

3.1 LINGUAGEM E FORMATO

A revista eletrônica *Fantástico* é um programa que existe há 37 anos e passou por diversas adaptações, com o intuito de se moldar às supostas exigências do público e dos anunciantes. É exibido aos domingos à noite, num horário considerado nobre, o que encarece consideravelmente os espaços publicitários. A consequência principal é a forte disputa por audiência verificada entre as emissoras, nesse período.

Os programas televisivos exibidos nesse horário, quando muitas famílias se reúnem para assistir à televisão enquanto se preparam para a nova semana, geralmente levam à casa dos brasileiros, entretenimento, informações previamente processadas e um panorama do que foi notícia durante os dias antecedentes. É neste contexto que se encaixa a revista eletrônica *Fantástico*, que desde o seu início, mistura jornalismo e entretenimento.

Um ponto que diferencia visivelmente as revistas eletrônicas televisivas do telejornalismo diário é a maneira como os temas são abordados. Enquanto este privilegia a

notícia, não raro constituída apenas de manchete e “lead”, as revistas propiciam um maior aprofundamento, podendo envolver entrevistas e análises⁹. Embora os jornais diários também possam apresentar séries de reportagens, elas são mais comuns em revistas semanais. A esse respeito, Charaudeau (2006, p. 230-231) afirma: “as revistas podem ter como dominante um bate-papo com um resumo das notícias da semana, um debate, com inserção de micro-reportagens, uma reportagem com análises feitas no palco ou entrevistas, ou podem equilibrar essas diferentes formas”.

Podemos dizer que a periodicidade da revista que, no caso em análise, é semanal, contribui para a busca por informações mais detalhadas para tratar, por exemplo, de um assunto que já teve repercussão durante a semana. Além disso, a produção procura pautas consideradas diferenciadas e curiosas, ainda que nem sempre agradem à maioria dos telespectadores.

Os responsáveis pelo *Fantástico* acreditam que o programa, ao selecionar e tratar determinados fatos sociais e ignorar outros, possa influenciar a escolha de temas que as pessoas passam a discutir já na segunda-feira cedo, seja em casa, na escola ou no trabalho¹⁰. Esta prática está relacionada ao conceito de *agenda-setting* desenvolvido, na década de 70, pelos pesquisadores norte-americanos Maxwell E. McCombs e Donald L. Shaw, que aborda o poder da mídia em organizar e estruturar a realidade da sociedade, agendando os assuntos que vão se transformar em conversas e discussões do dia a dia.

A *agenda-setting* é a capacidade da mídia de influenciar a projeção dos acontecimentos na opinião pública, o que realça o seu papel na configuração da nossa realidade social. Ou seja, as pessoas criam um pseudo-ambiente a partir daquilo que é veiculado pelos meios de comunicação de massa (MCCOMBS & SHAW *apud* TRAQUINA, 2001, p.14).

Essa é uma das razões que tem levado o *Fantástico* a apostar nas histórias de personagens¹¹ exclusivos, como uma forma de atrair a atenção dos telespectadores e tornar

⁹ Melo (1994, p. 65) afirma que “a notícia é o relato integral de um fato que já eclodiu no organismo social. A reportagem é o relato ampliado de um acontecimento que já repercutiu no organismo social e produziu alterações que são percebidas pela instituição jornalística”.

¹⁰ Informação obtida durante visita à sede da Rede Globo, no Rio de Janeiro, e participação em reunião de pauta do programa *Fantástico*, em setembro de 2010.

¹¹ No telejornalismo brasileiro, o surgimento do personagem esteve relacionado a alguns fatores: o avanço tecnológico das televisões, o aparecimento da figura do produtor, nas redações, e o uso da internet e assessorias de imprensa, nas produções. De acordo com Couto (2009), o personagem é um dos elementos de construção da narrativa em TV que está presente atualmente em quase todas as reportagens televisivas. Trata-se da chamada personificação da notícia, na qual o foco narrativo é dirigido para testemunhas e situações exemplares, capazes de oferecer maior peso dramático à realidade apresentada ao público.

alguns assuntos mais populares. “A abordagem sobre um tema mais amplo e mais complexo tende a realçar casos específicos e bastante concretos, num esforço de envolver o telespectador, aproximando-o de assuntos que de outra forma podem parecer distantes ou abstratos” (COUTO, 2009, p. 32). São reportagens que seguem o princípio da atemporalidade, podendo ser exibidas em qualquer edição.

Sobre as histórias exclusivas em revista, Scalzo (2004) complementa:

Não dá para imaginar uma revista semanal de informações que se limita a apresentar para o leitor, no domingo, um mero resumo do que ele já viu e reviu durante a semana. É sempre necessário explorar novos ângulos, buscar notícias exclusivas, ajustar o foco para aquilo que se deseja saber, e entender. (SCALZO, 2004, p. 41).

Ainda a esse respeito, Bourdieu (1997, p. 25) enfatiza que “o princípio de seleção é a busca do sensacional, do espetacular. A televisão convida à dramatização, no duplo sentido: põe em cena, em imagens, um acontecimento e exagera-lhe a importância, a gravidade, e o caráter dramático, trágico”. Esse é certamente um desafio para o programa: preencher os vazios informativos deixados pelas coberturas do rádio, dos jornais, da internet e do próprio telejornalismo diário, avançando na discussão dos assuntos em questão e evitando cair no exagero ou apelação.

Souza (2004) classifica o gênero revista na categoria do entretenimento, uma das três funções clássicas da televisão, ao lado da instrução e da informação. Para defender a importância do entretenimento, o autor menciona o manual de produção de programas da BBC (British Broadcasting Corporation), segundo o qual,

O entretenimento é necessário para toda e qualquer ideia de produção, sem exceções. Todo programa deve entreter, senão não haverá audiência. Entreter não significa somente vamos sorrir e cantar. Pode ser interessar, surpreender divertir, chocar, estimular ou desafiar a audiência, mas despertando sua vontade de assistir.

No caso do *Fantástico*, o entretenimento tem ganhado mais espaço a cada edição, por dois motivos: driblar a concorrência que não para de crescer e atender a necessidade do telespectador que busca distração nas noites de domingo.

Schroder (2010¹²), diretor geral de jornalismo e esporte da Rede Globo, confirma a intenção da emissora em evitar à ênfase à denúncia, no *Fantástico*: “Nós não podemos fazer 100% de jornalismo puro. Se você tivesse só denúncia, com certeza a audiência cairia porque as pessoas querem algo para o domingo à noite. A gente precisa de produção, coisas leves para compor esse meio”. Essa concepção se coaduna com as palavras de Eugênio Bucci¹³, para quem a sedução precede a informação:

O jornalismo passa a acontecer como entretenimento, o jornalismo passa a seduzir como um programa que diverte. Os meios de comunicação de massa eliminam a distância entre a função de informar e a função de entreter. O jornalismo procura, quando fala, quando emite seu discurso, quando trabalha seus conteúdos, ser antes sedutor e só depois informativo. Essa é uma característica do nosso tempo.

Comentários dos telespectadores a respeito do *Fantástico*, publicados no próprio site do programa, mostram que esse é realmente o perfil de programações televisivas que têm atraído muitas pessoas.

(...) nos últimos tempos há carência de reportagens que evidenciem as artes; música, dança, teatro, cinema, pintura, escultura, canto, ópera, e o programa está ficando muito pesado, em virtude de retratar a época violenta em que vivemos, e isso já é amplamente mostrado nos telejornais, e os telespectadores merecem um descanso, nos domingos a noite, para iniciarem bem a semana. (www.g1.com.br/fantastico. *Anônimo*, 7 agosto, 2008 às 17:02).

Em relação ao formato do *Fantástico*, observamos que a estrutura se repete praticamente em todos os domingos: são sete blocos, com seis intervalos, num total de 42 “páginas”. O planejamento do programa envolve 56 profissionais – 38 no Rio de Janeiro e 18 em São Paulo (REVISTA FANTÁSTICO, 2006). Essa equipe se reúne já na terça-feira, para fazer um balanço e planejar a semana seguinte. A reunião se divide em três momentos: avaliação do último programa; sugestões de pauta e de matérias especiais.

¹² Citação de Carlos Henrique Schroder, Diretor Geral de Jornalismo e Esporte da Rede Globo, durante palestra proferida na Caravana de Jornalismo da Rede Globo – etapa Sul e Sudeste.

¹³ Citação do jornalista e crítico de TV Eugênio Bucci durante aula ministrada na TV Cultura de São Paulo “Ver TV de olhos fechados – A Era do Espetáculo”.

Os primeiros 30 minutos são apelidados “fala do trono”; trata-se do momento em que o diretor executivo do programa, Luiz Nascimento, comenta o que funcionou e o que não funcionou no programa anterior. Os envolvidos na produção também fazem suas avaliações.

Na seqüência, são discutidos os assuntos da semana que já têm uma agenda prevista ou que podem se tornar pauta até o sábado. Faz-se um resumo sobre o que o jornalismo diário vai cobrir e o que a equipe acredita que deve estar no *Fantástico*. “Oferecendo desdobramentos dos assuntos que foram notícias, o Fantástico [...] se mostra conectado aos eventos do país e do mundo, [...], ligado ao presente, mesmo que este presente, na verdade, seja o passado recente” (GOMES, 2006, p. 91).

O terceiro momento é dedicado às pautas que exigem um fôlego um pouco maior e que levam dias para serem produzidas. As séries, novos quadros e projetos que são gravados em meses e até anos no Brasil e no exterior, também se enquadram nesta última etapa de discussão.

Além dos apresentadores e repórteres, uma característica atual é que autoridades em determinados assuntos também participam dessa produção de quadros e séries, levando informação e entretenimento até a casa dos telespectadores. Na perspectiva dos responsáveis pelo programa, o *Fantástico* sai ganhando, com essas participações, e os especialistas também ganham, pelo prestígio de participarem do programa.

Sinteticamente, podemos afirmar que o programa tem se caracterizado pela diversidade temática e a variação dos formatos, que incluem matérias jornalísticas, séries de reportagens, quadros de humor, entradas ao vivo, quadros fixos com especialistas, entrevistas com artistas, o que contribui para a imagem de um programa variado e dinâmico.

Feita a descrição da linguagem e dos formatos empregados pelo *Fantástico*, apresentamos o *ethos* do programa.

3.2. O *ETHOS* DO PROGRAMA

Como discutimos em 2.1.1, para Maingueneau (2008-a), o modo de dizer está associado a uma maneira de ser e assim acontece com a revista eletrônica *Fantástico*. A auto-imagem do programa pode ser apreendida em alguns momentos. Primeiro, pela construção textual utilizada nas próprias chamadas do programa e durante a exibição das reportagens: “isso você só vê aqui no *Fantástico*”, “exclusivo”, “você não pode deixar de assistir”, “nós convidamos você a descobrir (...)”, deixa evidente que a revista eletrônica se considera

exclusiva e única. Daí o caráter de extraordinário, sintetizado no título “*Fantástico*”, que afirma a importância de uma notícia ou um programa ser realmente diferente de tudo o que já se viu, de atrair o telespectador pelo inusitado, pelo ineditismo e pela exclusividade de notícias. Evidentemente, não é simples manter um programa semanal seduzindo telespectadores por tantos anos¹⁴.

O programa apresenta uma corporalidade e um caráter, mostrando o que pretende ser para o público. Desde a abertura, o programa enfatiza seu caráter jornalístico e seu papel de entretenimento. A primeira reportagem exibida é geralmente mais longa, com uma abordagem mais ampla e informação aprofundada. Na sequência, o programa apresenta de forma breve os assuntos da edição, a chamada escalada, e a vinheta.

Um tom descontraído, diversificado e dinâmico é dado pela presença de quatro apresentadores, sendo dois principais (Zeca Camargo e Patrícia Poeta) e dois auxiliares (Renata Ceribelli e Tadeu Schmidt). Os dois últimos apresentam alguns quadros específicos, e substituem, em alguns momentos, os âncoras.

Renata Ceribelli está no *Fantástico* desde 1999 e é hoje a repórter que trata dos dilemas contemporâneos da família brasileira, desde temas polêmicos como as “palmadinhas” nas crianças até problemas sexuais entre casais.

Destacamos também o enquadramento dos apresentadores, que aparecem em corpo inteiro, diferentemente dos telejornais semanais, aproximando-se do público que pode ver toda a movimentação dos jornalistas e o figurino que usam. Zeca Camargo e Patrícia Poeta, geralmente dividem a apresentação de uma mesma matéria, conferindo, assim, uma dinamicidade e agilidade na exposição dos fatos noticiados. É comum os dois trocarem olhares e sorrisos, o que contribui para um contexto comunicativo de familiaridade e descontração. Ao se dirigirem aos telespectadores, os chamam de você.

O cenário grande com diversos recursos tecnológicos também tem seu papel na corporalidade do programa, como se fosse um espetáculo mesmo. Nesse ambiente, as únicas coisas concretas são duas poltronas brancas iguais. Os apresentadores também exibem figurinos de luxo alinhados às tendências da moda para atrair o telespectador. Ao analisar o *Fantástico*, Gomes (2006) faz um comentário pertinente para nossa discussão:

A vestimenta do casal é um dos indicativos da expressão do pacto sobre o jornalismo proposto pelo programa e, conseqüentemente, do seu modo de

¹⁴ Segundo Nassif (2003, p. 9), na época em que surgiu, o “*Fantástico*” era “um show de criatividade, ousadia e técnica”.

endereçamento. A aposta da revista em um visual alinhado, porém, moderno, fora dos moldes telejornalísticos, reflete uma das marcas do gênero no qual o programa está inscrito, revelando que, apesar de se aproximar do telejornal, o mesmo borra suas fronteiras, buscando caracterizar os apresentadores da mesma forma que busca caracterizar o jornalismo oferecido: showrnalismo. (GOMES, 2006, p. 50-51).

Outro aspecto que remete à proposta em relacionar o jornalismo com entretenimento e, claramente, enfatizar este último, é a logomarca. Renovada em 2010, ela é apresentada em dourado, cor que se aproxima mais do primeiro dos elementos lexicais que compõem o slogan do programa: “show da vida”.

O *Fantástico* reforça também a imagem de interativo ao disponibilizar vários canais de comunicação com o telespectador. O programa procura estimular a participação do público na página na internet para mandar as sugestões de pauta e os vídeos. O convite é “O *Fantástico* está esperando o seu vídeo. Mande pra gente! Pode ser da sua máquina digital, da filmadora, do celular. Participe!”. É uma maneira de dizer: “o *Fantástico* é um programa acessível a todos e o telespectador tem sempre seu espaço garantido”.

O internauta tem ainda à disposição o *Canal F*, um programa diário na internet, produzido com material extra das reportagens, entrevistas e informações de bastidores. O *Canal F* também faz homenagens e recupera arquivos. É exibido todos os dias, entre seis e sete horas da noite e possui os mesmos apresentadores e repórteres do programa. Nesse canal os destaques do domingo são antecipados e o *Fantástico* coloca-se como uma revista eletrônica que tem à disposição todos os últimos recursos tecnológicos a serviço da televisão, evidenciando ao público, a habilidade técnica da equipe do programa em lidar com os avanços da tecnologia e incorporá-los.

Desde 2005, o programa conta também com uma versão impressa intitulada “Fantástico: o show da vida em revista”, publicada uma vez por ano. A chamada de capa é: “tudo o que você não viu na TV e também é fantástico”.

Durante longos anos, o *Fantástico* teve uma audiência bastante estável. Com o tempo, foram surgindo os concorrentes, de maneira que, atualmente, a guerra dominical é dividida diretamente com outras três emissoras: Record, SBT e Rede TV. Cada uma faz uma grande aposta para conquistar o telespectador. O mais recente é o *Programa do Gugu*, que estreou na Record, em 30 de agosto de 2009. Em seguida, vem o SBT, com o *Programa Silvio Santos*, o mais antigo deles, e o *Pânico na TV*, da RedeTV!. Um pouco antes do início do *Fantástico*, a Record também apresenta a revista eletrônica *Domingo Espetacular* que deu os primeiros passos em abril de 2004.

No fim de 2009, o programa passou por um dos seus piores momentos. Segundo dados do Ibope, no mês de outubro todas as emissoras tiveram média abaixo de 20 pontos, entre as 20 e 24h. A TV Globo liderou o Ibope com o *Fantástico*, com média de 19,6 pontos. A Record, com o *Programa do Gugu*, teve o segundo lugar com 13,1 pontos. Em seguida, o SBT com o *Programa Silvio Santos* como carro-chefe, teve média de 9,8 pontos no horário e a RedeTV!, com o *Pânico na TV*, alcançou média de 8,6 pontos.

Numerosos sites e blogs sobre televisão revelam que o programa tem, efetivamente, telespectadores cativos, que apreciam as novas atrações. Alguns deles acompanham o programa desde o início. Em 2008, quando o programa completou 35 anos, foram publicados no próprio site do programa (www.g1.com.br/fantastico), alguns desses comentários que mostram a imagem que o público tem do programa. Sinteticamente, tais comentários, além de cumprimentar o programa, elogiam a qualidade do conteúdo ao dizer que o *Fantástico* não é um programa sensacionalista e que expõe a realidade dos fatos. Os telespectadores fizeram também sugestões:

[...] gostaria de ver dentro do programa matérias voltadas mais para a cultura popular das mais diversas regiões deste nosso país, pois somos um país rico nesse campo e seria interessante que todos os brasileiros tivessem conhecimento de nossas próprias raízes
(www.g1.com.br/fantastico, Anônimo: 28 agosto, 2008 às 12:00).

“Tenho 40 anos e desde que me entendo por gente assisto ao fantástico. domingo sem fantástico não é domingo. Minhas aulas nas segundas feiras tem sempre uma história fantástica para discutir com meus alunos
(www.g1.com.br/fantastico, *Suely Pereira*: 28 agosto, 2008 às 21:28).

A fórmula, que é aprovada por muitos, é criticada por outros tantos, uma vez que, evidentemente, o programa não é uma unanimidade. Declarações encontradas em outros sites e blogs¹⁵ clamam pela renovação do programa. São depoimentos que revelam as razões da fragilidade da audiência do programa, em alguns momentos e que constroem representações do *ethos*, muitas vezes, antes mesmo que o *Fantástico* se pronuncie. É o *ethos* pré-discursivo, também discutido por Maingueneau.

Não acho que o Fantástico esteja tão ruim. Sim, o programa não é mais aquele "show da vida" do passado, mas pelo menos cumpre a sua função de

¹⁵ http://tele-visao.zip.net/arch2009-10-25_2009-10-31.html
<http://antena-livre.blogspot.com/>
www.fabiotv.zip.net

aliar jornalismo e entretenimento. Gosto de alguns quadros, como a parte esportiva apresentada pelo Tadeu Schmmid, por exemplo. As matérias jornalísticas (como as que repercutem as notícias que foram destaque na semana) têm bastante espaço no Fantástico e são bem-feitas. Mas concordo que algumas matérias são bobas e dispensáveis, como a que exibiram ontem, sobre homens que se vestem de mulher. Afff! Pra que aquilo? Tem também aquele quadro dos Exagerados, que faz jus ao nome, pois as situações apresentadas ali são tão exageradas que não têm a menor graça. Também acho desnecessário aqueles vídeos enviados pelo público (com exceção dos vídeos do Bola Cheia e Bola Murcha, que são legais). Enfim, o Fantástico até dá suas escorregadas, mas continua sendo um bom programa (Jason Lima Giambarba, 03/11/2009, 01:16).

O Fantástico não é de todo ruim. Mas se esqueceram de que a informação nos dias de hoje é muito maior do que há de anos atrás. Pararam no tempo. O programa parece enferrujado e nem adianta colocarem a galera sem-graça do Casseta e Planeta ou humoristas para ajudar na busca da audiência, que não vai dar certo. Além disso, o telespectador também mudou. Está mais exigente e realmente quer matérias que lhes prendam frente a TV. O problema não está nos apresentadores, que cumprem apenas a sua tarefa; se retornassem com Glória Maria os índices continuariam os mesmos, afinal a TV não é e nem nunca foi só um instrumento para o público ver artistas ou apresentadores, dos quais tenham empatia. Querem mais: querem cultura e diversão - a maioria, eu espero. Por fim, se o Fantástico não mudar a tempo, a audiência vai continuar despencando e logo será uma pedra no sapato da Globo (Mah, 04/11/2009, 23:44).

Em resumo, o programa transmitido em rede nacional, se vê como uma potência no ramo do jornalismo e do entretenimento aos domingos à noite, influente, independente, confiável e engajado na busca de notícias fantásticas e na solução dos problemas nacionais. Contudo, nem sempre consegue fazer jus ao título do programa e ser *Fantástico*.

Após esse levantamento a respeito do nosso objeto de estudo, no capítulo seguinte fazemos a descrição da cena enunciativa do *Fantástico*, destacando a cenografia de cada uma das cinco reportagens em análise.

CAPÍTULO 4

CENA ENUNCIATIVA DA REVISTA ELETRÔNICA *FANTÁSTICO*

Como vimos no item 3.1, um discurso se legitima a partir da cena enunciativa que se constrói à medida que ele é enunciado. A *cena* é o espaço em que os enunciados adquirem sentidos. Os elementos que, em conjunto, esforçam-se para validar nosso objeto de estudo, a revista eletrônica *Fantástico*, são: os responsáveis pelo programa, como enunciadore; os telespectadores, como co-enunciadores; a TV aberta de maior audiência no país, como lugar de enunciação; as noites de domingo de um determinado mês e ano, como o momento da enunciação.

Relembramos aqui as três cenas que constituem a cena enunciativa (cf. 2.1.2): a englobante, a genérica e a cenografia (MAINGUENEAU, 2008-b). A cena englobante refere-se à tipologia discursiva, no caso do *Fantástico*, o discurso jornalístico. Já a cena genérica diz respeito ao gênero grande reportagem¹⁶, possível devido às características do programa, que permitem aprofundamento em certos eixos temáticos em uma linguagem não exclusivamente informativa. Juntas, a cena genérica e a cena englobante integram aquilo que Maingueneau (2008-a) chama de quadro cênico de um discurso.

Mas é a terceira cena, a cenografia, que nos interessa especialmente neste trabalho.

4.1 CENOGRAFIA DA SÉRIE DE REPORTAGENS

Considerando que o telespectador do *Fantástico* se confronta num primeiro momento com a cenografia, concentramo-nos na discussão dessa estrutura que legitima o discurso do programa e torna as reportagens únicas. Segundo palavras de Maingueneau (2008-c, p. 87):

a cenografia não é simplesmente um quadro, um cenário, como se o discurso aparecesse inesperadamente no interior de um espaço já construído e independente dele: é a enunciação que, ao se desenvolver, esforça-se para constituir progressivamente o seu próprio dispositivo de fala.

¹⁶ De acordo com Franceschini (2004), a reportagem recebe a classificação de grande reportagem quando o aprofundamento é extensivo e intensivo na busca de entendimento mais amplo possível da questão em discussão. Além disso, se diferencia pela qualidade de informação (apuração jornalística) e qualidade de texto (narrativa, literatura).

A cenografia do *Fantástico*, desse modo, implica o espaço (topografia) e o tempo (cronografia) em que está inserida a revista eletrônica. O espaço é o meio televisivo, em específico a Rede Globo de Televisão, e o tempo é o mês em que a revista festejou seus 35 anos, agosto de 2008.

O tema família foi abordado pelo *Fantástico*, de forma peculiar em cada uma das cinco reportagens. Mas, embora tenham feito recortes diferentes, todas as matérias apresentam um traço em comum no que se refere à cenografia: elas articulam elementos da reportagem televisiva (dados/ arquivos/ comentários), entrevistas e dramatizações. Baseadas nessa estrutura, elas traçam um retrato da família brasileira, levantando aspectos e conceitos tradicionais e atuais. Dados oficiais do IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística) são tomados como ponto de partida para a série de reportagens.

As entrevistas exercem importante papel na composição da cenografia, visto que, em telejornalismo, a heterogeneidade constitutiva do texto é claramente mostrada ao co-enunciador (cf. conceito de Authier-Revuz, mencionado em 1.3.3). O texto jornalístico, particularmente o característico desse tipo de reportagem, constrói-se pela articulação de diferentes enunciativos. O diálogo entre vozes de autoridades apresenta-se como um princípio constitutivo da linguagem jornalística, o que leva o programa a lançar mão de discursos institucionalizados de campos de saber como o direito, a psicologia e a medicina, para legitimar seus discursos e lhes conferir maior credibilidade.

Um terceiro recurso mobilizado para compor a cenografia das reportagens do *Fantástico* são as dramatizações humorísticas produzidas pela Central Globo de Produção (CGP). Trata-se dos esquetes teatrais que dramatizam situações reais, escritas e roteirizadas por Cláudio Paiva e desenvolvidas pelos atores Heloísa Perissé e Otávio Müller. As controvérsias em relação ao tema família permitem a apreensão de um sentido comumente controlado (reservado a certos espaços) e propiciam o humor, pois, como afirma Possenti (2010, p. 51): “pode-se dizer que todos os temas controversos, especialmente se as controvérsias se tornarem mais ou menos populares e algum dos aspectos relacionados ao tema foi estereotipado, são fontes de piada”.

A cenografia eleita pelo *Fantástico* permite a referência aos modos de estruturação das famílias no passado, ao contexto em que elas vivem no presente, aos lugares institucionais (casa, escola, trabalho, consultórios médicos), aos costumes e às diferenças verificadas na sociedade. Para tanto, se utiliza de declarações que tematizam a família do passado e a família do presente, particularmente as mudanças referentes ao casamento, às novas configurações familiares, às intimidades pré-nupciais e ao papel da mulher como profissional e mãe.

Assim, as reportagens apresentam construções histórico-discursivas do conceito de família, nas falas da jornalista/enunciadora, dos entrevistados e dos atores das dramatizações. Nesse contexto, os enunciados destacados e destacáveis assumem uma relevância especial, permitindo a articulação de argumentos e a comprovação de estatísticas durante a constituição dos discursos que orientam determinados sentidos sobre de família.

A seguir, apresentamos a descrição detalhada da cenografia de cada uma das cinco reportagens que compõem nosso *corpus* em análise.

4.1.1 Primeira reportagem

A primeira grande reportagem trata genericamente das mudanças ocorridas na família brasileira, nas últimas décadas, em relação ao casamento e ao divórcio. A reportagem começa numa sala de aula, com a repórter Renata Ceribelli perguntando quantos adolescentes têm pais separados e quantos convivem com o pai e a mãe na mesma casa. Ao comentar as respostas, alguns alunos afirmam que não gostariam de vivenciar esta situação enquanto outros tratam a separação com naturalidade. Para retratar como isto era visto de forma diferente há 40 anos, o *Fantástico* mostra, por meio de uma dramatização o que aconteceu com o personagem Marquinho, no dia em que as crianças faziam na escola um trabalho para o dia dos pais. O aluno, que tem os pais separados, é discriminado pelos colegas e pela própria professora, a qual afirma que ele não precisa participar da atividade e o dispensa da aula.

Para mostrar claramente as diferenças entre o passado e presente na família brasileira, a reportagem conta a história da grande e tradicional família de Dona Hermínia. A senhora de 81 anos teve treze filhos e esses, por sua vez, tiveram, em média, dois filhos cada. As maiores divergências entre ela e as filhas referem-se ao sexo e à gravidez antes do casamento. A fala da repórter Renata Ceribelli aproxima a história da família de Dona Hermínia à dela própria e à dos telespectadores. Trata-se, conforme a jornalista, de uma família que apresenta traços tradicionais questionados nos dias atuais.

Na sequência, um advogado explica como era o casamento no passado, com suas regras e seus limites. Ele relembra ainda que, antes da aprovação da lei do divórcio, se um dos cônjuges não quisesse se separar, o casamento era mantido, indefinidamente. A opinião do especialista contribui para o confronto entre os dois momentos históricos e sobre a influência da passagem do tempo e da mudança de costumes na alteração do conceito de família.

Ainda tratando da indissolubilidade do casamento vigente antes da possibilidade do divórcio, uma outra encenação explora humoristicamente a fórmula “eu os declaro marido e mulher até que a morte os separe”. Em pleno altar, a noiva encara o padre, desesperadamente, e, explorando a controvérsia sobre o caráter supostamente infinito do casamento, indaga: “Até que a morte nos separe? Não dá para ser até que uma gripe nos separe?”. O padre responde que não e, evocando a memória discursiva estereotipada que alia a idéia de casamento à de prisão, coloca um par de algemas no casal.

Contudo, como se trata de um discurso humorístico, esse instrumento desperta na noiva outro interdiscurso, relacionado a fantasias sexuais, o que a leva a dizer ao marido que adorou as algemas e já pensa em usá-las na cama. A ambiguidade produz um efeito cômico que poderá despertar no telespectador, simultaneamente, riso e reflexão sobre o conceito de casamento como forma de castigo e de prazer.

4.1.2 Segunda reportagem

Na segunda reportagem, o tema divórcio ganha mais destaque, mas agora com outro enfoque, o da legalização, que revolucionou as configurações familiares no Brasil. A história que ilustra a matéria é a de Ivan e Maria Helena, primeiro casal brasileiro a conseguir se casar pela segunda vez, no civil. Isso só foi possível graças à aprovação da lei do divórcio, em 1977. O *Fantástico* recupera as reportagens de arquivo do dia da legalização e do dia do casamento de Ivan e Maria Helena que, quando da apresentação da reportagem, estavam juntos havia 36 anos.

Mas, a matéria mostra que o divórcio beneficiou não só aqueles que desejavam optar por outro parceiro em um matrimônio duradouro; foi importante também para todos quantos aproveitaram a oportunidade para passar por vários casamentos, muitos dos quais possivelmente desfeitos devido a uma “gripe”. É o caso de Gil Velho, apresentado na reportagem como um homem empenhado em administrar, ao mesmo tempo, as antigas famílias e a nova. Ele tem uma esposa, seis ex-mulheres, nove filhos e sete famílias diferentes.

A dramatização, nesta segunda reportagem, apresenta o divórcio como uma forma de libertação para alguns e de atribuição de encargos para outros. Ao consegui-lo, a atriz retira correntes do corpo e afirma que ela é quem irá ficar com a casa. Além disso, reforça que, a

partir daquele momento, o homem não pode esquecer da pensão dos filhos, num discurso que evoca as consequências do divórcio para todas as partes.

Segundo o *Fantástico*, essa mudança no conceito de dissolubilidade familiar teria alterado também a maneira como as pessoas escolhem os parceiros. Para explicitar as diferenças ocorridas, com o tempo, no papel da mulher, o programa recorre à voz da historiadora Mary Del Priore, que trata também das relações sexuais entre os membros da família, em momentos históricos diferentes. A fim de dar mais veracidade e atualizar a fala científica, Renata Ceribelli reapresenta a família de Dona Hermínia, avó que, junto a suas filhas e netas, opina sobre o sexo antes do casamento.

A dramatização humorística sobre esse tema mostra um “feirão de maridos”, no qual a mulher vai analisando qual o homem ideal para o momento. Os atores lembram que isso é possível graças à lei que, em 1994, liberou o casamento no civil sem limite de vezes.

4.1.3 Terceira reportagem

Aprofundando esse retrato dos novos modelos de família, a terceira reportagem aborda a oficialização do casamento, questionando até que ponto ela ainda é importante nos dias atuais, uma vez que a legalização da união estável faz com que a existência de um documento oficial não seja mais imprescindível. Nesse tipo de relação, os parceiros têm os mesmos direitos que os legalmente casados, fato que tem feito diminuir as cerimônias matrimoniais.

A dramatização retrata a polêmica da relação de posse muitas vezes decorrente da união conjugal. O discurso de um grupo de jogadores de futebol de várzea sobre a dúvida a respeito do estado civil de um deles reforça a dificuldade em identificar os “casados” e os “solteiros”. Enquanto o jogador afirma ser solteiro, uma mulher à beira do campo chama-o de “namorado”. Depois de algumas perguntas sobre intimidades, os amigos chegam à conclusão de que ele deve jogar no time dos casados. O casal discute e se separa ali mesmo. Em seguida, ele passa a jogar no time dos divorciados.

Entre as diversas concepções de casamento surgidas recentemente, a reportagem destaca o caso de um homem e de uma mulher que, casados em segundas núpcias, moram em casas separadas, devido à dificuldade de adaptação com os filhos que cada um teve no primeiro casamento. O convívio com os três filhos de cada um dos parceiros, sob o mesmo teto, não fora possível. Contudo, o discurso de ambos é de que levam uma vida normal de casados, ainda que residam em casas separadas.

Nesta mesma linha de conceitos “modernos”, a mais recente novidade é o casamento que se mantém graças à ajuda da tecnologia. A história tomada como ilustração é a de um casal que se encontra apenas nos finais de semana, pois o marido reside em São Paulo e a mulher, no Rio de Janeiro. Eles mantêm o casamento virtual e ambos garantem que se sentem bem e têm os mesmos hábitos de quem mora debaixo do mesmo teto.

Em seguida, a matéria apresenta o comentário de um advogado sobre a união estável e, ainda que sua fala reforce o discurso de que os conceitos mudaram, ele afirma que morar debaixo do mesmo teto é ainda importante para configurar um casamento.

A família de Dona Hermínia entra mais uma vez em cena, para discutir a relevância de dividir o mesmo teto, antes de oficializar um casamento. Uma de suas netas relata que já mora junto com o namorado, mas não acredita que a família aceite isso muito bem. Outra neta revela que o namorado condiciona um futuro casamento à experiência de morarem juntos, previamente, a fim de se conhecerem melhor; ela, contudo, afirma não concordar muito com tal situação. A opinião da matriarca é que as jovens devem exigir casar de papel passado, para só depois morar com o parceiro.

Dessa forma, a reportagem apresenta diferentes sentidos sobre a união matrimonial, nos dias de hoje, assumindo um discurso liberal, favorável a todas as modalidades de união adotadas pelos casais, e deixando para o telespectador a reflexão sobre a importância de casar no papel ou apenas “juntar os trapos”.

4.1.4 Quarta reportagem

O modelo tradicional de família, constituído por duas pessoas de sexos diferentes, legalmente casadas, e residindo, com os filhos, sob o mesmo teto, é questionado, passo a passo, pelas diversas reportagens da série. Cada programa questiona a necessidade de um desses elementos para caracterizar a família.

Assim, a quarta reportagem da série utiliza dados oficiais para demonstrar que existem hoje no Brasil mais de 59 milhões de famílias com as mais diversas formações constituídas apenas por mãe e filhos ou pai e filhos. De acordo com os dados, as mulheres solteiras estão em primeiro lugar nesse ranking, em número que excede os dez milhões, no país. Contudo, o que é relativamente mais novo são os homens querendo se tornar pais solteiros. Segundo os dados estatísticos, há mais de um milhão e duzentos mil lares formados apenas por pais com filhos.

O *Fantástico* entrevista uma família inteiramente formada por mulheres solteiras, num total de três gerações criando filhos, sozinhas. Na sequência, entrevista um homem solteiro que decidiu adotar um menino e criá-lo também sozinho.

O programa mostra que, por vezes, há um casal constituído por parceiros do mesmo sexo. É o caso dos parceiros homossexuais que adotaram uma criança. De acordo com a reportagem, essa paternidade dupla vem sendo reconhecida aos poucos pela sociedade. A caracterização dessa união como família é recente, conforme palavras da socióloga do IBGE entrevistada pelo programa. Segundo ela, só a partir do censo de 2010, os números do IBGE passaram a contabilizar essa modalidade de família.

As dramatizações humorísticas enfatizam as relações conflitantes entre o discurso e o cotidiano. No primeiro esquete, um diálogo entre dois adolescentes revela que um deles tem três mães: a legítima, a madrasta e a namorada da mãe. O segundo inverte a dificuldade de mudança de paradigma, ao apresentar um casal contando para a filha que eles são casados de papel passado e na igreja, que a mãe se casou virgem e que a filha é legítima. A filha parece não acreditar, chora e sai da sala, revoltada, reação que problematiza a transformação de valores por que passou a sociedade.

4.1.5 Quinta reportagem

Na última reportagem, a cenografia também se configura a partir de afirmações fundamentadas em dados estatísticos, entrevistas com famílias, comentários de autoridades e dramatizações. O tema em questão são os filhos. Para a construção do discurso, os jornalistas produtores, repórteres e editores se apropriam de informações do IBGE segundo as quais, atualmente, a média de filhos está em 1,8 para cada casal brasileiro. “Na década de 70, a família tinha em média seis filhos. Na década de 80, baixou para quatro; em 90, a média já era três. Segundo o IBGE, hoje, a média está em menos de dois filhos”. Para validar esse discurso “citante”, dar maior credibilidade e tornar mais verossímeis as estatísticas ou, até mesmo, refutar esses números, a reportagem se apoia nas vozes de especialistas: a funcionária do IBGE, uma socióloga e um médico ginecologista. Cada um expõe sua opinião sobre o assunto e marca um posicionamento diante do assunto, que é polêmico.

O trecho selecionado da funcionária também do IBGE é uma escolha que reflete a posição do *Fantástico* em relação às estatísticas. Isso fica em destaque na fala “Vai ter uma hora que nós vamos ter que fazer campanhas de incentivo à maternidade”. Nesse sentido, o

programa usa a voz de uma autoridade para articular a sua própria voz e posicionar-se perante aos dados estatísticos.

Renata Ceribelli afirma que as famílias estão diminuindo porque muitos casais têm decidido ter menos filhos, adiar o nascimento deles ou mesmo não ter filhos. Essas situações são exemplificadas em várias entrevistas. A primeira é com um jovem casal que já tomou a decisão: não quer filhos. Na mesma linha de pensamento, uma moça de 29 anos afirma querer fazer muita coisa ainda na vida, o que, com filhos, não seria possível. Esse discurso contraria completamente o conceito de família tradicional e o papel primordial historicamente atribuído à mulher. Para contrapor-se ao discurso “moderno” sobre a família, que prescinde de filhos e dá à mulher um papel equivalente ao do homem, o *Fantástico* entrevista mulheres que consideram a maternidade um presente divino indispensável à existência de uma família.

A jornalista/narradora/editora seleciona ainda um trecho da entrevista da socióloga que apoia o discurso das mulheres modernas que optaram por não ter filhos, valorizando sua liberdade de decisão. Assim, a partir da voz da autoridade, a jornalista/narradora lança às telespectadoras a questão: “ser ou não ser mãe?”.

Os esquetes satirizam o conflito feminino decorrente da dificuldade de conciliar maternidade e vida profissional, afirmando que a “culpa” pela inexistência de filhos só pode ser da mulher, já que os homens sempre querem sexo. Tais declarações humorísticas fazem uma ponte com a história de um jovem casal que não deseja filhos. O homem, aos 31 anos, já fez vasectomia e a mulher, que já havia sido casada, nunca desejara ser mãe.

Por último, a repórter conversa com um casal que está adiando a decisão de ter filhos. No momento, se dedica apenas à vida profissional. O ginecologista Paulo Gallo, autoridade no assunto, explica como isso é possível e o limite de adiamento da chegada dos filhos. “De um modo geral, recomendo que as mulheres que por alguma razão tentem retardar sua gestação através da cria-preservação dos óvulos, pensem em fertilizá-los e transferi-los no máximo aos 50 anos de idade”. A citação constitui-se em um recurso de distanciamento em relação ao argumento de que as mulheres podem ter filhos só mais tarde. “Nesse caso, o locutor marca, através da citação, sua isenção ante as palavras relatadas, deixando por conta da autoridade invocada a responsabilidade pelo dito” (BENITES, 2002, p.96).

O outro elemento da cenografia empregado, a dramatização humorística, coloca em cheque o propalado apetite sexual masculino, e envolve um casal sem filhos. A mulher afirma ter se casado pensando em ter filhos, o que não teria sido possível devido a problemas do homem.

Para sintetizar e melhor visualizar a cenografia descrita em cada uma das cinco reportagens do *Fantástico*, observemos os quadros:

REPORTAGEM 01		
Dados/Arquivos/Comentários	Entrevistas	Dramatizações
<p>- Arquivo: casamento do cantor Roberto Carlos, na Colômbia. Segundo a matéria, esse foi o “jeitinho brasileiro”, já que nossas leis não permitiam a uma mulher desquitada casar-se novamente.</p>	<p>- Jovens que afirmam considerar normal ter pais separados e outros que dizem preferir ter apenas uma casa.</p> <p>- Família de dona Hermínia, que mostra a tradição e as transformações ocorridas nos valores e comportamentos familiares.</p> <p>- Advogado fala sobre o casamento, no passado.</p> <p>- Entrevistas de arquivo para falar da revolução sexual.</p> <p>- Diálogo com as filhas de Dona Herminia para falar de sexo e de gravidez antes do casamento. Advogado afirma que o divórcio teria que ser consensual, o que ele considera um absurdo.</p>	<p>- 1ª Dramatização - Fala do preconceito sofrido por crianças com pais separados. Algumas escolas até recusavam os alunos.</p> <p>- 2ª Dramatização - Trata da inexistência de sexo antes do casamento. A personagem pergunta ao padre se não dá para ser até que uma gripe o separe. Eles saem da igreja algemados como uma prova de que ninguém poderia separá-los, mas a personagem já pensa em usar as algemas no sexo. É uma brincadeira com as modernas fantasias sexuais, sem fins de procriação.</p>

Quadro 01 – Cenografia da primeira reportagem do *Fantástico*

REPORTAGEM 02		
Dados/Arquivos/Comentários	Entrevistas	Dramatizações
<p>- Arquivo reportagem – 2008 para mostrar o nascimento de uma criança.</p> <p>- Arquivo para falar da aprovação</p>	<p>- Entrevistas com Ivan e Maria Helena – primeiro casamento depois do divórcio (em meio à entrevista, há arquivos da</p>	<p>- 1ª Dramatização - para satirizar o divórcio, a pensão.</p> <p>- 2ª Dramatização -</p>

<p>da lei do divórcio em 1977.</p> <p>- Arquivo para mostrar o primeiro casamento depois do divórcio – 1978.</p>	<p>aprovação da lei pelo congresso).</p> <p>- Conversa com a família de um homem que tem nove filhos de casamentos diferentes.</p> <p>- Historiadora fala sobre o que o divórcio mudou na vida das pessoas</p> <p>- Conversa com a família de Dona Hermínia sobre sexo antes do casamento</p> <p>Historiadora – arquivo para mostrar as mudanças do papel da mulher.</p>	<p>“feirão de maridos” – falando da lei de 1994 que aboliu o limite de casamentos no civil.</p>
--	--	---

Quadro 02 – Cenografia da segunda reportagem do *Fantástico*

REPORTAGEM 03		
Dados/Arquivos/Comentários	Entrevistas	Dramatizações
<p>- Números de separação</p>	<p>-Entrevista com personagem que teve um casamento tradicional (arquivo).</p> <p>- Entrevista com casal moderno e os filhos</p> <p>- Entrevista com advogado sobre a união estável e o casamento oficial.</p> <p>- Conversa com a família de Dona Hermínia (neta falando que pode vir a morar junto antes de casar porque o namorado quer)</p> <p>- Entrevista com casal que mantém o casamento através da internet</p>	<p>- 1ª Dramatização - trata da igualdade de direitos entre o casamento e a união estável e sobre a facilidade de separação nos dias de hoje.</p>

Quadro 03 – Cenografia da terceira reportagem do *Fantástico*

REPORTAGEM 04		
Dados/Arquivos/Comentários	Entrevistas	Dramatizações
<p>- Dados: BR tem hoje mais de 59 milhões de famílias com as mais diversas formações</p> <p>+ 1.200.000 lares são formados só por pais com filhos (nova configuração da família brasileira)</p> <p>+ de 10 milhões de brasileiras são mães solteiras</p>	<p>- Entrevistas com família de mães.</p> <p>- Entrevista com pai solteiro.</p> <p>- Entrevista com casal homossexual/ paternidade dupla.</p> <p>- Entrevista com socióloga do IBGE sobre a consideração oficial de um casal homossexual como família.</p>	<p>- 1ª Dramatização mostra a garota que considera que tem três mães.</p> <p>- 2ª Dramatização: um casal conta para a filha que eles são casados no civil e no religioso, que a mãe casou virgem e que a filha é legítima. A filha se nega a acreditar, chora e diz que odeia os pais.</p>

Quadro 04 – Cenografia da quarta reportagem do *Fantástico*

REPORTAGEM 05		
Dados/Arquivos/Comentários	Entrevistas	Dramatizações
<p>- Dados: menos de 2 filhos, em média, no Brasil atual.</p>	<p>- Entrevista com socióloga do IBGE sobre o número de filhos.</p> <p>- Entrevista com casal que não quer ter filhos.</p> <p>- Entrevista com moça que não quer ter filho.</p> <p>- Entrevista com mães tradicionais.</p> <p>- Entrevista com outra socióloga.</p> <p>- Entrevista com casal que está adiando ter filhos.</p> <p>- Entrevista com médico ginecologista.</p>	<p>- 1ª Dramatização - o “drama” de não ter filhos.</p> <p>- 2ª Dramatização - casal que não tem filhos. A mulher quer e o homem não.</p>

Quadro 05 – Cenografia da quinta reportagem do *Fantástico*

Esses quadros mostram que os componentes da cenografia da revista eletrônica estão distribuídos de forma equilibrada. É nessa estrutura que apresentadores, entrevistados e atores das dramatizações se apresentam e destacam frases características das concepções de família e das relações familiares que variam, dependendo do campo discursivo a que se filiam.

No próximo capítulo, apoiando-nos nos conceitos de *destacabilidade* e *aforização* utilizados por Maingueneau (2006; 2008b; 2008c) e definidos no capítulo 2, analisaremos os enunciados destacados das reportagens.

CAPÍTULO 5

OS SENTIDOS DE FAMÍLIA NA REVISTA ELETRÔNICA *FANTÁSTICO*

Neste capítulo, nos dedicamos propriamente à análise das cinco reportagens especiais sobre a família brasileira, divulgada na Revista eletrônica *Fantástico* em agosto de 2008. Nosso objetivo é verificar a constituição desse discurso respondendo à seguinte questão: os enunciados destacados que ocorrem na revista eletrônica *Fantástico* contribuem para a constituição e circulação de sentidos sobre família? Para isso, nos atemos à proposta de análise do discurso sugerida por Maingueneau (2008b, p.40): “mostrar a articulação entre o intradiscursivo e o extradiscursivo, a imbricação entre uma representação do mundo e uma atividade enunciativa”.

Nosso procedimento analítico considera que, ao apresentar no discurso das reportagens os valores, as convicções, as crenças e os conflitos acerca da família, o *Fantástico* projeta uma apresentação de si e constrói uma imagem do programa. Trata-se do conceito de *ethos* discursivo discutido por Maingueneau (2008). A imagem do nosso *corpus* está, portanto, relacionada à escolha do tema, do léxico, dos entrevistados, das entrevistas, das imagens feitas pelos responsáveis das reportagens, enfim, à organização das reportagens e ao tom do discurso. O *ethos* é, dessa maneira, “parte constitutiva da cena de enunciação, com o mesmo estatuto que o vocabulário ou sob modos de difusão que o enunciado implica por seu modo de existência” (MAINGUENEAU, 2008, p. 75). E “longe de situar-se na nascente do texto [...], o tom específico que torna possível a vocalidade constitui para nós uma dimensão que faz parte da identidade de um posicionamento discursivo” (ibid., p. 73).

Desse modo, podemos afirmar que a maneira de dizer do *Fantástico* nesta série de reportagens está associada à maneira de ser do programa, que, com seus discursos, coloca em prática o intento de fazer o telespectador incorporar certo modo de ver a família. A respeito disso, Maingueneau (2008) afirma que:

O texto não é para ser contemplado, ele é enunciação voltada para um co-enunciador que é necessário mobilizar para fazê-lo aderir ‘fisicamente’ a um certo universo de sentido. O poder de persuasão de um discurso decorre em boa medida do fato de que leva o leitor a identificar-se com a movimentação de um corpo investido de valores historicamente especificados. (...) É por seu próprio enunciado que o fiador deve legitimar sua maneira de dizer. (MAINGUENEAU, 2008, p. 73).

Além do *ethos* discursivo, é preciso retomar outro conceito que dá sustentação para nossa análise: a noção de heterogeneidade constitutiva dos discursos. Como mencionamos no item 2.3, Maingueneau considera que toda enunciação retoma outros dizeres e que o “eu” sempre se constitui em relação ao “não-eu”, independente de qualquer marca presente no discurso. É nesse sentido que Charaudeau e Maingueneau (2008) afirmam que para interpretar o menor enunciado que seja, é preciso colocá-lo em relação com todos os tipos de outros, que se comentam, parodiam, citam.

O *Fantástico* se apoia em outros discursos para constituir o seu próprio. Para falar de família, os enunciados produzidos pelo programa retomam, deslocam e transformam ditos de outras épocas e de outros campos discursivos, para formar os sentidos atuais de família. O discurso do programa se constitui a partir dos dois tipos de heterogeneidade conceituados por Authier-Revuz (1990): a heterogeneidade constitutiva - aquela que não revela o outro, porque é concebida no nível do interdiscurso e do inconsciente e a heterogeneidade mostrada - que diz respeito às marcas linguísticas que mostram concretamente a presença explícita de outra voz na superfície do texto.

Diferentemente das obras literárias ou mesmo do jornalismo impresso, a TV não permite visualizar marcas gráficas de citação, como o travessão e as aspas (exceto nos casos em que apresentadores e repórteres dizem “abre aspas” e “fecha aspas”), mas acaba mostrando os próprios citados, os “donos” das falas. O discurso citado no *Fantástico*, seja em discurso direto ou indireto, é constituído no processo de edição da reportagem, ou no momento em que o jornalista recorta um trecho da fala do entrevistado para dar um tom de conversa entre diversas vozes e constituir o seu próprio discurso.

Silva (2007, p. 10) complementa esta discussão ao dizer que a inserção da voz do outro no telejornalismo “acontece por meio da imagem, mostrando o momento da enunciação do dito, que pode ter sido provocado pelo próprio repórter (em uma entrevista, por exemplo), ou retirado de outra situação (discurso em uma Assembléia, por exemplo)”. Não existe, assim, um ponto de vista único, mas um diálogo entre a jornalista, as fontes oficiais de informações e os indivíduos envolvidos no fato que é representado pelas citações. Apoiando-nos em Silva (2007), afirmamos que:

a informação televisiva não é transmitida por um único sujeito. O sujeito comunicante se desdobra em diversos enunciadorees (apresentadores, convidado, repórter, etc.). Esses, por sua vez, constituem-se intermediários dos fatos, não podem ser vistos como fonte de informação, mas sim como

‘pontes’ na construção de sentido, já que o sentido não é dado por eles, mas construído através deles. (SILVA, 2007, p. 8).

Para entender melhor esse modo de dizer do *Fantástico*, mobilizamos as noções de destacabilidade e aforização, postuladas por Maingueneau (2008b, 2008c).

A destacabilidade, como vimos em 2.1.4, diz respeito a enunciados que circulam independentemente de seus textos e de seus “contextos” de origem, em função de determinadas características formais e de sentido. De acordo com Maingueneau (2008-d, p. 75), trata-se de “enunciados curtos, cujo significante e cujo significado são considerados no interior de uma organização pregnante (pela prosódia, rimas internas, metáforas, antíteses....), o que explica que sejam facilmente memorizados”.

Esse conceito abrange fenômenos como a citação, a enunciação proverbial e suas variantes, apresentando-se como fundamental para a compreensão do funcionamento discursivo da série de reportagens que nos serve de *corpus*. A destacabilidade de enunciados contribui para a constituição de certos sentidos de família em detrimento de outros.

O fenômeno da destacabilidade pode implicar aforização ou não. Como vimos no capítulo 2, as enunciações aforizantes sentenciosas (provérbios, máximas, ditados) são falas naturalmente destacadas, que visam a provocar uma adesão automática do co-enunciador.¹⁷ Ao recorrer a uma enunciação aforizante sentenciosa, o locutor atribui a responsabilidade de seu dizer a uma instância anônima, um “hiperenunciador” cuja autoridade garante a adequação do enunciado aos valores de um grupo.

O exemplo de aforização pessoal apresentado por Maingueneau (2008-f), a enunciação “Eu me acho linda”, proferida, conforme a revista *Veja*, pela cantora Preta Gil, levou-nos a questionar se uma aforização poderia apresentar marcas dêiticas e caráter específico. A enunciação de Preta Gil indica que sim, o que nos permitiria, em um primeiro momento, classificar como aforizações pessoais diversas enunciações ocorrentes no corpus. A título de exemplo, mencionamos: “Até que a morte nos separe? Não dá pra ser até que uma gripe nos separe?¹⁸”; “Agora não basta amar. Eu quero também sentir prazer.”; “As cuecas dele estão na minha casa”; “Meu tempo não me basta”.

¹⁷ Dificilmente alguém discute se, efetivamente, “Devagar se vai ao longe”, ou se “Filho de peixe peixinho é”. Ainda que essas “verdades” possam ser questionáveis, são dadas como certas, frutos da sabedoria popular.

¹⁸ Haveria aqui um outro questionamento: poderia uma aforização ter a forma de pergunta?

Não podemos esquecer, porém, que, de forma semelhante à sentenciosa, a aforização “pessoal” evoca palavras ditas *em uma outra cena* por um locutor autorizado, que não é um “hiperenunciador”, mas um indivíduo colocado na esfera das pessoas “competentes”. Não é, portanto, a forma embreada que tira das enunciações acima evocadas o caráter de aforizações, mas o fato de serem pronunciadas pelo próprio falante, na mesma cena enunciativa. Como depreendemos a partir da leitura de Maingueneau, nem todo enunciado destacado constitui uma aforização. As aforizações pessoais, especificamente, são frases de outrem que alguém enuncia com tom aforizante. A frase de Preta Gil só foi interpretada como uma aforização porque foi evocada pela revista. Quando entrevistador e entrevistado estão no mesmo ambiente, não se tem aforizações, mas outro fenômeno da destacabilidade, as citações. Esse é o caso das enunciações acima, extraídas de nosso corpus.

Entretanto, podemos perceber que algumas dessas enunciações possuem um forte vínculo com aforizações sentenciosas, o que as torna potencialmente repetíveis, uma vez que especificam ou remetem a verdades supostamente inquestionáveis, abonadas por um hiperenunciador (a sabedoria popular), como podemos ver no quadro abaixo.

CITAÇÕES DESTACADAS QUE REMETEM A AFORIZAÇÕES SENTENCIOSAS	
CITAÇÃO	AFORIZAÇÃO RELACIONADA
<p>“No meu tempo, não era nada disso” (Hermínia César Pieron, avó de 81anos, referindo-se as intimidades antes do casamento).</p>	<p>“Familiaridade demais gera desprezo”.</p>
<p>“Só depois que casou. Nunca beijei antes.” (Hermínia César Pieron, avó de 81anos, falando sobre o beijo antes do casamento)</p>	<p>“Sacristão novo cospe fora da igreja, sacristão velho faz xixi no altar”.</p>
<p>“Até que a morte nos separe? Não dá para ser até uma gripe nos separe?” (esquete) .</p>	<p>“O pior casamento é o que dura para sempre”. “O noivo vai a cavalo e o arrependimento na garupa”.</p>
<p>“Tá na hora de mudar de marido, né dona?” (esquete)</p>	<p>“No casamento para sempre, a mulher passa por três fases: amante, companheira e enfermeira”. “Quando a diversão vira negócio, deixa de ser diversão”. “O casamento ensina a viver sozinho”.</p>
<p>“Eu nunca fiz sexo com você. Se eu não gostar, não tem recall.” (esquete).</p>	<p>“Só o tolo testa a profundidade do rio com os dois pés”. “Só porque há neve no telhado não se pode concluir que faz frio do lado de dentro”.</p>
<p>“Ele não casa se não morar junto</p>	<p>“É melhor manter o lobo do lado de fora do que</p>

antes pra conhecer.” (Raquel Steganha, neta de Dona Herminia)	tentar arrancar seus dentes e garras, depois que ele entrou”. “É melhor prevenir do que remediar”.
“Namorico, de sair uma vez por semana, uma vez ou outra, ficar um dia ou outro, isso não é casamento” (Paulo Lins e Silva, advogado)	Muito amor à primeira vista não resiste a um segundo olhar.
“Uma família diferente da tradicional, mas uma família constituída de pai e filho. Uma família moderna eu diria.” (Sérgio D’Agostini, médico e pai solteiro). “Eu me sinto como se estivesse em casa.” (Mauro Segura, engenheiro, falando do seu casamento que é mantido pela internet). “As cuecas dele estão na minha casa.” (esquete sobre a falta de necessidade de oficializar o casamento). “Não entendem que pode ser uma decisão natural.” (Cristina Lima, mencionado o fato de a mulher optar por não ter filhos).	“A diversidade é o tempero da vida”. “Nem todos os caminhos são para todos os caminhantes”. “Onde todos pensam igual ninguém pensa”. “Cada perna tem seu passo”.
“[Homem nesta família não faz falta]. Só para trocar bica.” (Thuany Nascimento Oliveira, mãe solteira)	“Os homens constroem casas; as mulheres, lares”. “Enquanto o galo canta, a galinha produz”.
“Quer dizer que se eu não tiver um filho, eu não sou mulher?” (Mônica Montone, escritora)	“O que é remédio para um é veneno para o outro”.
“Quando é que você vai dar um netinho pra sua mãe?” (esquete)	“Com tijolos e argamassa se faz uma casa, mas é com o sorriso das crianças que se faz um lar”.

Quadro 06: Citações destacadas que remetem a aforizações sentenciosas

Enfatizamos que essas citações só não podem ser classificadas como aforizações pessoais porque não foram evocadas, mas produzidas pelo próprio enunciador, que não se encontra ausente, mas está presente na mesma cena¹⁹. Além desses enunciados destacados que são citações, nos discursos que compõem o corpus, identificamos aforizações sentenciosas

¹⁹ A especificidade do veículo faz toda a diferença. A reportagem televisiva mostra os enunciadores produzindo seus discursos. Em um texto escrito em jornal ou revista, em que esses discursos fossem reproduzidos, possivelmente, diversas dessas citações poderiam ser classificadas como aforizações pessoais.

“enunciações generalizantes, naturalmente autônomas e basicamente polifônicas” (BENITES, 2010, p. 5), trazidas ao discurso por um enunciador que não é o responsável por elas. Tais enunciações emanam de um hiperenunciador que se encontra em uma instância anônima. No quadro a seguir, sintetizamos, por ordem de ocorrência nas cinco reportagens que compõem nosso *corpus*, as aforizações sentenciosas pertinentes para a análise, proferidas pelos envolvidos no discurso do *Fantástico*: a jornalista Renata Ceribelli, os entrevistados (personagens e especialistas) e/ou pelos atores das dramatizações de teatro, que evocam um hiperenunciador.

AFORIZAÇÕES
“ [Família] É tudo igual ”. (Hermínia César Pieroni, avó de 81 anos, referindo-se ao almoço de família aos domingos)
“ [Família] Só muda o endereço .” (parente da Dona Hermínia se referindo ao almoço de família aos domingos)
“ Ou os homens cedem, ou as mulheres se mandam .” (entrevista de arquivo de 1975 na época da revolução feminista)
“ Sexo só para criação .” (Marlene Pieroni da Costa, filha de Dona Hermínia, falando do conceito da mãe)
“ Se a escova de dentes estiver na casa do parceiro... é casamento ” (Renata Ceribelli)
“ Morou junto, casou .” (Renata Ceribelli)
“ O importante é viver bem, se respeitar, se amar .” (Vanira Peiorini Steganha, filha de Dona Hermínia)
“ Hoje em dia, tem casamento pra todo gosto .” (Renata Ceribelli)
“ Família era sinônimo de pai, mãe e filhos, morando juntos, debaixo do mesmo teto .” (Renata Ceribelli)
“ Cada um tem que fazer o que é bom pra si .” (Mônica Montone, escritora, referindo-se ao fato dela não querer ter filho)
“ [...] a mulher já nasceu com esse instinto [materno] .” (mãe se referindo às mulheres que não querem ter filhos)
“ Antigamente, a maternidade era destino. Hoje, é uma escolha .” (Clara Araújo, socióloga).
“ Filho não é presente .” (Mônica Montone, escritora).

Quadro 07 – Aforizações

Essa sistematização permite-nos retomar “a pretensão pragmática” que Maingueneau (2010) identifica nesse tipo de enunciados destacados, de que tratamos em 2.1.5. Embora não

tenham existência fora de um texto, e, conseqüentemente, de um gênero, as aforizações enumeradas parecem funcionar como ilocuções autônomas, sem contexto.

O caráter essencialmente dialógico de todo enunciado do discurso decorre do fato de que toda enunciação retoma dizeres outros, pois o *eu* sempre se constitui em relação ao *não-eu*, independente de qualquer marca presente no discurso. Nesse sentido, todas as reportagens são constitutivamente heterogêneas (cf. 2.1.3), uma vez que a presença do outro no discurso não se revela na superfície do texto do enunciador repórter, por ser concebida no nível do interdiscurso e do inconsciente. Há, porém, situações de heterogeneidade mostrada, em que a presença do outro no discurso é explicitada e recuperada no nível enunciativo.

Esses enunciados destacados, sejam citações ou aforizações, mostram a heterogeneidade do discurso, nas definições de família, casamento, demarcação de papéis familiares, função do sexo, maternidade baseados num discurso dominante até poucos anos. Assim, alguns enunciadores colocados em cena concebem a família como um casal heterossexual, unido oficialmente por um vínculo indissolúvel, com filhos e papéis bem demarcados, morando junto sob o mesmo teto, dividindo afeto e atividades conjuntas. São as regras definidas pelo modelo de família homogênea, tradicional, que pode ser observado nas seguintes falas: “Só depois que casou. Nunca beijei antes.” (Hermínia César Pieron, avó de 81anos) e “Família era sinônimo de pai, mãe e filhos, morando juntos, debaixo do mesmo teto.” (Renata Ceribelli).

Outros enunciadores assumem outros discursos sobre família, passando a remeter a diferentes conceitos: um dos membros do casal pode faltar (“[Homem nesta família não faz falta]. Só para trocar bica.”); o casal pode ser homossexual (“Se existe afeto, por que não”? “É uma família só que uma família diferente.”); a maternidade é uma opção para a mulher (“Meu tempo não me basta”); a mulher muda de status da mulher, na família e na sociedade, o que lhe permite escolher entre casar ou não, ter filhos ou não (“Não entendem que pode ser uma decisão natural.”); a união do casal não precisa ser oficializada (“Se a escova de dentes estiver na casa do parceiro...”); o sexo passa a ser visto como uma forma de obter prazer e até mesmo como uma forma de lazer (“Agora não basta só amar. (...) Eu quero também sentir prazer”). São os discursos desdobrados em várias vozes, produzindo novos sentidos de família.

Todos esses enunciados retomam, portanto, o já dito e reavivam um interdiscurso. É o que Maingueneau (2008c) trata como a hipótese do primado do interdiscurso sobre o discurso, que amarra o mesmo do discurso e seu “outro”. E aqui seguimos outra sugestão de Maingueneau (2008c, p. 21), que é tomar como unidade de análise o espaço de trocas entre vários discursos (ou posicionamentos) e não apenas o texto em si mesmo. Ao manter relações

com outros textos e retomar tais conceitos inquestionáveis, cada qual em seu tempo, o *Fantástico* não apenas diz, mas se representa como veiculador de verdades sobre a variação da constituição familiar no Brasil, nas últimas décadas.

As falas da avó de 81 anos personificam o conceito tradicional de família em oposição à mulher moderna e emancipada, para quem a existência de uma família prescinde de oficialização, prole ou coabitação. No enunciado: “Um dia vai ter filho e o filho vai falar: minha mãe não é casada”, Dona Hermínia deixa clara essa necessidade. Outro exemplo: “A gente mal tem tempo de se ver, quanto mais de fazer amor!” (Silvia Cavalcante, profissional que acabou de ser promovida), funciona como uma defesa pessoal da mulher moderna que se divide entre o lar e o trabalho e retoma o símbolo do “eu feminino”. Posicionamento é demonstrado na citação: “Quer dizer que se eu não tiver um filho, eu não sou mulher?” (Mônica Montone, escritora). Esta fala é característica das mulheres dedicadas à profissão, que optam por não ser mãe.

Podemos concluir, neste primeiro passo da análise, que os discursos do *Fantástico* evocam, ao mesmo tempo, o momento social e histórico que a sociedade vive e a memória coletiva para a constituição dos sentidos sobre família. Nessa recuperação de falas que fazem parte do cotidiano das pessoas cruzam-se dois eixos: o interdiscurso, que está voltado para o nível da constituição do dizer e o intradiscurso, que trabalha com o nível da formulação do dizer. “Disso se deduz que há uma relação entre o já-dito e o que se está dizendo que é a que existe entre o interdiscurso e o intradiscurso ou, em outras palavras, entre a constituição do sentido e sua formulação” (ORLANDI, 2005, p. 32).

O resultado é uma mistura entre vozes discursivas que incorporam o mito tradicional da família e outras que mesclam o moderno com a tradição. A partir dessas considerações, optamos por analisar a ocorrência das enunciações aforizantes no discurso da revista eletrônica em dois trajetos temáticos: o que representa a homogeneidade da família (tradicional) e o que remete à heterogeneidade da família (moderna). Concebemos para esta análise a família homogênea, tradicional, como a família estruturada a partir do casamento oficializado no papel e na igreja, constituída por pais de sexos diferentes e filhos, todos morando debaixo do mesmo teto, com papéis bem definidos. Já a família heterogênea, moderna, se diferencia por excluir um ou mais elementos da família considerada tradicional.

No quadro abaixo, classificamos os enunciados destacados segundo esses dois eixos temáticos.

ENUNCIADOS DESTACADOS, DE ACORDO COM O EIXO TEMÁTICO	
HOMOGENEIDADE (família tradicional)	HETEROGENEIDADE (família moderna)
“No meu tempo, não era nada disso.” (Hermínia César Pieroni, avó de 81anos, falando sobre a gravidez antes do casamento)	
“Só depois que casou. Nunca beijei antes.” (Hermínia César Pieron, avó de 81 anos, falando sobre o beijo antes do casamento)	
	“Elas saíram do trilho.” (Renata Ceribelli citando uma fala da D. Hermínia sobre gravidez antes do casamento)
	“[A gravidez antes do casamento] Era meio um tabu, uma revelação.” (Steganha, neta da D. Hermínia, mencionado a gravidez da mãe antes do casamento)
	“Eu nunca fiz sexo com você. Sei eu não gostar, não tem recall.” (esquete)
	“Eu sempre quis uma festona de casamento, com igreja, vestido.” (Daniela Mattos Fernandes)
	“(…) os noivos sabiam que aquela frase “Até que a morte os separe” tinha que ser levada a sério”. (Renata Ceribelli, repórter)
	“Até que a morte nos separe? Não dá para ser até uma gripe nos separe? (esquete)
	“Um dia vai ter filho e o filho vai falar: minha mãe não é casada”. (Hermínia César Pieroni, avó de 81 anos, referindo-se as netas que não oficializaram a união)
	“Família era sinônimo de pai, mãe e filhos, morando juntos, debaixo do mesmo teto.” (Renata Ceribelli, repórter)
“[Família] É tudo igual”. (Hermínia César Pieroni, avó de 81 anos, se referindo ao almoço de família aos domingos)	
“[Família] Só muda o endereço.” (parente da Dona Hermínia se referindo ao almoço de família aos domingos)	
	“A cabeça da mamãe era: sexo só para criação.” (Marlene Pieroni da Costa, filha da avó de 81 anos)
“Quando é que você vai dar um netinho para sua mãe?” (esquete)	
[A mulher não querer ter filho] “é muito estranho. (...) a mulher já nasceu com esse instinto [materno].” (mãe se referindo às mulheres que não querem ter filhos)	
“Eu já ouvi muita mulher dizer que: ‘ah,	

<p>eu não quero engravidar porque vai crescer o peito, vou ficar flácida’. Aquelas coisas fúteis né?” ((mãe se referindo às mulheres que não querem ter filhos)</p>	
	<p>“Hoje em dia, tem casamento pra todo gosto.” (Renata Ceribelli, repórter)</p>
	<p>“Se a escova de dentes estiver na casa do parceiro...” (Renata Ceribelli, repórter)</p>
	<p>“As cuecas dele estão na minha casa.” (esquete)</p>
	<p>“Morou junto, casou.” (Renata Ceribelli, repórter)</p>
	<p>“Namorico, de sair uma vez por semana, uma vez ou outra, ficar um dia ou outro, isso não é casamento” (Paulo Lins e Silva, advogado)</p>
	<p>“Eu me sinto como se estivesse em casa.” (Mauro, Segura, engenheiro, falando do seu casamento que é mantido pela internet)</p>
	<p>“O importante é viver bem, se respeitar, se amar.” (Vanira Peiorini Steganha, filha de D. Hermínia, mencionado a filha que foi morar junto com o namorado antes de casar))</p>
	<p>“Ele não casa se não morar junto antes pra conhecer.” (Raquel Steganha, (Raquel Steganha, neta da Dona Hermínia, falando do desejo do namorado)</p>
	<p>“Tá na hora de mudar de marido, né dona?” (esquete)</p>
	<p>“Cadê os homens dessa família? Quem são os pais desses filhos?” (Renata Ceribelli, repórter)</p>
	<p>“Se existe afeto, por que não”? “É uma família só que uma família diferente.” (Ana Lúcia, funcionária do IBGE, referindo-se a família de homossexuais)</p>
	<p>“Teodora [criança adotada por casal homossexual] chegou pra completar a família.” (Renata Ceribelli, repórter)</p>
	<p>“A entrada da mulher no mundo do trabalho, a independência financeira e a pílula anticoncepcional deram à mulher uma liberdade que ela jamais conheceu.” (Mary del Priori, historiadora)</p>
	<p>“[Homem nesta família não faz falta]. Só para trocar bica.” (Thuany Nascimento Oliveira, mãe solteira)</p>
	<p>“O divórcio trouxe a liberdade tão esperada por muitos.” (Renata Ceribelli,</p>

	repórter)
	“Ou os homens cedem, ou as mulheres se mandam.” (entrevista de arquivo de 1975 na época da revolução feminista)
	“Nos já temos outra cabeça.” (Marlene Pieroni da Costa, filha da avó Hermínia, falando de como o sexo é visto nos dias de hoje)
	“Agora não basta só amar. (...) Eu quero também sentir prazer.” (Mary Del Priori, historiadora)
	“[Ter vergonha de sentir prazer durante o sexo] Parece uma coisa muito distante. Parece uma coisa primitiva.” (Roberta Steganha, neta da D. Herminia)
	“Quer dizer que se eu não tiver um filho, eu não sou mulher?” (Mônica Montone, escritora)
	“Antigamente, a maternidade era destino. Hoje, é uma escolha.” (Clara Araújo, socióloga)
	“Mesmo quem quer muito ter filhos, também tem dificuldade na hora de optar entre ser mãe ou investir na profissão. É o dilema da mulher moderna.” (Renata Ceribelli, repórter)
	“Cada um tem que fazer o que é bom para si.” , (Mônica Montone, escritora)
	“A gente mal tem tempo de se ver, quanto mais de fazer amor!” (Silvia Cavalcante, profissional que acabou de ser promovida)
	““Meu tempo não me basta.” (Mônica Montone, escritora)
	“Filho não é presente.” (Mônica Montone, escritora)
	“É muita responsabilidade, você pegar um bebezinho e dizer: ‘Você vai dar sentido a minha vida.’”(Duda Mack, produtor musical, 31 anos)
	“Não entendem que pode ser uma decisão natural.” (Cristina Lima, mencionado o fato de não ter filhos)
	“As pessoas geralmente perguntam se o meu pai não tinha televisão em casa.” (Jovem falando do pai que tem nove filhos de casamentos diferentes)
	“Uma família diferente da tradicional, mas uma família constituída de pai e filho. Uma família moderna eu diria.” (Sérgio D’Agostini, médico e pai solteiro)

<p>“Família é perpetuação, é continuação daquilo que você pode dar de bom e de melhor para seu filho.” (Junior de Carvalho, membro de casal homossexual, que adotou uma criança e quer adotar outra);</p>	
<p>“Pelo menos uma refeição por dia tem que ser com toda a família.” (Renata Ceribelli, repórter, enunciando regra de família constituída por homossexuais)</p>	

Quadro 08 – Classificação dos enunciados destacados conforme o eixo temático

A partir desses dois procedimentos em relação às enunciações destacadas: classificação em citações e aforizações, e enquadramento em dois eixos temáticos, partimos para a análise propriamente dita, procurando compreender como os enunciados se comportam e quais são os sentidos construídos acerca do discurso da família na atualidade.

5.1 ENUNCIADOS DESTACADOS QUE REMETEM À HOMONEGEIDADE FAMILIAR

Como discutimos no capítulo 1, a formação das famílias brasileiras no passado era bastante distinta da que temos nos dias atuais. Retomando algumas regras sociais, podemos afirmar que, durante muito tempo, o casamento só era válido perante a sociedade depois que fosse oficializado no civil e no religioso. Nessa época, os casais não tinham intimidades antes de oficializar o casamento. Em muitos casos, nem o beijo era permitido antes de entrar na igreja e o sexo realmente era visto como um tabu, uma vez que, de acordo com os princípios religiosos, o sexo pré-matrimonial era visto como pecaminoso. A sexualidade da mulher após o casamento era dedicada à procriação e ao cuidado da prole.

Dentro do lar, a figura do marido prevalecia e não existiam, necessariamente, relações de amor e de afeto. A mulher era submissa ao marido e exercia dois papéis: o de dona de casa e de mãe. Ou seja, a procriação era o destino das mulheres e a família só ficava completa com a chegada dos filhos, que não eram poucos.

Vejamos agora, entre os enunciados selecionados para a nossa interpretação, os que materializam esse discurso da família tradicional. Organizamos as enunciações destacadas que se referem à homogeneidade do casamento em quatro grupos: namoro, casamento, constituição familiar e papel da mulher.

5.1.1 Do namoro

Exemplos de visão tradicional na construção de sentidos sobre o namoro e o sexo antes do casamento podem ser as palavras proferidas por Dona Hermínia César Pieroni, uma senhora de 81 anos, de formação rigorosa no que diz respeito ao comportamento pré-nupcial.

“No meu tempo não era nada disso.” (Hermínia César Pieroni, avó de 81 anos, falando sobre a gravidez antes do casamento)

“Só depois que casou. Nunca beijei antes.” (Hermínia César Pieroni, 81 anos)

Essas duas afirmações retomam o comportamento dos casais no passado. Na primeira frase, o pronome possessivo “meu” marca a percepção do enunciador de que os costumes atuais são diferentes do de seu tempo. E esse “meu tempo” não pertence apenas a ela, mas se aplica, indistintamente, a todos os seus contemporâneos. Já o segundo trecho individualiza uma atitude radical para os padrões modernos de relacionamento: o de trocar carinhos antes do casamento. Dessa forma, o *Fantástico* evoca o discurso de Dona Hermínia como representante da voz de todas as mulheres dessa época que possam ser espectadoras do programa. É a inscrição em um discurso que reaviva o modelo de relacionamento influenciado pelos valores do contexto familiar, religioso e social da época, como por exemplo, os princípios religiosos.

Da mesma forma que as intimidades e as relações sexuais, a gravidez antes do casamento era inconcebível até certo tempo. As mulheres que não preservavam a virgindade eram discriminadas e, se engravidassem, sofriam, justamente porque fugiam do padrão comportamental vigente. Assim, uma fala de Dona Hermínia revela que muitos acabaram colocando em cheque essa aparente homogeneidade, o que, certamente, trouxe consequências indesejáveis e é indiciado na expressão “sair dos trilhos”:

“Elas saíram do trilho.” (Renata Ceribelli, mencionando falas de dona Hermínia sobre as filhas que engravidaram antes de casar)

Sair dos trilhos retoma um enunciado que faz parte da memória de um discurso típico sobre algum deslize cometido pelas pessoas. Ou seja, é uma expressão que pode ser usada

por numerosos enunciadores em diversos momentos para expressar sempre o sentido de erro, de alguém que está fora da linha, dos padrões. É uma fala que confirma o tom repreensivo da Dona Hermínia em relação à gravidez das filhas.

Ainda tratando do discurso da gravidez inesperada, o *Fantástico* destaca as palavras de uma jovem que convive com essa situação, com naturalidade, nos dias de hoje, em contraste com o que ocorria no passado.

“Era meio um tabu assim, uma revelação.” (Roberta Steganha, neta da Dona Hermínia, mencionando a gravidez da mãe antes do casamento)

É um enunciado que causa ao telespectador a impressão de que a jovem aderiu ao discurso moderno da liberdade, segundo o qual as mulheres podem engravidar mesmo sem ter um compromisso sério. A afirmação de Roberta mostra uma quebra no tabu que não permitia às mulheres sequer conversar naturalmente com seus familiares sobre a gravidez inesperada.

Como discutimos no primeiro capítulo, a Revolução Sexual provocada especialmente pela pílula anticoncepcional possibilitou à mulher a liberdade de iniciar a atividade sexual sem o vínculo obrigatório do casamento. Ela se sentiu mais livre e, posteriormente, houve um declínio no estigma à gravidez fora do casamento. A menção a essa mudança no comportamento das mulheres fica implícita na fala da filha de Dona Hermínia, que se refere à “cabeça” da mãe com o verbo ser no passado, “era”.

“A cabeça da mamãe era: sexo só para criação.” (Marlene, filha de D. Hermínia).

É a circulação de um novo discurso que aproxima o sexo do prazer. Uma forma de mostrar que a geração mais recente, representada por Marlene, é livre para ter relação quando quiser.

As citações analisadas apontam para a heterogeneidade de vozes sociais que o atravessam. Temos o discurso da família tradicional, do conservadorismo (Dona Hermínia) convivendo com o discurso da família moderna (filhas de Dona Hermínia). Ou seja, por meio de um discurso que flutua entre o hoje e o ontem, a revista eletrônica põe em circulação vozes que veiculam pontos de vista e atitudes diferentes em relação às relações íntimas e ao sexo antes do casamento. É uma forma que imprime maior consistência discursiva e efeitos de veracidade, contribuindo para fortalecer a construção da competência do programa.

Como o assunto é polêmico e provoca diferentes reações, o *Fantástico* se utiliza do humor do esquete teatral para compor seu discurso. A declaração abaixo é feita por uma noiva para o futuro marido, dentro da igreja, na frente de um padre, e trata da relação sexual antes do casamento, apontando uma ruptura na homogeneidade dos conceitos de casamento tradicional.

“Eu nunca fiz sexo com você. Se eu não gostar, não tem recall.” (esquete)

O efeito de humor dessa frase só é propiciado pelo questionamento do “preceito” tradicional de que a mulher era obrigada a ter sexo com um único parceiro, o marido, e só depois do casamento. Ao usar o termo em inglês “recall”, normalmente utilizado para chamadas de substituição de produtos defeituosos, o enunciado mostra que a realidade hoje é outra e que as mulheres se preocupam com o prazer sexual, pois, diferentemente de uma peça de carro, o marido não pode ser substituído, caso não agrade. Assim, o programa articula uma questão séria (indissolubilidade do casamento) a outra bem mais banal (troca de produtos com defeitos), para fazer o telespectador rir da situação. A frase provoca a impressão de que essa forma breve, ainda não cristalizada na sociedade, pode ser tornar uma frase de fácil circulação entre jovens, por exemplo, que gostam de incluir palavras em inglês no meio de suas falas.

Cumprindo seu papel de entretenimento dentro da cenografia eleita, a revista coloca em discussão a homogeneidade das relações matrimoniais que, em meio a tantas transformações sociais, também sofreu mudanças. A sexualidade, antes um atributo do papel social do indivíduo casado, é tratada hoje, pela maioria das pessoas, como algo indispensável para a experiência de intimidade e de união.

5.1.2 Do casamento

O casamento foi visto durante longos anos como um compromisso oficializado perante a sociedade e indissolúvel (cf. capítulo 1). Os casais deveriam estar cientes de que poderiam, eventualmente, se “desquitar”, mas jamais se casar legalmente, de novo. Para legitimar o discurso do casamento tradicional, homogêneo, a repórter evoca uma aforização sentenciosa, situando-a em um contexto passado:

(...) aquela frase “até que a morte os separe” tinha que ser levada a sério.”
(Renata Ceribelli)

É uma forma de retomar um discurso de um hiperenunciador, repetido até hoje em cerimônias de casamento. Esse enunciado faz parte do discurso religioso que, baseado no Evangelho de São Marcos, determina a indissolubilidade do casamento. Só é permitido um segundo casamento no caso da morte de um dos cônjuges ou em situações especiais em que o mesmo é considerado nulo. Mas será que é isto que acontece? A utilização do verbo ter no passado já é uma resposta negativa e representa um tom de ironia por parte do enunciador, visto que o discurso da eternidade do casamento vai em direção contrária à realidade atual.

Por se tratar de um assunto polêmico, o programa também questiona esse aspecto constitutivo do casamento tradicional no esquete teatral de um jeito bem humorado, que leva para o extremo oposto a perpetuação do matrimônio, pela oposição morte \times gripe. O programa não só veicula o discurso de que o casamento deixou de ser indissolúvel, mas questiona, por meio de uma citação, a aforização sentenciosa cristalizada, e aponta para uma banalização dos motivos que levam à dissolução do vínculo civil:

“Até que a morte nos separe? Não dá para ser até que uma gripe nos separe?”
(esquete)

Este enunciado atualiza a memória do discurso religioso, mas produz de forma divertida outro sentido que é o do casamento dissolúvel. Assim, tal construção linguística chama atenção para uma realidade que vivemos atualmente e mostra que, com as mudanças na sociedade e nas relações familiares, o conceito tradicional de casamento indissolúvel já não tem mais o mesmo peso. As pessoas continuam casando na igreja, ouvindo a frase “até que a morte os separe”, mas, na prática o discurso é outro. Podemos arriscar dizer que a intenção de boa parte das pessoas que ainda se casam na igreja é de que o compromisso dure, mas ninguém se sente obrigado a viver, infeliz, com o parceiro, até os últimos dias. Os casamentos têm atualmente uma média de duração de cinco a sete anos (REVISTA FOLHA DE S. PAULO, 2007). Isto mostra que o divórcio foi perdendo a conotação de escândalo e ganhando o status de uma decisão natural. Segundo Bauman (2001) o ingrediente crucial desta mudança é a nova mentalidade de “curto prazo”, que substituiu a de “longo prazo”. Os parceiros não esperam mais viver muito tempo juntos:

Afinal, a definição romântica ‘até que a morte nos separe’ está decididamente fora de moda, tendo deixado para trás seu tempo de vida útil em função da radical alteração das estruturas de parentesco às quais costumava servir e de onde extraía seu vigor e sua valorização. Mas o desaparecimento desta noção significa, inevitavelmente, a facilitação dos testes pelos quais uma experiência deve passar para ser ‘chamada’ de amor. (BAUMAN, 2004, p. 10).

A consequência é um número cada vez maior de segundos casamentos e das uniões informais, visto que quando o casamento não dá certo pela primeira vez, muitos casais escolhem coabitar, como uma alternativa ao casamento.

Para o brasileiro, morar junto é casar. As pessoas casam menos no papel, mas continuam se unindo. O que antes era um fenômeno de classe baixa, hoje significa um novo estilo de vida. A população educada também mora junto pra ver se dá certo antes de casar e isso é uma redefinição da vida familiar, são ressignificações e renegociações nas relações afetivas. (BILAC, 2010, p. 42, Revista Folha de São Paulo).

Por outro lado, o *Fantástico* faz circular o discurso tradicional, por meio da voz de Dona Hermínia, que veicula os valores morais embutidos na concepção de casamento oficial. Isso é feito na menção que se faz à satisfação que uma mãe deveria dar ao filho e ao exemplo que deveria ser para ele.

“Um dia vai ter filho e o filho vai falar: minha mãe não é casada”. (Hermínia César Pieroni, avó de 81 anos, referindo-se as netas que não oficializaram a união)

Esse enunciado evoca a necessidade de oficializar o casamento. É a representação da voz que discorda do “morar junto” e que acredita que é a partir da celebração civil e religiosa que os indivíduos assumem os papéis e as funções de marido e mulher perante a sociedade. Trata-se do discurso tradicional que prega a oficialização como fonte do núcleo familiar e a emergência de uma nova geração.

5.1.3 Da constituição familiar

Em relação aos valores de constituição de família, o programa recupera falas do cotidiano das pessoas. Eis dois exemplos:

“(Família) É tudo igual.” (Hermínia César Pieroni, avó de 81 anos, se referindo ao almoço de família aos domingos)

“(Família) Só muda de endereço.” (parente da Dona Hermínia se referindo ao almoço de família aos domingos)

Conhecidas como ditados populares, essas duas aforizações sentenciosas são genéricas podendo ser pronunciadas por qualquer membro da família a respeito de aspectos positivos ou negativos. Conforme trata Maingueneau (2008b), são fórmulas autônomas, que neste momento representam o estatuto da família homogênea. Portanto, cabe para o funcionamento aforizante do *Fantástico*, a seguinte afirmação que o autor faz a respeito das máximas heróicas: “Esse tipo de enunciado visa, portanto, produzir na realidade aquilo que não passa de uma pretensão enunciativa: apresentando-se como uma sentença já pertencente a um saber compartilhado, ele prescreve justamente por isso mesmo sua retomada ilimitada” (Maingueneau, 2008b, p.74-75)

5.1.4 Do papel da mulher

Como já mencionamos, no modelo de família homogênea, a mulher tinha dois papéis principais estabelecidos: de dona de casa e de mãe. Com o passar do tempo, ela teve suas conquistas, mas a maternidade é ainda tida como o destino. Vejamos os enunciados abaixo:

“Quando é que você vai dar um netinho pra sua mãe?” (esquete)

“(...) A mulher já nasceu com esse instinto [materno].” (mãe se referindo às mulheres que não querem ter filhos)

Por meio desses enunciados destacados, o *Fantástico* retoma a memória da mulher dedicada aos filhos, permitindo um contraponto com a imagem da mulher moderna que se dedica a outras atividades, além da maternidade. Por conseguinte, eles são estratégias linguísticas que reforçam a imagem tradicional da mulher vinculada à procriação, para desconstruir a imagem de que a mulher tem a liberdade de simplesmente dizer: “eu não quero ter filhos”. Na prática, isso não é ainda tão bem aceito pela sociedade. O programa produz, então, um deslocamento de sentidos, uma vez que, se as mulheres de hoje já não são mais o sexo frágil e têm liberdade para

fazer suas próprias escolhas, uma mulher que não desejasse a maternidade deveria ser encarada com naturalidade.

Para as mulheres que optaram por se dedicar à vida profissional e deixaram a vida de mãe de lado, esses enunciados produzem um efeito de indignação e, até mesmo, culpa. Isto porque, ao evitar esse destino de mãe, muitas mulheres acabam sentindo-se culpadas por frustrar as expectativas do marido, da família, da sociedade.

A análise dos enunciados destacados nesse eixo temático, sejam citações ou aforizações, nos permite concluir que sua seleção por parte dos responsáveis pelas reportagens reforçam os moldes da família tradicional, através de construções linguísticas que apresentam os paradigmas da “família ideal” e sugerem uma continuidade de regras sociais já estabelecidas.

Assim, o discurso da família homogênea, enunciado pela Dona Hermínia que vivenciou desde sempre este modelo de família opera de forma a valorizar o respeito e o amor entre o casal; a união que se oficializa e se mantém debaixo do mesmo teto; a indissolubilidade do casamento e a maternidade. Os efeitos de sentidos produzidos tornam visível que, apesar de todas as mudanças na sociedade, muitas famílias seguem o modelo nuclear e empenham-se em mantê-lo, procurando adaptar-se a algumas concepções de família moderna. Consideramos, portanto, que essa maneira do *Fantástico* de discursivizar o modelo homogêneo de família, reafirma a identidade indissolúvel da família e desconstrói a imagem de que todas as famílias de hoje são liberais e vivem sem limites.

5.2 ENUNCIADOS DESTACADOS REFERENTES À HETEROGENEIDADE FAMILIAR

Conforme discutimos no primeiro capítulo, o conceito de família tradicional foi se modificando ao longo da história, passando por numerosas transformações decorrentes da própria estrutura social. Neste segundo momento da análise, reunimos enunciados que remetem justamente a essa família constituída a partir de novos valores. A organização também foi feita a partir de quatro grupos: enunciados destacados que tematizam a heterogeneidade do casamento, da constituição familiar, do papel da mulher e dos valores.

Além das famílias provenientes do “recasamento” e dos casais que moram juntos sem estar oficialmente casados, temos convivido com uma pluralidade de configurações familiares: famílias chefiadas só por mulheres, outras só por homens; famílias formadas por casais separados; casais de homossexuais, netos criados pelas avós, pais com guarda conjunta ou que dividem a guarda dos filhos. Encontramos ainda os casais que não têm filhos e as

peças que optam por viver sozinhas. Toda essa heterogeneidade é retratada nas reportagens do *Fantástico* que ora analisamos. Dentre os recursos utilizados pela revista eletrônica, escolhemos focalizar os numerosos enunciados destacados que caracterizam essa diversidade familiar, em toda sua variedade de valores e de comportamentos.

5.2.1 Do casamento

Como sabemos, o casamento enquanto instituição social tem sofrido alterações, ao longo dos séculos. No século XIX, ele perdeu, de certa forma, o caráter de negócio acertado pelos pais e assumiu uma aura romântica, de relacionamento amoroso e atração sexual. A partir da metade do século XX, com a profissionalização da mulher, os métodos anticoncepcionais e a legalização do divórcio, o casamento afastou-se da influência familiar, religiosa e do Estado. Portanto, o casamento passa a ser visto com outros olhos, a partir do momento em que as mulheres entram no mercado de trabalho e deixam de ser vistas como propriedade privada da família.

É a partir daí que a instituição do matrimônio perde o caráter homogêneo, dando lugar a formas de união variadas. Sendo um programa voltado para toda a família brasileira, o *Fantástico* reconhece e se dirige a grande parte desses novos perfis de família. Vejamos a frase enunciada pela repórter Renata Ceribelli:

“Hoje em dia, tem casamento pra todo gosto” (Renata Ceribelli)

Essa aforização sentenciosa veicula uma realidade e um discurso sobre casamento tido como inquestionável, no atual momento histórico. Por isso, é uma fala que se presta à repetição. Além do que, esse enunciado se comporta como uma resposta à pergunta que a própria série de reportagens procura responder: “que família é essa?”.

Se o conceito tradicional de casamento tinha como seu principal ingrediente a oficialização, o menosprezo em relação ao “papel passado”, verificado no presente, dificulta a delimitação do que é efetivamente estar casado. Acrescentando aí a intimidade que leva casais não oficialmente unidos a dividir um mesmo teto, o *Fantástico* põe em circulação diversas falas que retratam essa dificuldade de caracterizar um casamento, a partir da coabitação:

“Se a escova de dentes estiver na casa do parceiro ... [é casamento]” (Renata Ceribelli)

“As cuecas dele estão na minha casa.” (esquete)

“Morou junto, casou.” (esquete)

Retomando a discussão feita por Bauman (2001) sobre a liquidez do período atual, podemos afirmar que não se interessar por um compromisso mais sério é resultado do advento do capitalismo leve e flutuante, marcado pelo desengajamento e enfraquecimento dos laços.

Pode-se dizer que esse movimento ecoa a passagem do casamento para o ‘viver juntos’, com todas as atitudes disso decorrentes e conseqüências estratégicas, incluindo a suposição da transitoriedade da coabitação e da possibilidade de que a associação seja rompida a qualquer momento e por qualquer razão, uma vez desaparecida a necessidade ou o desejo. Se manter-se juntos era uma questão de acordo recíproco e de mútua dependência, o desengajamento é *unilateral*: um dos lados da configuração adquiriu uma autonomia que talvez sempre tenha desejado secretamente mas nunca havia manifestado seriamente antes. (BAUMAN, 2001, p. 171).

A essas declarações que mobilizam novos sentidos em substituição ao conceito tradicional de casamento legalizado, soma-se a questão do afeto, que parece justificar a quebra do paradigma homogêneo tradicional. Dessa forma, justifica-se a fuga ao padrão em relação à coabitação pré-matrimonial, seja pelo respeito e o amor, seja pela necessidade de conhecer melhor aquele com quem se pretenderia, ao menos em tese, viver pelo resto da vida. É o que podemos perceber nas enunciações destacadas:

“O importante é viver bem, se respeitar, se amar.” (Vanira Peiorini Steganha, filha de D. Hermínia, mencionando a filha que foi morar junto com o namorado antes de casar)

“Ele não casa se não morar junto antes pra conhecer.” (Raquel Steganha, neta da Dona Hermínia, falando do desejo do namorado)

Assim sendo, o programa traz a coabitação como um evento normativo do ciclo de vida dos casais e que, como uma etapa anterior ao casamento, possibilita um preparo e a

construção de expectativas menos idealizadas sobre o casamento. E quando não existe compromisso oficializado, a separação é mais fácil e menos traumática. Contudo, mesmo quando se trata de uma união legalizada, a dissolução do casamento, na maioria dos casos, é bem aceita socialmente, o que não significa que seja necessariamente menos dolorosa e desgastante para os envolvidos.

Frente a esse panorama, o *Fantástico* retrata, com humor, a questão da rotatividade de parceiros, uma inversão no conceito de casamento tradicional, ressaltada no enunciado a seguir, que circula em um esquete que trata do enfraquecimento do modelo homogêneo de família.

“Tá na hora de mudar de marido, né dona?” (esquete)

O enunciado se apresenta como um mecanismo linguístico utilizado para satirizar e naturalizar essa nova realidade. É a inscrição num discurso que trata tranquilamente do casamento dissolúvel (FÉRES-CARNEIRO, 2004). A identidade da mulher aí retratada é a de quem faz o que pretende com o homem e troca de parceiro quando estiver enjoada. Novamente, vem à tona o discurso da mulher moderna, que conquistou sua liberdade e tornou-se independente para tomar as decisões, inclusive a de trocar de namorado ou marido, quando achar que deve. Não se trata, todavia, de uma enunciação ingênua, mas da configuração de novos efeitos de sentido sobre o poder da mulher nas relações e não mais a mulher submissa. Bauman (2004) acredita que, ante a fragilidade dos relacionamentos, as pessoas estão privilegiando a quantidade ao invés da qualidade. Assim, multiplicam-se e acumulam-se relacionamentos.

Em outro momento desta análise dos enunciados que remetem à heterogeneidade do casamento, encontramos certos argumentos de autoridade que contribuem para confirmar o ponto de vista referente à limitação do grau de intimidade característico do “casamento moderno”:

“Namorico, de sair uma vez por semana, uma vez ou outra, ficar um dia ou outro, isso não é casamento” (Paulo Lins e Silva, advogado)

Citar uma autoridade em sua área de atuação legitima-a como “fiador” do ponto de vista enunciado. Assim, o outro citado, visa a ajudar a validar o discurso citante, ou seja, tornar mais verossímil o que se afirma. Tratando do discurso jornalístico, Discini (2005)

afirma que as vozes consideradas como argumento de autoridade são identificadas pelo nome e cargo social que ocupam, ou a instituição que representam, o que aumenta a ilusão de verdade referencial. Ou ainda, são vozes que contribuem “por conseguinte, para o efeito de verdade, tão caro ao discurso jornalístico” (DISCINI, 2005, p. 121).

Outra modalidade de relacionamento apresentada pelo programa só é possível graças à tecnologia. Referimo-nos, especificamente aos casos de “namoro à distância”, surgidos há alguns anos e, mais recentemente, ao “casamento à distância”. Como observamos, nos textos abaixo, este modo de se relacionar se tornou, na opinião de muitos, uma decisão vantajosa em relação ao casamento tradicional.

“Eu me sinto como se estivesse em casa.” (Mauro Segura, falando do casamento mantido pela internet)

Por meio dessas falas, o *Fantástico* constrói um imaginário de que o casamento à distância apresenta vantagens e deixa a cargo do telespectador julgar se esse modelo é viável ou não. Diante de tantas evoluções, a família começa a se adaptar aos meios tecnológicos e criar modelos a partir daí. Conforme comentamos no capítulo 3, a tecnologia é uma marca do programa na linguagem e no formato. Assim, o discurso tecnológico certamente não ficaria de fora da série de reportagens, haja vista que a internet faz parte da vida dos telespectadores.

5.2.2 Da constituição familiar

Como discutimos em momentos anteriores, antigamente, o organograma de uma família era homogeneamente constituído de pai, mãe e filhos. Em consequência do grande número de divórcios, essa fórmula diversificou-se. A declaração pronunciada por Renata Ceribelli mostra esta descontinuidade e a ruptura do discurso de família tradicional:

“Família era sinônimo de pai, mãe e filhos, morando juntos, debaixo do mesmo teto.” (Renata Ceribelli)

O discurso do *Fantástico* retoma, portanto, nesse enunciado destacado, uma memória coletiva da família nuclear, mas ao se utilizar do verbo “ser” no passado, provoca um deslocamento de sentidos. O desenho da família atual admite elementos como "o marido da

mamãe", "o irmão por parte de mãe", "os filhos da mulher do papai", entre outros. É um quebra-cabeça de parentes e meios-parentes, batizado de "família mosaico" por Garbar e Theodore (2000). Esse novo modelo de família é um discurso veiculado pelo *Fantástico* e pela mídia, de uma forma geral, que reflete o comportamento da sociedade moderna, na qual os indivíduos se sentem livres para casar, descasar e recasar, quando considerarem viável.

Nesses novos conceitos de família ocorreu uma modificação nos papéis do homem e, principalmente, da mulher dentro de uma casa. Hoje, ela pode criar os filhos, sem obrigatoriamente precisar da presença masculina, como podemos perceber em uma das reportagens que mostra uma família constituída por várias gerações de mulheres, todas elas solteiras ou descasadas. A introdução desse tema é feita por uma pergunta que evoca o inusitado da situação:

“Cadê os homens dessa família? Quem são os pais desses filhos?” (Renata Ceribelli)

Esta alteração no modelo do núcleo familiar faz parte da discussão de Holanda (2006) referida no capítulo 1, que nega a existência da família dita “normal”, nos dias de hoje. O que existe é uma família “diferente”, na qual os membros podem possuir mais autonomia, individualidade e, conseqüentemente, mais felicidade. A revista eletrônica mostra, de forma lúdica, essa inversão de valores, em uma das falas das dramatizações, que deixa implícita a raridade da ocorrência de uma família tradicional, em nossos dias. De acordo com o esquete, seria motivo de trauma infantil uma eventual inserção em um padrão familiar homogêneo:

“Essa menina tem que saber a verdade. Nós somos uma família excepcional: somos casados no civil e no religioso, você casou virgem e ela é filha legítima, não é adotiva”. (esquete)

Nesse novo contexto familiar, a noção de sexo também já não é mais a mesma. A família moderna não precisa necessariamente ser constituída por um casal de sexos diferentes. A aceitação e o reconhecimento oficial da família homoparental está presente nos enunciados destacados do *Fantástico*, como pode ser comprovado em:

“Se existe afeto, por que não”? “É uma família só que uma família diferente.”
(Ana Lúcia, funcionária do IBGE, referindo-se a família de homossexuais)

“Teodora [criança adotada por casal homossexual] chegou pra completar a família.” (Renata Ceribelli)

Não podemos afirmar que esse tipo de relacionamento seja pacificamente aceito nos dias atuais. Os veículos de informação divulgam, cotidianamente, as dificuldades em aceitar as diferenças ainda reinantes na sociedade. Contudo, a veiculação do discurso, outrora proibida em nome de preceitos morais e religiosos, agora é possível. A circulação dessas frases, com relativa normalidade, pode ser vista como o indicador de uma tendência de aceitação da diversidade social.

5.2.3 Do papel da mulher

Para tratar o papel da mulher nos dias atuais, o *Fantástico* veicula enunciados que evidenciam o surgimento de uma nova mulher, completamente diferente da tradicional dona de casa, esposa e mãe. O programa retoma o discurso da liberdade da mulher, que passou de sexo frágil, submissa e indefesa para um indivíduo forte, livre e próspero no campo profissional. As frases presentes nas reportagens destacam essa evolução e reafirmam que hoje a mulher não está mais em segundo plano. Mais que nunca, ela depende de si mesma. É nesse sentido que o *Fantástico* afirma que a igualdade de papéis entre homens e mulheres tem cada dia mais influência nas formações familiares e no casamento.

“A entrada da mulher no mundo do trabalho, a independência financeira e a pílula anticoncepcional deram à mulher uma liberdade que ela jamais conheceu.”
(Mary del Priori, historiadora)

“O divórcio trouxe a liberdade tão esperada por muitos.” (Renata Ceribelli, repórter)

Uma pequena reflexão nos mostra que a realidade feminina não é tão rósea quanto a apresentada pelo *Fantástico*. Sabemos que a mulher atual acumula jornadas de trabalho, dentro e fora do lar; sofre discriminação em relação a sua liberdade sexual; enfrenta entraves, especialmente no que diz respeito à igualdade de remuneração, em diversos campos de trabalho. Contudo, existe hoje em dia um reconhecimento de que competência profissional

não tem nenhuma relação com sexo, e a mulher tem uma existência mais plena, mais voltada para sua realização pessoal, menos dependente da vontade dos que a cercam.

Alguns enunciados destacados também sinalizam uma mudança de comportamento dos homens. Se antes eles eram supervalorizados, hoje para muitas mulheres ficam reduzidos a um ajudante. Elas dizem não sentir mais falta da presença masculina.

Homem nessa família não faz falta, não. Só para trocar bica.” (Thuany Nascimento Oliveira, mãe solteira)

Esse enunciado evoca, interdiscursivamente, outros como: “Homem é importante para abrir latas, para trocar pneu...” Acreditamos que este seja ainda um novo discurso e que o velho discurso sobre a importância de um homem dentro de casa ainda sobrevive. Ou seja, não significa que a enunciação destacada seja a representação de um pensamento único. Por outro lado, sua força está em rememorar uma realidade que mudou. Hoje as mulheres sobrevivem bem sem os homens.

Segundo FÉRES-CARNEIRO (2004 , p. 6-7),

neste modelo novo de família, as fronteiras de identidades entre os dois sexos são fluidas e permeáveis, com possibilidades plurais de representação: mulher oficial de forças armadas, homem dono de casa, mãe e pai solteiros, mulher chefe de família, casais homossexuais masculinos ou femininos, parceiros masculinos mais jovens, casal sem filhos por opção, produção independente, bebe de proveta e demais possibilidades que a evolução científica permite ou está em visas de possibilitar, tal como a discutida clonagem humana.

O programa retoma, ainda, duas enunciações destacadas já empregadas em reportagens passadas para demarcar as diferenças estabelecidas entre os sexos a partir da revolução feminista. “O que presenciamos hoje é um processo de mudança no próprio conceito de família e a transformação do “masculino” e do “feminino”. A divisão de papéis constituintes do “modelo antigo” onde o homem é o provedor e a mulher é a responsável pela casa e pelo cuidado dos filhos não perdura no modelo atual de família” (FÉRES-CARNEIRO, 2004, p. 11-12)

“Ou os homens cedem, ou as mulheres se mandam.” (entrevista arquivo)

“Quando me casar, não quero curtir uma dessas de ficar dentro de casa, que nem Amélia.” (entrevista de arquivo na época da revolução feminista)

É a retomada visível de já ditos que ainda hoje fazem sentido. Mesmo as mulheres que não vivenciaram a revolução feminista têm noção do que aconteceu nessa época. Ainda nesta linha de discussão, o programa não trata o sexo como um tabu, mas como um discurso que circula normalmente na sociedade. Assim, diferentemente do que ocorria no passado, o discurso do *Fantástico* apresenta frases que mostram que a mulher de hoje se dá o direito de sentir prazer.

“Agora não basta só amar. (...) Eu quero também sentir prazer.” (Mary Del Priori, historiadora)

“Nos já temos outra cabeça.” (mulher falando de quando só se fazia sexo com a luz apagada)

“Parece uma coisa muito distante. Parece uma coisa primitiva.” (neta comentando a proibição de sexo antes do casamento, típica da família tradicional)

Ao relacionar esses enunciados destacados com as discussões de Bauman (2004, p. 11), podemos afirmar que o sexo “faz parte da cultura consumista como a nossa, que favorece o produto pronto para uso imediato, o prazer passageiro, a satisfação instantânea, resultados que não exigem esforços prolongados, receitas testadas, garantias de seguro total e devolução de dinheiro”.

No processo de fortalecimento da mulher no núcleo familiar, o discurso do *Fantástico* mostra que a maternidade, embora seja uma opção, ocupa um importante papel na vida da mulher, que tem dificuldade em conciliá-la com a vida profissional:

“Mesmo quem quer muito ter filhos, também tem dificuldade na hora de optar entre ser mãe ou investir na profissão. É o dilema da mulher moderna.” (Renata Ceribelli)

No final do século XX, o cenário do casamento amplia-se para uma união conjugal regida pelas “necessidades e anseios de prazer e realização do casal, o qual pode decidir ter

filhos ou não” (MARCONI; PRESOTTO, 2001, p. 29). A partir disto, mesmo com a cobrança da família e, de certa forma, da sociedade, as mulheres consideram que podem ser algo a mais que mãe.

“Antigamente, a maternidade era destino. Hoje, é uma escolha.” (Clara Araújo, socióloga)

“Quer dizer que se eu não tiver um filho, eu não sou mulher?” (Mônica)

Esses destacamentos resgatam as conquistas femininas, colocando os filhos como uma segunda opção e não mais como uma prioridade do núcleo familiar. Aflora, nesse ponto, um individualismo que não era característico da figura feminina, de quem se esperava permanente renúncia em prol dos objetivos dos demais membros da família. Assim, esses enunciados, mostram a mulher que deseja ser apenas mulher e não mãe, representada como típica de um comportamento de um grupo grande, na atualidade. Emerge daí a identidade de uma mulher que acredita que a vida tem sentido mesmo sem a presença de filhos. Desse ponto de vista, elas optam por preencher seu tempo com outros afazeres. É a separação entre o sexo e a reprodução regida pelo poder do consumismo.

Ter filhos significa avaliar o bem-estar do outro ser, mais fraco e dependente, em relação ao nosso próprio conforto. A autonomia de nossas preferências tende a ser comprometida, e continuamente: ano após ano, dia após dia. A pessoa pode tornar-se - horror dos horrores - dependente. Ter filhos pode significar a necessidade de diminuir as ambições pessoais, “sacrificar” uma carreira, como pessoas submetidas à avaliação de seu desempenho profissional olham de soslaio em busca de algum sinal de lealdade dividida. (BAUMAN, 2004, p. 29).

5.2.4 Dos valores

A partir do momento em que o indivíduo passa a admitir novos hábitos e novas aspirações, ele constitui outro tipo de família, fundado em novos valores. Reflexos dessa nova forma de viver e da imagem que os indivíduos têm de si podem facilmente ser verificados na independência feminina, na relação entre pais e filhos, na busca pela satisfação pessoal. Retomando as palavras de Singly (2007), podemos dizer que o indivíduo das gerações passadas acreditava proteger sua individualidade na família, onde ele nunca estaria sozinho,

mas sim integrado em uma unidade. Selecionamos algumas falas que nos permitem visualizar que esse conceito mudou. Hoje os desejos individuais estão em primeiro plano e cada um faz suas próprias escolhas.

“A gente mal tem tempo de se ver, quanto mais de fazer amor!” (Silvia Cavalcante, profissional que acabou de ser promovida)

“Cada um tem que fazer o que é bom pra si.” (Mônica Montone, escritora referindo-se ao o fato dela não querer ter filhos)

Embora circulem na sociedade vários discursos sobre a importância da maternidade, essas falas selecionadas representam o pensamento de mulheres que encaram sem constrangimento o fato de não ser mãe. Ao colocar em circulação tais discursos fundados no individualismo, o *Fantástico* faz jus ao *ethos* de inovador e sintonizado com os interesses das novas gerações. A capacidade de adaptação aos novos tempos e públicos está presente na identificação e no respeito à forma de viver de cada membro da família. “Isto não significa que nos tempos pré-modernos as pessoas não eram indivíduos, mas que a individualização era tanto ‘vvida quanto conceptualizada’ de forma diferente. As transformações associadas à modernidade libertaram o indivíduo de seus apoios estáveis nas tradições e nas estruturas” (HALL, 2006, p.25).

O individualismo produziu, entre outros valores, o deslocamento do foco de interesse familiar. Novamente o discurso do programa reforça que houve uma ruptura na estrutura unificada de pai, mãe e filhos. Aqui voltamos a mencionar os conceitos de da individualidade e da conjugalidade teorizados por Féres-Carneiro (1998): São duas dimensões da vida humana. A individualidade refere-se a tudo que diz respeito ao indivíduo, seus desejos, suas inserções e percepções de mundo e suas histórias e projetos de vida, ou seja, sua identidade. A conjugalidade, existente através de uma relação amorosa, seria um desejo conjunto, uma história de vida conjugal, um projeto de vida de casal, ou seja, uma identidade conjugal.

Nas enunciações destacadas a seguir, o posicionamento da mulher moderna que não quer se envolver com a maternidade:

“Meu tempo não me basta.” (Mônica Montone, escritora, referindo-se ao fato dela não querer ter filhos)

“Filho não é presente.” (Mônica Montone, escritora, referindo-se ao fato dela não querer ter filhos)

Vale destacar o funcionamento da palavra “não” nesses dois enunciados. Ao usar essa palavra, a entrevistada reafirma que quer se distanciar da maternidade, uma vez que ser mãe atrapalharia seu projeto pessoal de vida, a sua independência. O *Fantástico* dialoga com o discurso moderno representado pelas ambições profissionais. O casal pensa primeiramente nos compromissos com o trabalho e nas oportunidades pessoais. E, principalmente, as mulheres não se sentem mais obrigadas a ser mãe.

No segundo exemplo, Mônica usa o enunciado “filho não é presente” como resposta a pergunta de Ceribelli, que supõe: “E se o seu namorado, muito apaixonado, você muito apaixonada, se ele pedisse um filho?”. A escritora responde que daria um pulôver para ele, porque filho não é presente. É uma forma de ela exprimir o valor de um filho para ela e serve para representar a opinião da mulher moderna que não vê um bebê como a salvação de um relacionamento.

Outros dois exemplos reafirmam esse discurso dos casais que não desejam filhos:

“É muita responsabilidade, você pegar um bebezinho e dizer: ‘Você vai dar sentido a minha vida.’ Duda Mack, produtor musical, 31 anos que fez vasectomia)

“Não entendem que pode ser uma decisão natural.” (Cristina Lima, mencionado o fato da mulher optar por não ter filhos)

Constatamos nesse conjunto de enunciados destacados sobre o papel da mulher, uma confluência de sentido que faz circular dúvidas como: é melhor ter filhos ou não ter? a maternidade é o destino da mulher? filhos são presentes de Deus ou entraves à vida pessoal dos pais? que lugar ocupa a carreira profissional na vida de uma mulher? Como o conceito de família não se apresenta uno, mas multifacetado, o *Fantástico* problematiza a maternidade, apresentando discursos que defendem a liberdade das mulheres em não se tornarem mães, ao mesmo tempo em que mostra o quanto as mulheres que são mães são felizes. Enquanto alguns pregam que não querem filhos, o programa mostra que, por outro lado, há homens que se preocupam com a questão da procriação. Vejamos o exemplo a seguir:

“As pessoas geralmente perguntam se o meu pai não tinha TV em casa.” (Jovem falando do pai que tem nove filhos de casamentos diferentes)

Pronunciada por uma jovem que tem vários irmãos, mas cada um de um casamento diferente do pai, essa enunciação promove um diálogo com a memória coletiva. Esta frase era dita no passado para tratar das famílias enormes, compostas por dez ou quinze filhos. Hoje, ela remete a pessoas que têm vários filhos, de um ou mais casamentos.

5.3 ENUNCIADOS DESTACADOS QUE REMETEM À HOMOGENEIDADE NA HETEROGENEIDADE

Podemos dizer que o olhar da Revista eletrônica *Fantástico* sobre a família moderna inscreve-se numa sociedade de mudanças, mas que ainda conserva traços dos conceitos básicos. São diferentes nuances de uma instituição multiforme. Os enunciados a seguir, embora contemporâneos, dialogam com os conceitos do passado. Em outras palavras, trata-se de vozes que mostram claramente a homogeneidade da família tradicional dentro da heterogeneidade da família moderna.

Reservamos para esta parte final da análise, enunciados destacados provenientes de enunciadores que se encontram no eixo temático que remete à heterogeneidade familiar, mas que apresentam claramente características do eixo temático referente à homogeneidade da família. Veja o exemplo a seguir:

“Eu sempre quis uma festona de casamento, com igreja, vestido.” (Daniela Mattos Fernandes)

Essa enunciação, produzida por uma jovem do século XXI, expressa o posicionamento de muitas jovens que se dizem modernas, mas desejam manter os padrões da família tradicional. Trata-se de um jogo entre o velho e o novo, visto que enquanto muitas mulheres se “casam” sem formalidades, sem legalizar a união, outras não dispensam os rituais tradicionais nem a oficialização do casamento.

O casamento na igreja é uma herança católica que teve início na Idade Média (séculos XI e XII). É considerado o sacramento que valida, diante de Deus, a união de um homem e uma mulher, que constituem, assim, uma família. Já a moda do vestido de noiva de cor branca

foi popularizada no século XIX, no casamento da Rainha Vitória (SILVA, 2006). Nesta época, simbolizava a castidade e a pureza. Hoje não tem mais esse significado, mas continua sendo um símbolo forte para as moças. E as festas de casamento sempre foram o símbolo da comemoração com familiares e amigos de um momento marcante. Embora a forma de se organizar e tratar um casamento sejam bem diferentes, a verdade é que alguns conceitos tradicionais perduram.

Outros enunciados, ainda que veiculem formas de constituição modernas, remetem a discursos de valores bastante tradicionais. É o caso da família composta por homossexuais que faz questão de ter filhos e de partilhar afeto e refeições:

“Uma família diferente da tradicional, mas uma família constituída de pai e filho. Uma família moderna eu diria.” (Sérgio D’Agostini, médico e pai solteiro)

“Família é perpetuação, é continuação daquilo que você pode dar de bom e de melhor para seu filho.” (membro de casal homossexual, que adotou uma criança e quer adotar outra);

“Pelo menos uma refeição por dia tem que ser com toda a família.” (Renata Ceribelli, repórter, enunciando uma regra da família constituída por homossexuais).

Fica evidente nesses enunciados que, apesar de todas as mudanças na sociedade, o conceito de família, – seja ela estruturada pelo casal heterossexual ou homossexual, matriarcal, tradicional ou constituída por meio-irmãos -, permanece firme no ideal do ser humano. A família se libertou de algumas regras que determinam o comportamento dos membros familiares e passou a conviver com novas formas de estruturação familiar. Essas transformações nos levam a concluir que a produção discursiva do *Fantástico* retoma a memória coletiva da família tradicional para falar da família moderna. A família possui uma identidade ambivalente, isto é, ela se encontra entre um movimento de transição para a nova família conservando traços da velha família.

Constatamos, desse modo, que, nas cinco reportagens, o processo de produção de sentidos apresenta a família por um discurso que flutua entre a tradição, por um lado, e a modernidade, por outro. Para integrar todas as famílias de telespectadores do programa, as reportagens retratam a família além de suas representações clássicas. Acreditamos que esta é, simultaneamente, uma análise de parte da vida privada no Brasil contemporâneo, uma vez que

o reconhecimento dos fatos discursivos vincula-se ao reconhecimento do real histórico e social.

Desse modo, os enunciados destacados fazem circular diferentes concepções e doutrinas sobre a família, funcionando como um diálogo entre o antigo e o novo, que mostra as diferenças e os deslocamentos entre os conceitos.

A seguir classificamos os conceitos de família veiculados nas reportagens em duas categorias: os homogêneos, que representam os conceitos tradicionais, e os heterogêneos, que tratam dos conceitos modernos.

CONCEITOS DE FAMÍLIA	
Homogêneos (conceitos tradicionais)	Heterogêneos (conceitos modernos)
Os namoros e casamentos são arranjados pela própria família e prevalecem os interesses financeiros.	Homens e mulheres têm liberdade para escolher seus parceiros, quantas vezes desejarem.
As intimidades antes do casamento são inconcebíveis	As intimidades antes do casamento não são limitadas
Sexo e gravidez antes do casamento são um tabu	O sexo e a gravidez antes do casamento são encarados com relativa naturalidade.
O sonho das mulheres é casar na igreja, de véu e grinalda	Primeiramente, os casais moram junto para ver se dá certo e depois pensam em casar.
O casamento é para toda a vida. Vale a máxima: “até que a morte os separe”	O casamento é dissolúvel.
O divórcio não é legalizado.	O divórcio é legalizado e as pessoas casam quantas vezes desejarem.
O homem é considerado o sexo forte e superior e a mulher o sexo frágil, inferior, dedicada as tarefas domésticas.	As mulheres têm direitos iguais aos do homem e prosperam na vida profissional.
O casamento é válido após oficialização civil.	O casamento não precisa ser oficializado; a união estável dá os mesmos direitos ao casal.
A maternidade é o destino das mulheres.	A maternidade é opcional.
A família tradicional é formada pelo pai, mãe e filhos debaixo do mesmo teto.	A família tem novas configurações: é formada só por mães ou pais solteiros e filhos, ou por homossexuais que não precisam necessariamente dividir a mesma casa. “Juntar as escovas” é considerado casamento.

Quadro 09 - Os conceitos de família no passado e no presente

Apesar dessa distinção de conceitos, com a análise sobre a discursivização da família moderna no *Fantástico*, acreditamos ter conseguido mostrar que o programa apresenta os diversos conceitos e as múltiplas configurações familiares, com destaque para discursos que constroem um sentido de família liberal, moderna, sem muitas regras e aberta às inovações. Com efeito, essa nova maneira de discursivizar não é exatamente uma ruptura na forma de

pensar e agir em família. Homens, mulheres e crianças são afetados por essas modificações, haja vista que os discursos sobre o que é ser família no *Fantástico* problematizam a imagem da família convencional, para mostrá-la de outras maneiras, mas é preciso considerar que em meio às adversidades, a instituição família se mantém.

Essa nova família é fruto de uma sociedade mais liberal, individualista e tecnológica. A própria maneira de ser e de dizer do *Fantástico* é importante para a construção desse novo conceito de família. Seus discursos evidenciam as mudanças, as conquistas e a aceitação de configurações familiares que antes não eram admitidas.

Assim, a análise das reportagens nos permite constatar que o modo de dizer do *Fantástico*, o tom em que o programa enuncia, desvela uma instância enunciativa equilibrada detentora não apenas de um sentido de família, mas dos dois sentidos. É um discurso enunciado em um tom balanceado, divertido, construindo o *ethos* de um fiador que procura levar o telespectador a aderir à visão de família que flutua entre o tradicional e o moderno.

Nesse movimento de consideração de alguns sentidos sobre família em detrimento de outros, podemos observar o peso de determinadas práticas discursivas identitárias, como a sociologia, a medicina, a religião, que, estando no verdadeiro de nossa época, articulam-se para formar esse conceito de família moderna. Isso mostra que esta nova família vem ganhando lugar na mídia, embora ainda seja permeada por rastros da família tradicional.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A família é um tema que circula com grande destaque na mídia. Dentro da gama de veículos de comunicação existentes, selecionamos o suporte televisivo como objeto de estudo dessa pesquisa, pela influência que a TV exerce sobre grande parte das camadas sociais. Estatísticas mostram que, a despeito das novas tecnologias, os aparelhos de TV estão cada vez mais presentes nos lares brasileiros. A televisão toma o comportamento da família como referência para a produção de sua programação e, ao mesmo tempo, é referência para os padrões de comportamento que a família tende a seguir.

Neste contexto, elegemos a revista eletrônica *Fantástico* da Rede Globo de Televisão, programa líder de audiência, exibido aos domingos à noite, como nosso objeto de análise. Frequentemente, o programa pauta assuntos que são discutidos em casa, nas escolas, no trabalho e em rodas de conversa de amigos, durante toda a semana.

Feita a seleção do tema e do objeto de análise, elegemos como *corpus* a série especial de reportagens do *Fantástico* sobre a família brasileira, exibida em agosto de 2008, durante a comemoração dos 35 anos do programa. A partir da Análise do Discurso na perspectiva de Maingueneau, nos propusemos verificar o funcionamento discursivo dessas reportagens, com a finalidade de descrever o processo de constituição de sentidos da família, a partir dos enunciados destacados. Essa proposta de análise não teve a pretensão de esgotar todas as possibilidades de leitura do *corpus*, mas apenas trabalhar com um modo de interpretação dentre os vários possíveis.

Inicialmente, traçamos um panorama das concepções de família, a partir da segunda metade do século XX. Em seguida, definimos os conceitos teórico-metodológicos de Maingueneau que mobilizariam as discussões de nossa análise: *ethos* discursivo, cena enunciativa, heterogeneidade constitutiva do discurso, citação e destacabilidade, aforização pessoal e sentenciosa.

Num terceiro momento, apresentamos as principais características da linguagem e do formato da revista eletrônica *Fantástico* e mostramos, também, o *ethos*, abordando a imagem que o programa tem de si e que acredita que o público tem do programa. Esse *ethos discursivo* não está ligado apenas ao enunciador *Fantástico*, à imagem que este reivindica para si próprio, mas se apresenta como uma categoria interativa, uma vez que a imagem do programa tenta adequar-se às expectativas dos telespectadores. Assim, atento às mudanças na

configuração da família brasileira, o programa se apresenta como moderno e democrático, trazendo temas atuais e polêmicos e envolvendo todos os tipos de família.

Esse *ethos* está relacionado à cenografia do discurso das cinco reportagens, descrita no quarto capítulo. Observamos que, apesar dos recortes diferentes, todas as matérias apresentam um traço em comum. Elas articulam três elementos fundamentais na reportagem televisiva: dados/arquivos/comentários, entrevistas e dramatizações. Destaca-se nesta cenografia eleita a utilização dos esquetes teatrais, enunciados humorísticos por meio dos quais o programa retoma as controvérsias em relação ao tema família, que fazem parte da memória discursiva e permitem a apreensão de um sentido comumente controlado.

A possibilidade de apreender/compreender a família tradicional e a família moderna num mesmo objeto de estudo nos incentivou a determinar o percurso teórico que guiou a realização da análise. Desse modo, fizemos a seleção dos enunciados destacados presentes nas reportagens e classificamos cada um deles em citação ou aforização. O passo seguinte foi enquadrar esses enunciados em eixos temáticos.

No primeiro, reunimos os enunciados destacados referentes à homogeneidade da família. Tais enunciados mostram relações entre homens e mulheres baseadas em regras sociais e princípios religiosos rígidos. O segundo eixo contempla os enunciados que exploram a heterogeneidade da família, mostrando as mudanças ocorridas nesse conceito, nas últimas décadas: a inversão de papéis entre os cônjuges; a aceitação do divórcio; os valores do individualismo; a ausência dos filhos. São renovações das formas tradicionais que dão espaço para uma nova forma de conceituar e vivenciar a família.

Nos casos analisados, verificamos, de um lado, a presença de um viés tradicional, que valoriza a união estável, um casal formado por pessoas de sexos diferentes, com filhos, morando debaixo do mesmo teto; de outro lado, com mais destaque, o viés da união livre que, não exige regras e oficializações, que não necessita de documentos. O retrato da família moderna parece mesclar aspectos e conceitos tradicionais e atuais.

Por meio do caminho percorrido, foi possível responder nossa pergunta de pesquisa: os enunciados destacados que ocorrem na revista eletrônica *Fantástico* contribuem para a constituição e a circulação de sentidos sobre família? O procedimento analítico adotado possibilitou que compreendêssemos que não há unanimidade em relação ao conceito de família, mas que circulam vários sentidos através do discurso midiático. Confirmamos que essa maneira de discursivizar a família tem como base o momento histórico atual, a chamada pós-modernidade que, dentre outras alterações, trouxe uma revolução nos conceitos de individualidade, conjugalidade, direitos e deveres dos homens e das mulheres, abalando a forma

dos relacionamentos. Os discursos representados nas reportagens se configuram, portanto, mais como “modernos”, pelas condições de produção atuais que influenciaram diretamente na produção desses discursos, mas não podemos deixar de admitir que apesar de inovador, o discurso tem como pano de fundo os resquícios da “boa e velha” instituição familiar.

Tendo em vista que o *Fantástico* objetiva atingir os mais diferentes tipos de famílias, observamos que os enunciados destacados nas reportagens do *Fantástico* evidenciam alguns desses diversos modelos presentes na sociedade atual. Mostrando um caráter mais de entretenimento que de informação, o programa evita polemizar aspectos como, entre outros: os preconceitos ainda existentes em relação à mulher, perceptíveis em sua remuneração, e na exigência de que seja bem sucedida não só fora do lar como dentro dele; a dificuldade de aceitar diferenças, como a dos casais constituídos por homossexuais, que ainda lutam por direitos semelhantes aos dos heterossexuais.

Ademais, parece haver um resquício de homogeneidade no conceito de família, no sentido de que algum aspecto da família tradicional é mantido. Nas reportagens, fica claro que na família do casal homossexual, por exemplo, cada um tem seu papel definido dentro de casa e em relação aos cuidados com a filha adotiva. Já o casal que mora em casas separadas mantém por meio da câmera do computador a forma de olhar o outro e cuidar dele, um aspecto comum entre as famílias ditas convencionais.

Desse modo, podemos concluir que a instituição família, longe de andar em baixa, está se adaptando aos novos tempos. Nessa perspectiva, embora existam numerosas diferenças entre a família tradicional e as modernas, como diz um dos próprios enunciados do programa, “família é tudo igual”. Contudo, outra visada pode nos levar a concluir, com Rochael (2010), que as famílias são sempre diferentes:

na atualidade, não é mais possível contar apenas com o modelo familiar nuclear como ambiente de formação da subjetivação humana, porque as mudanças sociais que marcaram nossa época levaram a um apagamento dos símbolos que marcavam os espaços familiares tradicionais, esmaecidos pela ausência da mulher na casa; pela terceirização da educação inicial da criança, agora partilhada com a pré-escola pelas mães que trabalham fora; pelas mudanças no mercado de trabalho, que vêm abalando a imagem do pai provedor do sustento/ mãe provedora de afeto, que a dupla de genitores tradicionais mantinha.

Diante do exposto, observamos quão significativa é a contribuição de Dominique Maingueneau para uma nova forma de analisar discursos. Seu norte nos foi de grande valia não só para a realização desta pesquisa, como para o que esperamos fazer no futuro. Nossa

expectativa é de que esta análise contribua, ainda que modestamente, para a consolidação da teoria da destacabilidade e, no futuro próximo, estimule a realização de novas pesquisas.

Possivelmente, a pesquisa possa contribuir também com as discussões existentes sobre os modos de constituir a família na contemporaneidade, a partir de suas representações no telejornalismo brasileiro. Os dados sobre esse conceito podem gerar discussões junto à sociedade sobre as maneiras de lidar e conceituar família a partir de modelos pré-determinados. Nesta perspectiva, visualizamos um longo trajeto de pesquisa sobre o tema em questão, visto que acreditamos que desta outras podem surgir.

Encerramos este trabalho com a citação de Rochael (2010):

Apesar disso tudo, o conceito de família, – seja ela estruturada pelo casal heterossexual ou homossexual, matriarcal, tradicional ou constituída por meio-irmãos -, permanece firme no ideal do ser humano. A família traz os limites do espaço mediado por relações afetivas, capazes de propiciar a seus membros o espaço mental necessário para o desenvolvimento do pensamento, capacidade para delimitar fronteiras adequadas, entre a falta e o excesso, de forma que exista a possibilidade de manter trocas afetivas que contenham funções de ouvir, discernir e acompanhar, sem ceder à ânsia de eliminar conflitos.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALVES, Maria Inez Masaro. *A construção do conceito de família através das imagens da televisão*. Revista Comunicação & Sociedade. Edição 28, ano XV, 1997.

AMOSSY, Ruth (Org.). *Imagens de si no discurso: a construção do ethos*. São Paulo: Contexto, 2008.

AUTHIEZ-REVUZ, J. *Hétérogénéité montrée et hétérogénéité constitutive: éléments pour une approche de l'autre dans le discours*. DRLAV, v. 26, p. 91-151, 1982.

_____. Heterogeneidades enunciativas. In: *Cadernos de Estudos Lingüísticos*. Campinas: Unicamp, 1990, nº 19. P. 25-27.

BAHIA, Juarez. *Jornal, História e Técnica - As técnicas do jornalismo*. Vol. 2, 4. ed. São Paulo: Ática, 1990.

BAKHTIN, Mikhail. *Marxismo e Filosofia da Linguagem*. Tradução de M. Lahud, Y. Frateschi. São Paulo: Hucitec, 1981-a.

_____. *Problemas da poética de Dostoiévski*. Rio de Janeiro: Forense-Universitária, 1981-b.

BARBOSA, Patrícia Zulato; ROCHA-COUTINHO, Maria Lúcia. *Maternidade: novas possibilidades, antigas visões*. *Psicol. clin.* [online], 2007, vol.19, nº1, p. 163-185.

BARROS, D. L. P. Dialogismo, Polifonia e Enunciação. In: BARROS, D. L. P., FIORIN, J. L. (Orgs.). *Dialogismo, polifonia, intertextualidade: em torno de Bakhtin*. São Paulo: Edusp, 1999.

BAUMAN, Z. *Amor líquido: sobre a fragilidade dos laços humanos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar. Editor, 2004.

_____. *Modernidade líquida*. Tradução de Plínio Dentzien. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2001.

BENITES, S. A. L. *Contando e fazendo a história: a citação no discurso jornalístico*. São Paulo: Arte & Ciência/ Núcleo Editorial Proleitura, 2002.

BENITES, Sonia Aparecida Lopes. *A face do Brasil mostrada nas citações da Revista Veja*. Polifonia. Periódico do Programa de Pós-Graduação em Estudos de Linguagem do Mestrado do Instituto de Linguagens, Universidade Federal de Mato Grosso, Ano 17, nº 19, 2009. Cuiabá: Editora Universitária, p. 1- 28.

BENVENISTE, E. *Problemas de Lingüística Geral I*. 4.ed. Campinas, SP: Pontes, 1966.

BILAC, Elisabete Doria. In: BARBIERI, Cristiane. *Os que não se multiplicam*. Revista Família Brasileira, Folha de S. Paulo, São Paulo, p. 56 -57, 2007.

BOARINI, Maria Lúcia. *Refletindo sobre a nova e velha família*. Psicologia em estudo Maringá, vol. 8, número especial, p. 1-2, 2003.

BOURDIEU, Pierre. *Sobre a televisão*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1997.

BRUSCHINI, M. Cristina *Uma abordagem sociológica da família*. Revista Brasileira de Estudos Populacionais, São Paulo: ABEP, v. 6, n.1, jan/jun, p. 1-24, 1989. Disponível em: <http://www.abep.nepo.unicamp.br/docs/rev_inf/vol6_n1_1989/vol6_n1_1989_1artigo_1_23.pdf>. Acesso em: mar. 2010.

BUCCI, E. Vídeo Grandes Cursos Cultura na TV. *Ver TV de olhos fechados - A Era do Espetáculo e A Indústria do Imaginário*. Disponível em <<http://www.culturamarcas.com.br>>. Acesso em: mar. 2010.

CENTA, Maria de Lourdes; ELSEEN, Ingrid. *Reflexões sobre a evolução histórica da família*. Fam. Saúde Desen., Curitiba, v.1, n.1/2, p.15-20, jan./dez. 1999

CHARAUDEAU, Patrick. *Discurso das mídias*. Contexto: São Paulo, 2006.

CHARAUDEAU, Patrick; MAINGUENEAU, Dominique. *Dicionário de análise do discurso*. Tradução de Fabiana Komesu. 2ª Ed. São Paulo: Contexto, 2008.

COURTINE, J.J. *O discurso inatingível: marxismo e lingüística (1965 – 1985)*. Tradução de Heloisa Monteiro Rosário. Cadernos de Tradução, Porto Alegre, n. 6, 1999.

COUTO, Fernanda Azevedo. *O Fantástico em Gaza: análise do personagem em área de conflito armado internacional*. Monografia apresentada no Curso de Comunicação Social - Jornalismo da UF. Viçosa, MG, 2009.

DISCINI, Norma. *Comunicação nos textos*. São Paulo: Contexto, 2005.

FÉRES-CARNEIRO, Terezinha. *Masculino E Feminino Na Família Contemporânea*. Estudos e pesquisas em Psicologia, UERJ, RJ, ano 4, n. 1, 1º semestre 2004.

FERES-CARNEIRO, Terezinha. *Casamento contemporâneo: o difícil convívio da individualidade com a conjugalidade*. Psicologia: Reflexão e Crítica. Porto Alegre, 1998, vol.11, n.2, p. 379-394.

FRANCESCHINI, F. *Notícia e reportagem: sutis diferenças*. Comum, Rio de Janeiro, v.9, n. 22, p. 144-155, 2004.

FREYRE, Gilberto. *Casa grande e senzala: formação da família brasileira sob o regime da economia patriarcal*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1978.

FUKUI, Lia. *Família: conceitos, transformações nas últimas décadas e paradigmas*. In: PALMA E SILVA, Luiz A.; STANISCI, Sílvia Andrade; BACCHETTO, Sinesio. (Org.) *Famílias: Aspectos conceituais e questões metodológicas em projetos*. Brasília, DF: MPAS/SAS; São Paulo, SP: FUNDAP, 1998. P. 15-22. (Discutindo a assistência social no Brasil). Disponível em <http://www.inss.gov.br/docs/familias_seas.pdf>. Acesso em: abril 2010.

GARBAR, Claire; THEODORE, Francis. *Família mosaico*. Tradução de Luciano Lopreto. São Paulo: Augustus, 2000.

GOMES, Luana. *Fantástico – o show da vida: gênero e modo de endereçamento em programas*. Monografia (Comunicação Social). Faculdade de Comunicação da Universidade Federal da Bahia. Salvador, 2006.

HOLANDA, Caroline Sátiro de. *As técnicas de reprodução assistida e a necessidade de parâmetros jurídicos à luz da Constituição Federal de 1988*. Fortaleza, UNIFOR, 2006. 263p. Dissertação (Mestrado em Direito Constitucional). Universidade de Fortaleza.

LAGE, Nilson. *Linguagem Jornalística*. São Paulo: Ática, 1985.

MAINGUENEAU, D. *Initiation aux Methodes de l'Analyse du Discours - Problèmes et perspectives*. Paris Hachette, 1976

_____. *Análise do Discurso: a questão dos fundamentos*. Cadernos de Estudos Linguísticos. Campinas, Unicamp – IEL, nº 19, jul./dez., 1990, p. 65-74.

_____. *O contexto da obra literária*. Tradução de Eduardo Brandão. São Paulo: Martins Fontes, 1995.

_____. *Pragmática para o discurso literário*. Tradução de Marina Appenzeller. São Paulo: Martins Fontes, 1996.

_____. *Novas tendências em Análise do Discurso*. Tradução de Freda Indursky. Campinas, SP: Pontes, Editora da Universidade Estadual de Campinas, 3ª ed., 1997.

_____. *Termos chaves da Análise do Discurso*. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 1998.

_____. A propósito do ethos. In: MOTTA, Ana Raquel; SALGADO, Luciana (Orgs). *Ethos Discursivo*. São Paulo: Contexto, 2008-a, p. 11-29.

_____. Ethos, cenografia e incorporação. In: AMOSSY, R. *Imagens de si no discurso: a construção do ethos*. São Paulo: Contexto, 2008-b. p. 68-92.

_____. *Análise dos textos de comunicação*. São Paulo: Cortez, 2008-c.

_____. *Cenas da Enunciação*. Organização de Sírio Possenti e Maria Cecília Pérez de Souza-e-Silva. São Paulo: Parábola Editorial, 2008-d.

_____. *Gênese dos Discursos*. Tradução de Sírio Possenti. São Paulo: Parábola Editorial, 2008-e.

_____. *L'enonciation Aphorisante*. In CONGRESSO DA ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE LINGUISTICA, 5, Belo Horizonte, MG. Anais ... Belo Horizonte: UFMG, 2008-f. pp. 155-164.

_____. *Aforização - enunciados sem texto?* Tradução de Ana Raquel Motta. In: MAINGUENEAU, Dominique. Doze conceitos em análise do discurso. (Org.) Sírio Possenti e Maria Cecília Pérez de Souza-e-Silva. São Paulo: Parábola Editorial, 2010.

MARTHE, Marcelo. *Casamento. Porque ele continua a valer a pena.* Revista Veja, ed. 2179, ano 43, nº 34, p. 98-105, 2010.

MELO, José Marques de. *A opinião no jornalismo brasileiro.* 2. ed. Petrópolis: Vozes, 1994.

MOTTA, Ana Raquel. *Heterogeneidade e aforização: uma análise do discurso dos Racionais MCs.* Tese de doutorado apresentada ao Instituto de Estudos da Linguagem, da Universidade Estadual de Campinas, 2009.

Memória Globo. Disponível em: <<http://memoriaglobo.globo.com/Memoriaglobo/0,27723,GYN0-5273-247251,00.html>>. Acesso março, 2010.

NASCIMENTO, Arlindo Mello do. *População e família brasileira: ontem e hoje.* XV Encontro Nacional de Estudos Populacionais, ABEP, Caxambú- MG, 2006, p. 1 - 24.

NASSIF, Luís. *O jornalismo dos anos 90.* São Paulo: Futura, 2003.

NEGREIROS, Tereza Creusa de Góes Monteiro; FÉRES-CARNEIRO, Terezinha. *Masculino e Feminino na Família Contemporânea.* Estudos e Pesquisas em Psicologia, UERJ, RJ, Ano 4, n. 1, 1º semestre 2004.

ORLANDI, E. P. *Análise de Discurso: Princípios e Procedimentos.* 5. ed. Campinas, SP: Pontes, 2005.

PECHEUX, M. *O discurso – Estrutura ou Acontecimento.* Campinas, SP: Pontes, 2006.

PEREIRA, Paula. *A nova família.* Revista Época. Rio de Janeiro, RJ: Editora Globo, n. 293, p. 82-89, 2003.

POSSENTI, S. Um dispositivo teórico e metodológico. In: POSSENTI, S.; BARONAS, Roberto Leiser. *Contribuições de Dominique Maingueneau para a análise do discurso do Brasil.* São Carlos: Pedro & João Editores, 2008-a.

POSSENTI, S. Ethos e corporalidade em textos de humor. In: MOTTA, A.R.; SALGADO, L. (Orgs). *Ethos Discursivo.* São Paulo: Contexto, 2008-b, p. 149- 156.

POSSENTI, S. *Humor, língua e discurso.* São Paulo: Contexto, 2010.

PRADO, Danda. *O que é família.* São Paulo: Editora Brasiliense, 1981.

ROCHAEL, Lucilene. *A Família moderna.* Revista Psiquê, Ciência e Vida. Edição 45, Jan., 2010.

ROUDINESCO, E. *A família em desordem.* Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003.

SCALZO, Marília. *Jornalismo de Revista.* São Paulo: Editora Contexto, 2004.

SIMIONATO, Marlene Aparecida Wischral; OLIVEIRA, Raquel Gusmão. *Funções e transformações da família ao longo da história*. I Encontro Paranaense de Psicopedagogia – ABPppr, nov., 2003, p. 57- 66.

SINGLY, François de. O nascimento do ‘indivíduo individualizado’ e seus efeitos na vida conjugal e familiar. In: PEIXOTO, Clarice E.; SINGLY, F.; CICCHELLI, V. (Orgs.) *Família e individualização*. Rio de Janeiro: Editora FGV. 2000.

_____. *Sociologia da família contemporânea*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2007.

SILVA, Giani David. *A polifonia como estratégia argumentativa na construção da informação televisiva*. In: Anais do VI Congresso de Letras: Linguagem e Cultura: Múltiplos Olhares. UNEC, Centro Universitário de Caratinga, 2007.

SILVA, Rosangela Baptistella Da. *Casamento: noivas e suas evoluções*. Trabalho de conclusão de curso. UNISAL, Americana, 2006. Disponível em <http://docs.google.com/viewer?a=v&q=cache:mYJP_dJz9O8J:www.am.unisal.br/graduacao/moda/pdf/tcc2006/TCC_Rosangela_Baptistella> Acesso em: agosto 2010.

SOUZA, José Carlos A. de. *Gêneros e Formatos na Televisão Brasileira*. São Paulo: Summus, 2004.

SOUZA, Rosane Mantilla. In: BERGAMASCO, Daniel. 1 em cada 3 jovens é filho de separados. *Revista da família brasileira*. Folha de S. Paulo, p. 62-63, 2007.

TRAQUINA, Nelson. A redescoberta do poder do jornalismo: análise da evolução da pesquisa sobre o conceito e agendamento (*agenda-setting*). In:_____. *O estudo do jornalismo no século XX*. São Leopoldo: Unisinos, 2001.

WAGNER, Adriana. *Família em cena: tramas, dramas e transformações*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2002.

ANEXOS

ANEXO A - 1ª reportagem - 03/08/2008

Família brasileira encolheu nos últimos 35 anos

Por que será que os casais estão optando por ter menos filhos?

Uma coisa é certa: nos últimos 35 anos a família brasileira encolheu. Por que será que os casais estão optando por ter menos filhos? E alguns optando até mesmo por não ter filhos. Será que aquela família numerosa está em vias de extinção?

“Eu não tenho tempo pra ter relação sexual com o meu marido. É incrível, mas é a pura realidade”, diz Silvia Cavalcante.

“Aos 31 anos eu radicalizei. Fiz vasectomia”, conta Duda Mack.

“E se o seu namorado, muito apaixonado, você muito apaixonada, se ele pedisse um filho?”, pergunta a repórter.

“Eu daria um pulôver pra ele, porque filho não é presente”, diz Mônica.

Na década de 70, a família tinha em média seis filhos. Na década de 80 baixou para quatro, em 90 a média já era três. Segundo o IBGE, hoje, a média está em menos de dois filhos.

“Vai ter uma hora que nós vamos ter que fazer campanhas de incentivo à maternidade, porque vai acabar a população se as mulheres decidirem, daqui a algum tempo, não ter mais filhos”, diz Ana Lúcia, do IBGE.

Não dá pra jogar a culpa só nas mulheres. Além delas, tem muitos homens também desistindo da idéia de ter filhos. Duda Mack é produtor musical. MônicaMontone, escritora. Os dois juram que adoram criança, mas de longe.

Geralmente uma mulher beirando os 30, começa a bater aquela vontade louca de ter um filho. Agora esse instinto ainda não aconteceu com a Mônica, que está com 29 anos.

“Vontade nenhuma. Porque o meu tempo não me basta. E eu tenho uma vontade de fazer muita coisa ainda que eu acho que com um filho eu não conseguiria fazer”, diz Monica.

“É a chatice da infância. Eu não gosto dessa fase da infância, de criança chorando, daquilo tudo o que você tem que fazer. Você muda a sua vida inteira para o seu filho”, aponta Duda.

“Quando você que não quer ter filhos numa roda de amigos, as pessoas tentam de convencer do contrário?”, pergunta a repórter.

“Tentam, tentam. Dizendo que só um filho dá sentido à vida. Eu acho que é uma responsabilidade muito grande, você pegar um neném e falar: Ele vai dar sentido à minha vida”, acredita Mônica.

O Duda chegou a se casar duas vezes antes de fazer, de fato, a vasectomia, aos 31 anos.

“Isso no terceiro casamento. As duas primeiras mulheres também não eram afim de filho”, conta Duda.

A terceira, com quem ele está casado há oito anos, apoiou totalmente a decisão pela vasectomia. A Cristina, antes de conhecer o Duda, já tinha tido um outro casamento. E o primeiro marido também não quis ter filhos.

“Quando eu conheci o meu primeiro marido, ele já era vasectomizado. E foi uma coisa muito tranqüila para mim. Porque como eu já não tinha a intenção também, então fechou. Foi ótimo”, lembra Cristina Lima.

“Eu acho que cada um tem que fazer o que é bom pra si. E para mim não é bom ter um filho e eu quero ser respeitada por isso. Em alguns lugares eu consigo ser respeitada, em outros não”, conta Mônica.

“Ou você percebe claramente que as pessoas ficam com bronca de você não querer ser mãe ou ficam com pena. Com aquilo assim de 'ai, não tem filho?! Não pode ter?!'. Não entende que possa ser uma decisão natural, de não querer ter”, acredita Cristina.

Conversamos com várias mães, babás e perguntamos o que elas acham da Cristina não querer ter filhos. Só pra sentir o pensamento feminino.

“Eu não como criancinha. Avisa a elas antes, porque se não elas vão mandar me tirar da pracinha”, brinca Mônica.

“Quando alguém fala para você: ‘eu não tenho a menor vontade de ser mãe’, você acha estranho?”, pergunta a repórter para uma mãe na pracinha.

“Muito estranho. Porque eu acho que a mulher já nasceu com esse instinto”, responde a mãe.

“Quer dizer que se eu não tiver um filho, eu não sou mulher, então. Eu não estou habilitada para ser mulher? Como é que é isso?”, pergunta Monica.

“Eu já vi muita gente falar: ‘ah, não quero engravidar porque vai crescer o peito, vou ficar flácida’, aquelas coisas fúteis né?”, comenta uma senhora na pracinha.

“Então porque eu sou uma mulher bonita, então a justificativa é que eu não quero ficar feia. Então se eu fosse feia ia valer minha opinião de que eu não quero filho? Como assim?”, pergunta Mônica.

“Antigamente mulher era igual à mãe. Maternidade era destino. Se a mulher não tivesse filho ela não se realizava e não realizava os outros. Hoje, a maternidade é uma escolha, uma opção. As mulheres podem ser alguma coisa a mais do que mãe”, aponta a socióloga Clara Araújo.

Mesmo quem quer muito ter filhos, também tem dificuldade na hora de optar entre ser mãe ou investir na profissão. É o dilema da mulher moderna, que vai adiando, adiando, adiando a gravidez, até que o relógio biológico aperta e avisa: Daqui a pouco vai ser tarde demais.

A primeira vez que o casal Alex e Sílvia tentou engravidar foi em 2004. Chegaram até a fazer o enxoval do bebê. Mas ele não veio. Culpa de quem? Da falta de tempo.

“Se você acreditar que a gente mal tem tempo de se ver, que dirá de fazer amor. Então é muito difícil a gente se encontrar e transar com naturalidade e com tempo. É mais final de semana!”, diz Silvia Cavalcante.

Para complicar ainda mais, Silvia foi promovida. Ou seja: Mais tempo para a profissão, menos tempo para a vida amorosa. Como ela já está com 32 anos, procurou um médico para congelar os seus óvulos e tentar garantir a gravidez. Mais tarde.

“É, no caso específico dela, ela optou por tentar induzir a ovulação, congelar esses óvulos, para no futuro, no momento que ela achar mais apropriado para a vida do casal, fertilizar esses óvulos e tentar essa gestação. De um modo geral, eu recomendo que as mulheres que por alguma razão tentem retardar sua gestação através da cria-preservação dos óvulos, pensem em fertilizá-los e transferi-los no máximo aos 50 anos de idade”, diz o ginecologista Paulo Gallo.

A família é uma das mais antigas instituições do mundo e da história. Ela sobrevive porque tem sempre a capacidade de se adaptar e mudar. E à medida que ela vai mudando, vai tomando cara nova, vai absorvendo o seu tempo.

ANEXO B - 2ª reportagem - 10/08/08

As novas famílias formadas depois da lei do divórcio

Quem foram os primeiros divorciados brasileiros.

Há três décadas, uma novidade provocava debates sobre o futuro da família brasileira: depois de anos e anos, o Brasil finalmente adotava o divórcio. O que terá acontecido com os primeiros divorciados?

Nasce João Velho Jordão da Silveira Holanda Cavalcanti de Albuquerque Maranhão: 3,9 kg. Primeiro filho de Flávia e nono filho de Gil Velho. Flávia é a sétima esposa de Gil. E Joãozinho, que acabou de nascer, já tem oito irmãos de mães diferentes.

Já pensou administrar uma esposa, seis ex-mulheres, criar nove filhos e ter sete famílias diferentes? Até dezembro de 1977, isso seria um escândalo! Em nome da “preservação da família” a lei só permitia um único casamento no civil. Mas uma notícia mudou completamente a vida e a cara da família brasileira.

Jornal Nacional de 26/12/1977: “A lei que regulamenta o divórcio foi sancionada hoje pelo presidente Geisel. O divórcio entra em vigor amanhã em todo o país. A lei do divórcio vem regulamentar a emenda constitucional que institui a dissolução do casamento na legislação civil brasileira”

O divórcio trouxe a liberdade tão esperada por muitos. Teve correria e fila nos cartórios. O baiano Ivan da Silva mal podia ver a hora de se divorciar para se casar novamente.

Jornal Nacional de 26/03/1978: “O primeiro brasileiro com separação de fato a se divorciar, vem à Bahia para casar novamente. Afastado da primeira mulher há seis anos, Ivan - antes mesmo de ser aprovada a lei do divórcio - conheceu a carioca Maria Helena, com quem passou a viver, nascendo desta união um garoto que hoje tem quatro anos de idade”.

O casal Ivan e Maria Helena, 36 anos de casamento, moram hoje no Rio de Janeiro. E o garotinho que estava ali na barriga da mãe, Igor, tem hoje 31 anos, e o irmão Ivan, com 34. O Ivan também estava ali, atrás dos noivos.

Ivan: Ele não poderia ter registro porque a lei não permitia. Tanto que você vê que o registro dele, antes do casamento, está só no nome da mãe, como se o pai não existisse.

Renata Ceribelli: E a Maria Helena era o que se chamava de concubina. Nome feio esse, né?

Maria Helena: Muito feio.

Ivan: Ela era concubina, amázia, amante, tudo o que se falava era em tom depreciativo.

Renata Ceribelli: E a família só soube que eles se casaram pela televisão?
Maria Helena: Pelo Jornal Nacional.

Ivan: Naquela ocasião, o preconceito contra as pessoas separadas, contra as pessoas que moravam juntas, era muito grande. Se você fosse casado com papel, era recebido na casa de qualquer um. Se não fosse, não era.

Renata: Muita gente vivia esta situação na época.

Ivan: Muita gente. Tanto que quando Nelson Carneiro conseguiu fazer com que passasse a lei do divórcio no Congresso foi tipo final de copa do mundo.

Ivan: Eles iam contando voto a voto.

Maria Helena: E a gente anotando.

O divórcio permitiu que Ivan, Maria Helena e seus dois filhos formassem uma nova família. Mas, até hoje, ainda falta uma pessoa na fotografia.

O Ivan já tinha uma filha do primeiro casamento quando conheceu a Maria Helena. A filha está com 39 anos e até hoje ele não tem o relacionamento que gostaria com ela.

Renata Ceribelli: Uma família linda, fica faltando sua filha?

Ivan, emocionado, com lágrimas nos olhos, balança a cabeça concordando.

Renata: Gostaria que ela estivesse aqui?

Ivan: Gostaria.

Igor: É uma amizade que a gente perde, né? Porque além de irmã ela poderia ser uma amiga nossa.

Ivan Filho: Mas nunca é tarde também para a gente tentar.

E como será que Gil Velho, que aos 60 anos acaba de ter seu nono filho, consegue administrar tantas famílias? Reunir tantos filhos assim é difícil até em fotografia! Na última tentativa de reunir os nove, Gil Velho conseguiu juntar quatro.

Renata Ceribelli: Vocês se sentem uma família só?

Filha: Até com a irmã mais distante, às vezes quando encontra...

Renata Ceribelli: E quando vocês falam, ah, eu tenho nove irmãos, qual a reação das pessoas?

Filha: As pessoas perguntam se meu pai não tinha televisão em casa.

Renata: E aí, Gil Velho, não tinha televisão?

Gil: Acho que não.

Renata: Toda vez que nasce um irmão como vocês se sentem?

Maira: A última vez que nasceu um irmão foi há 11 anos. Então quando chega a novidade, mais um irmão, você pensa: caramba! Não vai parar?

Gil Velho: Eu ainda posso ter mais 5, 7, 8 filhos.

Renata: O que você acha disso?

Filha: Noooooossa!

Quando a lei do divórcio foi aprovada, em 1977, as pessoas só podiam se casar mais “uma” vez. Em 1994 a lei foi modificada e o brasileiro ficou livre pra se casar duas, três, quatro, quantas vezes quiser!

Nesta mudança da família, mudou a maneira de escolher os parceiros?

“Sem dúvida, agora não basta só amar. Não basta só gostar. É preciso também uma afinidade física e sexual, ou seja ‘eu quero também sentir prazer’”, aponta a historiadora Mary del Priori.

As filhas de dona Hermínia, de 81 anos, lembram bem desta época.

Marlene Pieroni da Costa, filha de dona Hermínia: A cabeça da mamãe era essa. Sexo só pra criação. Era um filho atrás do outro, 13 filhos, e nós não, já temos outra cabeça.

Renata Ceribelli: Já podia sentir algum prazer? Mesmo sem saber se podia sentir prazer ou não?

Marlene: Mesmo depois de casada você tinha aquela preocupação. Que será que o marido vai pensar? Medo de achar que você é ousada. Vai pensar que você é uma moça banal?

Renata Ceribelli: Até com o próprio marido?

Marlene: Até com o marido.

Roberta Steganha, neta de dona Hermínia: parece uma coisa muito distante. Parece primitiva.

“As pessoas iam para a cama vestidas e, tal como seus pais nos anos 50, provavelmente faziam amor de luz apagada. Sem dúvida nenhuma, a entrada da mulher brasileira no mercado de trabalho, o fato dela ter adquirido independência financeira e sobretudo a disseminação da pílula, deu a essa futura mãe, uma liberdade que ela jamais conheceu. Ela podia fazer sexo com quem quisesse, aonde quisesse, e com seu dinheiro era capaz de assumir todas as conseqüências que sua sexualidade pudesse lhe fazer sonhar”, diz a historiadora Mary del Priori.

Com as mudanças no casamento, homens e mulheres inventam novos modelos de família. Um casal em casa separadas é uma família? E casar no papel ainda tem valor? Afinal, que família é essa? Semana que vem aqui no Fantástico.

ANEXO C - 3ª reportagem - 17/08/2008

Morar em casa separada mantém casamentos

Casal moderno conta com a ajuda da tecnologia para manter a relação.

Depois do divórcio, a união estável. E, com a união estável, quem se importa como casamento de papel passado? Na nossa série sobre as mudanças que a família brasileira sofreu nos últimos anos, vamos mostrar que, hoje, o casal moderno conta com a ajuda da tecnologia para manter a relação.

Daniela Mattos Fernandes: Eu sempre quis uma festona de casamento, com igreja, vestido.

Renata Ceribelli: Você acha que casamento é para a vida inteira?

Daniela: Eu acho. Eu acredito.

Apesar de ainda ser forte a vontade de fazer um casamento durar a vida inteira, hoje, de cada quatro casamentos, um acaba em separação no Brasil. A família convencional ainda é a maioria. Mas, cada vez mais, surgem novos modelos de família.

Daniela Mattos Fernandes fez questão de uma cerimônia de casamento tradicional. Mas o exemplo que ela tem em casa é diferente: a mãe dela, Nancy, tem um casamento completamente fora do padrão. Nancy e Francisco se conheceram em uma viagem de férias. Ela, separada, com suas três filhas paulistas. Ele, viúvo, com seus três filhos cariocas.

Nancy tentou morar três vezes com o Francisco, as filhas dela e os filhos dele. As três tentativas não deram certo?

Nancy Mattos: Não, não é que era ruim. Mas a gente sempre chegava à conclusão que quando cada um está na sua casa, o nosso relacionamento fica muito mais leve e mais gostoso.

Há quinze anos eles vivem assim: aliança na mão esquerda, rotina de casados, mas em casas separadas.

Renata Ceribelli: Por que os filhos separaram as casas de vocês?

Francisco Barroso: Porque se você começa muito a entrar no atrito dos 'meus filhos, dos seus filhos', 'Ah, são meus filhos, são seus filhos!', você acaba prejudicando a relação com ela. E para nunca prejudicar a relação com ela, o que era melhor? O melhor era separar as casas. E namorar.

Os filhos aprovam a decisão.

Renata Ceribelli: Vocês acham um bom exemplo cada um morar na sua casa?

Felipe Oliveira Barroso, filho de Francisco: Eu acho que dura mais.

Francisco, para o filho: Você usaria isso na sua vida?

Felipe: Pô, não sei cara. Não sei. Acho que não, agora não.

Frederico Oliveira Barroso, filho de Francisco: Eu acho que ia ser difícil, também.

Francisco: A fórmula é boa para mim, não para eles.

Felipe: Mas vocês já trabalham juntos também, o dia inteiro. É só na hora que está dormindo que separa.

Francisco: Exatamente na melhor hora.

Renata Ceribelli: Vocês consideram que a sua mãe, mesmo morando separado, depois dessas três tentativas de morar junto, continua casada?

As filhas de Nancy: Consideramos.

Então, eu os declaro marido e mulher. Mesmo porque, pela lei da união estável, eles já estão casados há muito tempo.

“Hoje, no Brasil, o casamento e a união estável têm os mesmos direitos. O mesmo patamar, as mesmas garantias. Namorico, de sair uma vez por semana, uma vez ou outra, ficar um dia ou outro, isso não é casamento”, explica o advogado Paulo Lins e Silva.

Renata Ceribelli: Agora, se a escova de dente já estiver na casa do parceiro...

Paulo Lins e Silva: Já está começando a exteriorizar o sentido de família.

A Constituição de 1988 traz, no artigo 226, a regulamentação do casamento e da união estável. Eles têm os mesmos direitos e garantias. Por isso, morou junto, casou. Apesar de o casamento no civil e união estável terem o mesmo valor perante a lei, na hora de fazer a escolha, o assunto ainda gera muita polêmica dentro das famílias.

Dona Ermínia, de 81 anos, moradora de Laranjal Paulista, interior de São Paulo, teve 13 filhos, mais de 30 netos. Quando as filhas se reúnem para um papo de cozinha...

Renata Ceribelli: Eu ouvi dizer, que tem uma filha que quer casar, mas o namorado não pensa em casar, gostaria de morar junto antes de casar. Cadê ela? É a Raquel.

Vanira, uma das filhas de dona Ermínia e mãe de Raquel: Que história é essa?

Raquel Steganha: Ele falou que não casa se não morar junto antes, para conhecer como é, como vai ser o hábito, né! Eu não. Eu não tenho essa vontade. Mas ele quer.

Renata Ceribelli, para a mãe: Você importa de morar junto?

Vanira Pieroni Steganha: Não, o importante é eles viverem bem, serem felizes, se respeitarem e se amarem.

Renata Ceribelli: As tias dão palpite, né?

Fátima diz: E como!

Renata Ceribelli: Vocês acham que ele deve casar? Fátima, outra filha de Dona Ermínia: Eu acho.

Estelamara Pieroni Dalaneze: Eu não sei. Eles que decidem.

Roberta Steganha, irmã de Raquel e também filha de Vanira: Eu moro junto com o meu namorado. E algumas pessoas da família não vêem isso de uma forma positiva.

Renata Ceribelli: Falam o quê

Roberta: Elas comentam. Você percebe que não é o mesmo tratamento em relação às minhas primas que são casadas.

Hermínia César Pieroni, a Dona Hermínia, avó de Roberta: Eu acho errado, deve casar. Porque um dia tem filho e o filho vai falar: ‘Mas minha mãe não é casada!’.

Roberta: A minha filha, o meu filho, talvez, será uma outra geração e um dia isso será normal. Como eu já incorporo esses conceitos.

Hoje em dia tem casamento para todo gosto: casamento no papel, sem papel, morando junto, em casas separadas. Tem até marido e mulher morando em cidades diferentes, mas se vendo todos os dias: graças à tecnologia.

A arquiteta Regina mora no Rio de Janeiro. O engenheiro Mauro, em São Paulo. Estão casados há 23 anos. Mas nos últimos quatro, só se encontram pessoalmente nos finais de semana. Fora disso, o relacionamento é virtual.

Renata Ceribelli: Você consegue cuidar da casa dele só olhando tudo pela câmera?

Regina: Não é porque ele mora em São Paulo, eu moro... A casa é uma só!

Mauro Segura: É como se as duas casas estivessem conectadas pela câmera. Então eu enxergo a sala, todo o movimento circulando e ela enxerga aqui, tudo acontecendo. Fica ligado, direto.

Regina Segura: Com a câmera eu vejo de pertinho. Em um telefonema e ele está mau humorado, se ele acordou com o rosto diferente.

Renata Ceribelli: Você vigia ele, a hora que ele vai dormir, Regina?

Regina: É praticamente um ‘Big Brother’.

Renata Ceribelli: Em algum momento você se sente vigiado?

Mauro: Não. Eu me sinto como se eu estivesse em casa, que é a sensação de estar fisicamente perto dela.

Renata Ceribelli: Regina, você acha então que essa câmera ajuda a manter o casamento de vocês à distancia?

Regina: A gente até brinca. As amigas brincam: ‘Nossa, você tem uma vantagem que nós não temos, você pode ligar e desligar o seu marido na hora que você bem entende’.

Renata Ceribelli: E na hora, assim, que a saudade aperta, o namoro... Rola uma sedução também?

Mauro: Regina, essa eu vou deixar pra você. Olha lá, hein?

Regina: Claro que sim. Claro. A gente tem o trabalho, a gente passa o dia inteiro trabalhando e eu também, mas a gente também namora. Claro.

Homens e mulheres estão cada vez mais independentes. Será que um não precisa mais do outro para formar uma família? Semana que vem, você vai conhecer uma família só de mães! E um homem que decidiu adotar um bebê porque quer ser pai sozinho.

ANEXO D - 4ª reportagem - 24/08/2008

Primeiro casal gay a adotar criança divide cuidados

Renata Ceribelli mostra as novas formações da família brasileira

No Rio de Janeiro, uma família vive uma situação cada vez mais comum nos lares brasileiros: muitas mulheres, todas com filhos, mas...

“Cadê os homens dessa família? Quem são os pais desses filhos?”, pergunta a repórter Renata Ceribelli.

“Eles somem entendeu? Eles vêm e somem”, reclama Ivanise Nascimento.

Do outro lado da cidade, um médico passeia com o filho que acabou de chegar. Sérgio adotou o menino Théo para realizar o sonho de ser pai e formar uma família.

“Uma família diferente da convencional, mas uma família que é constituída de um pai e um filho. Uma família moderna, eu diria”, acredita Sérgio D’Agostini.

Tão moderna quanto à família de Theodora, adotada pelo casal de cabeleireiros Vasco e Junior no interior de São Paulo.

“A família homossexual é uma coisa que no futuro, que daqui a dez anos vai ser uma quantidade muito grande”, acredita Vasco da Gama.

Foi-se o tempo em que “família” era sinônimo de pai, mãe e filhos morando debaixo do mesmo teto. O Brasil tem hoje, 59 milhões de famílias com as mais diversas formações. A maioria ainda é composta por casais com filhos. Mas as coisas estão mudando... e rápido!

A última Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios chamou atenção para uma nova configuração na família brasileira: cerca de 1,2 milhão de lares são formados apenas pelo pai com seus filhos, sem a presença de uma mãe.

É o caso de Sérgio D’Agostini, que acaba de adotar o pequeno Theo, de 7 meses.

“A minha decisão era de ser pai, independente de sozinho ou não. Quando ele chegou, eu liguei pra minha mãe e pedi por favor! Ela veio me ajudar, trocar fralda, dar banho. Quando ele chora muito eu fico preocupado, mas acho que qualquer mãe ficaria também”, acredita Sérgio.

Se o número de homens cuidando de filhos sozinhos já é grande, o de mães sem parceiros, é 10 vezes maior. Pesquisa do IBGE revela que 10 milhões de brasileiras, vivem hoje nessa situação.

Na família de Evanise há três gerações que as mulheres criam seus filhos sozinhas.

“A minha avó criou quatro filhos sozinha, a minha mãe também criou quatro dela e dois sobrinhos, sem marido”, conta Evanise.

Agora, chegou a vez de Thuany, filha da Evanise, de 17 anos, se tornar mãe e vai criar o filho também sozinha.

“E o que você sonha pra sua filha?”, pergunta a repórter Renata Ceribelli.

“O que eu queria pra mim. Estudar, um futuro bom. Trabalhar. Casar não”, garante Thuany Nascimento Oliveira.

“Ou seja, homem nesta família não faz falta?”, pergunta a repórter.

“Não. Só pra trocar bica”, brinca Thuany.

Das novas estruturas familiares, tem uma que ainda não faz parte dos números oficiais: é o caso da família de Theodora. A certidão de nascimento dela, não tem o nome da mãe, mas em compensação, tem dois pais.

“Ficou Theodora Rafaela Carvalho da Gama. Carvalho do Junior e da Gama meu”, conta Vasco.

Faz 3 anos que Theodora chegou para completar a família dos cabeleireiros Vasco e Junior, em Catanduva, interior de São Paulo.

“Ela descobriu que tinha dois pais no primeiro dia”, conta Junior.

“Primeiro dia, na verdade foi até interessante. Os psicólogos e assistentes sociais falam que um tinha que ser tratado como pai e o outro tinha que ser padrinho ou tio, ou alguma coisa. E no primeiro dia, nos primeiros 15 minutos que a Theodora chegou, ela estava sozinha no quarto e ela falou assim: ‘nossa então eu tenho dois pais?’. O pai Ju. Então aí o Junior ficou pai Ju e eu, o pai Vasco. Então ela mesmo resolveu que tinha dois pais”, conta Vasco.

Eles se dividem nos cuidados com a filha. Vasco busca na aula de piano. Junior arruma para ir pra escola. A farra na cozinha é com o pai Vasco. Ainda mais no dia que é aniversário de Theodora.

Mas pelo menos uma refeição no dia tem que ser com toda a família.

“Vocês se policiam na intimidade algum tipo de comportamento entre vocês na frente da Theodora?”, pergunta a repórter.

“Não, porque eu acho que uma família também tem que demonstrar afeto um pelo outro”, acredita Vasco.

Nesses três anos, será que eles sentiram preconceito?

“Até então, ninguém chegou pra mim e pro Vasco e falou assim: ‘eu sou contra isso aí, eu não aceito você criar uma criança’”, conta Junior de Carvalho.

Theodora foi o primeiro caso de paternidade dupla reconhecido pela Justiça. Mas casais como Vasco e Junior, ainda não são considerados oficialmente uma família. A novidade, é que isso tem data pra mudar.

“A partir de 2010, o censo demográfico feito pelo IBGE vai investigar os casais homossexuais, ou seja, será aceito que o casal seja do mesmo sexo. Eu acho que muda bastante para os homossexuais eles fazerem parte do censo porque a sociedade brasileira vai poder contar com números sobre esta realidade. A gente espera que vá ajudar a diminuir o preconceito com relação a essa nova forma de organização familiar. Porque se existe afeto, se existe a vontade de adotar uma criança, por que não? É uma família, mas só que uma família diferente”, aponta Ana Lúcia, do IBGE.

Animados com a notícia, Vasco e Junior já pretendem aumentar a família.

O que a Theodora está pedindo para os pais?

“Uma irmã”, afirma a menina Theodora Carvalho da Gama.

“Já estamos na fila de adoção novamente, estamos esperando agora aparecer uma criança com as características que a gente quer: uma menina na faixa de 2 a 5 anos de idade, e vamos esperar quando Deus quiser”, afirma Vasco.

“Família pra gente é a perpetuação, a continuação daquilo que você pode dar de bom e melhor para o seu filho. Família, resumindo tudo, é isso”, acredita Junior.

Na semana que vem você vai ver: tem cada vez menos brasileiros nascendo. Será que a família corre o risco de acabar?

ANEXO E - 5ª reportagem - 31/08/2008

Família brasileira encolheu nos últimos 35 anos

Por que será que os casais estão optando por ter menos filhos?

Uma coisa é certa: nos últimos 35 anos a família brasileira encolheu. Por que será que os casais estão optando por ter menos filhos? E alguns optando até mesmo por não ter filhos. Será que aquela família numerosa está em vias de extinção?

“Eu não tenho tempo pra ter relação sexual com o meu marido. É incrível, mas é a pura realidade”, diz Silvia Cavalcante.

“Aos 31 anos eu radicalizei. Fiz vasectomia”, conta Duda Mack.

“E se o seu namorado, muito apaixonado, você muito apaixonada, se ele pedisse um filho?”, pergunta a repórter.

“Eu daria um pulôver pra ele, porque filho não é presente”, diz Mônica.

Na década de 70, a família tinha em média seis filhos. Na década de 80 baixou para quatro, em 90 a média já era três. Segundo o IBGE, hoje, a média está em menos de dois filhos.

“Vai ter uma hora que nós vamos ter que fazer campanhas de incentivo à maternidade, porque vai acabar a população se as mulheres decidirem, daqui a algum tempo, não ter mais filhos”, diz Ana Lúcia, do IBGE.

Não dá pra jogar a culpa só nas mulheres. Além delas, tem muitos homens também desistindo da idéia de ter filhos. Duda Mack é produtor musical. Mônica Montone, escritora. Os dois juram que adoram criança, mas de longe.

Geralmente uma mulher beirando os 30, começa a bater aquela vontade louca de ter um filho. Agora esse instinto ainda não aconteceu com a Mônica, que está com 29 anos.

“Vontade nenhuma. Porque o meu tempo não me basta. E eu tenho uma vontade de fazer muita coisa ainda que eu acho que com um filho eu não conseguiria fazer”, diz Monica.

“É a chatice da infância. Eu não gosto dessa fase da infância, de criança chorando, daquilo tudo o que você tem que fazer. Você muda a sua vida inteira para o seu filho”, aponta Duda.

“Quando você que não quer ter filhos numa roda de amigos, as pessoas tentam de convencer do contrário?”, pergunta a repórter.

“Tentam, tentam. Dizendo que só um filho dá sentido à vida. Eu acho que é uma responsabilidade muito grande, você pegar um neném e falar: Ele vai dar sentido à minha vida”, acredita Mônica.

O Duda chegou a se casar duas vezes antes de fazer, de fato, a vasectomia, aos 31 anos.

“Isso no terceiro casamento. As duas primeiras mulheres também não eram afim de filho”, conta Duda.

A terceira, com quem ele está casado há oito anos, apoiou totalmente a decisão pela vasectomia. A Cristina, antes de conhecer o Duda, já tinha tido um outro casamento. E o primeiro marido também não quis ter filhos.

“Quando eu conheci o meu primeiro marido, ele já era vasectomizado. E foi uma coisa muito tranqüila para mim. Porque como eu já não tinha a intenção também, então fechou. Foi ótimo”, lembra Cristina Lima.

“Eu acho que cada um tem que fazer o que é bom pra si. E para mim não é bom ter um filho e eu quero ser respeitada por isso. Em alguns lugares eu consigo ser respeitada, em outros não”, conta Mônica.

“Ou você percebe claramente que as pessoas ficam com bronca de você não querer ser mãe, que é uma coisa divina, ou ficam com pena. Com aquilo assim de 'ai, não tem filho?! Não pode ter?!'. Não entende que possa ser uma decisão natural, de não querer ter”, acredita Cristina.

Conversamos com várias mães, babás e perguntamos o que elas acham da Cristina não querer ter filhos. Só pra sentir o pensamento feminino.

“Eu não como criancinha. Avisa a elas antes, porque se não elas vão mandar me tirar da pracinha”, brinca Mônica.

“Quando alguém fala para você: ‘eu não tenho a menor vontade de ser mãe’, você acha estranho?”, pergunta a repórter para uma mãe na pracinha.

“Muito estranho. Porque eu acho que a mulher já nasceu com esse instinto”, responde a mãe.

“Quer dizer que se eu não tiver um filho, eu não sou mulher, então. Eu não estou habilitada para ser mulher? Como é que é isso?”, pergunta Monica.

“Eu já vi muita gente falar: ‘ah, não quero engravidar porque vai crescer o peito, vou ficar flácida’, aquelas coisas fúteis né?”, comenta uma senhora na pracinha.

“Então porque eu sou uma mulher bonita, então a justificativa é que eu não quero ficar feia. Então se eu fosse feia ia valer minha opinião de que eu não quero filho? Como assim?”, pergunta Mônica.

“Antigamente mulher era igual à mãe. Maternidade era destino. Se a mulher não tivesse filho ela não se realizava e não realizava os outros. Hoje, a maternidade é uma escolha, uma opção. As mulheres podem ser alguma coisa a mais do que mãe”, aponta a socióloga Clara Araújo.

Mesmo quem quer muito ter filhos, também tem dificuldade na hora de optar entre ser mãe ou investir na profissão. É o dilema da mulher moderna, que vai adiando, adiando, adiando a gravidez, até que o relógio biológico aperta e avisa: Daqui a pouco vai ser tarde demais.

A primeira vez que o casal Alex e Sílvia tentou engravidar foi em 2004. Chegaram até a fazer o enxoval do bebê. Mas ele não veio. Culpa de quem? Da falta de tempo.

“Se você acreditar que a gente mal tem tempo de se ver, que dirá de fazer amor. Então é muito difícil a gente se encontrar e transar com naturalidade e com tempo. É mais final de semana!”, diz Silvia Cavalcante.

Para complicar ainda mais, Silvia foi promovida. Ou seja: Mais tempo para a profissão, menos tempo para a vida amorosa. Como ela já está com 32 anos, procurou um médico para congelar os seus óvulos e tentar garantir a gravidez. Mais tarde.

“É, no caso específico dela, ela optou por tentar induzir a ovulação, congelar esses óvulos, para no futuro, no momento que ela achar mais apropriado para a vida do casal, fertilizar esses óvulos e tentar essa gestação. De um modo geral, eu recomendo que as mulheres que por alguma razão tentem retardar sua gestação através da cria-preservação dos óvulos, pensem em fertilizá-los e transferi-los no máximo aos 50 anos de idade”, diz o ginecologista Paulo Gallo.

A família é uma das mais antigas instituições do mundo e da história. Ela sobrevive porque tem sempre a capacidade de se adaptar e mudar. E à medida que ela vai mudando, vai tomando cara nova, vai absorvendo o seu tempo.